O ANTIGO TESTAMENTO INTERPRETADO

VERSÍCULO POR VERSÍCULO

Autor
R. N. Champlin, Ph. D.

ECLESIASTES

HAGNOS

ECLESIASTES

O Livro que Expressa o Pessimismo e o Ceticismo do Homem Natural

Eclesiastes

12 Capítulos
222 Versículos

INTRODUÇÃO

Esboço:

I. Caracterização Geral
II. Autor
III. Integridade
IV. Inspiração Histórica da Obra
V. Data
VI. Canonicidade
VII. Uso e Atitudes Cristãs
VIII. Conteúdo
IX. Bibliografia

I. Caracterização Geral

Este livro representa um tipo pessimista de literatura de sabedoria oriental, que mistura declarações otimistas que sugerem que um segundo autor pudesse ter estado envolvido, ou que um compilador posterior misturou os sentimentos expressos por dois autores diferentes. O título, no hebraico *Qoheleth*, que significa Pregador ou Orador da Assembléia, foi traduzido por *ecclesiastes*, no grego (Septuaginta), de onde também deriva o título em português. À base do vocábulo hebraico temos o substantivo *kahal*, "assembléia". Presumivelmente, foi o próprio Salomão quem convocou a assembléia para entregar seus discursos de grande sabedoria. Este livro contém uma coleção um tanto frouxa de material, sendo difícil estabelecer um estrito esboço do seu conteúdo. O trecho de Ecl. 9.17 - 10.20 poderia ser incluído no livro de Provérbios. Algumas porções apresentam o autor refletindo sobre suas próprias experiências ou admoestando outras pessoas, em vez de dirigir um discurso formal a algum tipo de assembléia. A *integridade* do livro é difícil de ser defendida. Quanto a peças literárias, este vocábulo aponta para o conceito de que o livro foi produzido essencialmente por um único autor, e que existe até hoje conforme foi originalmente escrito. Ver sob esse título.

II. Autor

Precisamos lembrar que, nos tempos antigos, atribuir um livro a um autor famoso era considerado uma honra prestada a esse autor, especialmente se algumas de suas idéias estivessem sendo perpetuadas. Porém, muitas obras antigas eram atribuídas a pessoas bem conhecidas com o propósito próprio de promover certas idéias ou filosofias e com a esperança de que o nome vinculado ao livro ajudasse em sua distribuição. Os antigos simplesmente não pensavam como nós, no que concerne a essas práticas. Portanto, a afirmação de que certa pessoa é declarada autora de um antigo livro não garante que assim realmente tenha sucedido. Um exemplo notório dessa atividade aparece nos livros chamados *pseudepígrafos* (ver a respeito no *Dicionário*), uma coleção que tem vários nomes de profetas do Antigo Testamento ou líderes espirituais, como se eles fossem seus autores, embora a realidade tivesse sido outra. É significativo que os Manuscritos do Mar Morto incluam partes de vários destes livros, mostrando que as pessoas, bem ao lado da entrada de Jerusalém, consideravam-nos escritos sagrados. Não nos deveria surpreender, portanto, que alguns poucos dos livros *canônicos* da Bíblia, no Antigo e no Novo Testamento, tenham a eles nomes vinculados como autores, embora a realidade fosse outra.

O trecho de Eclesiastes 1.1 atribui o livro a Salomão. Mas Lutero negava a veracidade dessa afirmativa. De modo geral os eruditos liberais concordam com a avaliação de Lutero, e é seguro dizer que muitos intérpretes conservadores também o fazem. Unger afirma que poucos estudiosos conservadores de nossos dias continuam defendendo a tese de que Salomão foi o autor do livro.

Em favor de Salomão como autor do livro, temos a considerar os pontos seguintes:

1. Eclesiastes 1.1 atribui o livro a Salomão e 1.12,13 quase certamente também o faz.

2. A sabedoria da Salomão é refletida em vários textos, com declarações que mostram Salomão a falar. Ver Ecl. 1.16; 2.3-6 e 2.7,8.

3. O trecho de Ecl. 9.17—10.20 contém muitos provérbios, o que sugere que o autor do livro de Provérbios (Salomão) também foi o autor de Eclesiastes.

4. O caráter ímpar da linguagem e do estilo do livro parecem separá-lo das obras do período pós-exílico, conforme alguns acreditam ser sua data. Isso poderia ser explicado como o desenvolvimento, por parte de Salomão, de uma espécie de gênero de linguagem e expressão literária. Há alguma similaridade com os escritos cananeus e fenícios antigos, o que sugere que Salomão poderia ter tirado proveito dessa literatura, com adaptações próprias. M. J. Dahood, em seu artigo "Influência Cananeu-Fenícia no *Qoheleth*", *Biblica*, 33, 1952, defende essa comparação. Ele examinou inscrições e escritos que datam do século XIV A.C., os tabletes de Ugarite, o *Corpus Inscriptionum Semiticarum* e inscrições fenícias e púnicas. Tentou defender sua teoria com base em fatores como a ortografia fenícia, a inflexão dos pronomes e das partículas, a sintaxe e empréstimos léxicos, termos especiais referentes a itens comerciais e um vocabulário comercial. Os trechos de I Reis 9.26-28 e 10.28,29 mostram que Salomão pode ter tido contato com a língua fenícia, tendo usado termos e expressões comerciais e estilos literários empregados pelos fenícios.

Contra Salomão como autor do livro, têm sido sugeridos os seguintes argumentos:

1. Coisa alguma é mais clara, nos documentos antigos, do que o fato de que as declarações que afirmam autoria com freqüência são espúrias.

2. O autor sagrado pode ter sido um admirador de Salomão e de sua sabedoria, pelo que incluiu referências pessoais a ele, bem como circunstâncias de sua vida, embora esse autor não fosse o próprio Salomão. O que nos admira é que não existam ainda mais livros atribuídos a Salomão. O livro apócrifo, Sabedoria de Salomão, é outro exemplo do nome desse monarca judeu sendo usado para dar prestígio a um livro.

3. Um autor posterior poderia ter imitado os Provérbios de Salomão, tendo incluído no livro (Ecl. 9.17—10.20) uma breve compilação, chegando a tomar por empréstimo certos pensamentos, sem que ele mesmo fosse Salomão.

4. Os argumentos de natureza lingüística poderiam provar uma data antiga para o livro de Eclesiastes, mas também demonstrariam que o autor dificilmente poderia ter sido o mesmo autor do livro de Provérbios. Ademais, um autor antigo, que tivesse escrito em um estilo bastante distinto, poderia ter tomado por empréstimo alguns elementos fenícios, sem que tivesse alguma conexão pessoal com Salomão. De fato, a verdadeira natureza distintiva deste livro parece militar mais contra Salomão, como seu autor, do que em favor dele, a menos que suponhamos que ele conseguisse escrever de duas maneiras inteiramente diferentes, quando passava de um livro para outro, algo que sabemos ser contrário ao que conhecemos a respeito dos autores e seus livros. A linguagem e o estilo literário são as impressões digitais dos autores, o que não se modifica facilmente de um livro para outro senão à custa dos mais ingentes esforços. Exemplos históricos disso são dificílimos de achar.

5. Certas idéias são contrárias à afirmação de que Salomão escreveu o livro de Eclesiastes. Alguns eruditos simplesmente não podem entender como um homem com a sabedoria de Salomão, com uma postura judaica ortodoxa, poderia ter escrito um livro tão pessimista quanto Eclesiastes. Paralelos egípcios e babilônios demonstram que tal livro poderia ter sido escrito na época de Salomão, mas é inteiramente possível que aquilo que achamos neste livro sejam invasões do pensamento helenista cético.

De fato, o propósito central do livro de Eclesiastes foi demonstrar que TUDO É VAIDADE ou inutilidade; que não existem valores permanentes, e que um jovem deveria cuidar para desfrutar o máximo de sua vida *(hedonismo!)*. (Ver Ecl. 1.2; 3.13 ss.; 11.9 - 12.8.) Outros-

sim, o jovem que fizer isso terá pairando sobre a sua cabeça o juízo divino, outro elemento da tese de que tudo é vaidade. "Faze o que bem entenderes; mas sabe que terás de pagar por isso." Esse é um conselho muito difícil de seguir. É possível que Salomão, no declínio e apostasia que caracterizaram sua idade avançada, na verdade, tenha caído nesse tipo de armadilha; e, nesse caso, isso poderia refletir a autoria de Salomão.

6. Alguns lingüistas detectam no livro de Eclesiastes um hebraico posterior, bastante diferente do hebraico da época de Salomão e mais próprio dos tempos helenistas.

7. O pregador mostrou ser muito mais um filósofo e suas atitudes foram bastante similares às atitudes dos filósofos epicureus gregos, após o período da guerra do Peloponeso (404 A.C.). A atitude negativa dos gregos contra a religião judaica reflete-se em livros como I Macabeus e o Livro da Sabedoria, e o autor do livro de Eclesiastes parece ser um reflexo similar. O autor sagrado teria chegado ao mesmo tipo de conclusões a que chegaram seus vizinhos pagãos. O livro, pois, representa uma espécie de meio caminho na direção do paganismo, embora com o desejo de manter a posição da antiga fé. Por esse motivo, a lei continua sendo um elemento importante, e até mesmo o dever do homem (Ecl. 12.13), mas ela não conseguiu impedir que o autor sagrado chegasse a conclusões tão pessimistas.

8. Finalmente, há a questão da canonicidade. Ver a seguir a seção *Canonicidade*. Os próprios judeus não sabiam ao certo o que fazer como livro de Eclesiastes. Se eles tinham certeza de que Salomão era o seu autor, não é provável que tivessem precisado de tanto tempo para incluí-lo no cânon do Antigo Testamento. A canonicidade do livro é algo que continuava sendo disputado nas escolas judaicas dos dias de Jesus Cristo.

Após o exame da evidências disponíveis, parece que a autoria salomônica repousa mais sobre o desejo de conservar a tradição do que sobre a consideração dos fatos envolvidos. As evidências inclinam-se em favor de uma produção helenista, e não de uma produção que antecede a quase 1000 A.C.

III. Integridade

Alguns eruditos argumentam em favor de dois autores distintos que teriam estado envolvidos na escrita do livro de Eclesiastes, em vista de contradições nele encontradas. Outros estudiosos, porém, supõem que isso possa ser explicado pela atividade de algum editor. Há tentativas para atribuir ao Koheleth dois, três ou mais autores; mas as evidências em favor dessa forma de atividade estão longe de ser convincentes. Por outra parte, é patente que algum editor procurou corrigir a incredulidade expressa pelo autor. Esse autor tem sido chamado de "o maior herege da antiga literatura dos hebreus", e algumas de suas declarações deixam consternados os eruditos da Bíblia, desde que o livro de Eclesiastes foi escrito. Para começar, sua filosofia básica de que tudo é vaidade (Ecl. 1.2) é uma atitude pessimista que não concorda com o pensamento comum dos hebreus. O seu hedonismo (Ecl. 2.24 ss.; 11.9 – 12.8) dificilmente concorda com a ética dos hebreus. Uma mesma sorte atinge o sábio e o insensato (Ecl. 2.12-17), de acordo com ele, o que é contrário à essência da teologia hebréia. Ele chega mesmo ao extremo de dizer: "Pelo que aborreci a vida... sim, tudo é vaidade e correr atrás do vento" (Ecl. 2.17). Ele nega qualquer vantagem à sabedoria e ao conhecimento, pois essas coisas também produzem no homem o desespero (Ecl. 1.17,18). O sábio morre como o insensato, e ambos acabam no olvido (Ecl. 2.16,17). Ele também nega a imortalidade da alma, pois o destino do homem seria o mesmo que o destino de um animal irracional (Ecl. 3.18-20). O versículo que se segue especula que pode haver certa diferença entre um homem e um animal irracional — o espírito do primeiro subiria (para alguma outra forma de vida), ao passo que o espírito do segundo desceria, presumivelmente para ser esquecido — o que aparece sob a forma de uma indagação. O autor demonstra esperança, mas não exibe muita fé. Contudo, o trecho de Ecl. 12.7 afirma categoricamente que "o espírito volta a Deus". A maioria dos eruditos pensa que em tudo isso há a obra de um editor, ou de um segundo autor, que procurou suavizar o ceticismo do autor original. Ou o autor original, ao chegar ao final do livro, apesar do seu desespero, resolveu deixar a sua sorte nas mãos de Deus e manifestou-se em favor da imortalidade como um meio de reverter o dilema humano?

Quase todos os estudiosos acreditam que o trecho de Ecl. 12.9-14 consiste em adições editoriais. De fato, o nono versículo foi escrito na terceira pessoa do singular. Ele fala sobre o pregador como uma pessoa diferente dele mesmo. Outras provas de que houve um editor ou um segundo autor encontram-se em Ecl. 2.26, onde se faz clara distinção entre o sábio e o insensato. Ali lê-se que ao homem bom são conferidos sabedoria, conhecimento e alegria, ao passo que o ímpio é coberto de vexames. Isso suaviza um tanto a filosofia do livro: "Tudo é vaidade". O trecho de Ecl. 3.17 parece ser outra adição, visto que o autor apela para o julgamento divino como meio de estabelecer diferença entre o homem bom e o homem mau. O trecho de Ecl. 12.12 provavelmente constitui uma crítica ao autor original, por parte do editor, louvando as declarações do homem sábio, que aparece como um Pastor (vs. 11), e adverte contra passar daí, o que, como é evidente, ele pensava que o autor fizera em seu pessimismo. No vs. 14, ele apela novamente para o juízo divino e indica que este é importante, apesar das declarações pessimistas do autor, pois seremos julgados de acordo com aquilo que tivermos praticado. De fato, a passagem de Ecl. 12.9-14 é uma espécie de adição, onde são acrescidos valores e limitações ao livro, segundo o espírito de ortodoxia. Se algum editor esteve atarefado nisso, é provável que o tenha feito mediante declarações mais otimistas e ortodoxas.

Em favor da integridade do livro, alguns estudiosos pensam que as declarações contraditórias podem ser explicadas mediante a suposição de que um único autor ficou divagando em seus pensamentos, defendendo ora uma posição ora outra, mostrando-se assim autocontraditório, e isto sem se importar em procurar harmonizar idéias mais pessimistas com idéias mais otimistas. Além disso, muitos pensam ser estranho que um editor tentasse salvar uma obra herética, cuja publicação só serviria para prejudicar o judaísmo em sua corrente central. A primeira dessas sugestões é possível. Eu mesmo falo nesses termos, algumas vezes. A segunda dessas sugestões constitui uma boa resposta, até onde posso ver as coisas. Qualquer pessoa que raciocine sobre o livro, apesar de seu pessimismo, fica impressionada pelo fato de que ele é uma excelente peça literária. Suas declarações são sucintas e precisas, curiosas, às vezes, dotadas de penetrante discernimento. Há muitas boas citações, que são freqüentemente ouvidas, extraídas desse livro. Um editor qualquer, fascinado pela beleza do livro, contentar-se-ia em procurar corrigir alguns pontos falhos, em vez de descartá-lo inteiramente. Sua excelência como peça literária é tão inequívoca que aqueles que finalmente fixaram o cânon hebreu (embora ortodoxo) não puderam deixar de incluí-lo, embora a questão há séculos viesse sendo debatida entre os judeus.

Minha conclusão a respeito é que temos apenas um autor principal do Eclesiastes, que um editor posterior procurou tirar as arestas da obra original, e que o trecho de Ecl. 12.9-14 é sua nota de rodapé, como uma sua conclusão sobre a obra do autor. Mas exatamente quanto material foi adicionado, é algo que terá de permanecer em dúvida.

IV. Inspiração Histórica da Obra

Se procurarmos entender o espírito deste livro, descobriremos que o autor era um *filósofo* que, embora judeu, havia sido influenciado pela pessimista filosofia dos gregos, especialmente da variedade epicuréia. Os epicureus sentiam fortemente a inutilidade das coisas, objetando às ameaças de deuses imaginários, que receberiam homens que já teriam vivido de modo miserável, para fazê-los sentir-se mais miseráveis ainda, com seus múltiplos e horrendos julgamentos. Eles preferiam o olvido à imortalidade, como maneira de pôr fim a

tanto sofrimento, e reduziam os poderes divinos, a entidades deístas. *Se* eles realmente existiam, então não teriam interesse nem pelo homem bom nem pelo homem mau. Devemos lembrar que nem todos os judeus ofereciam resistência à helenização. Nem todos os judeus retiveram sua fé ortodoxa em face de inimigos que avançavam destruindo e dispersando, e assim expunham filosofias que podem ter sido consideradas uma avaliação mais justa da vida do que a avaliação apresentada pelo judaísmo, embora essas outras filosofias fossem mais pessimistas. Se o livro de Eclesiastes foi escrito em torno de 225 A.C., então consiste em uma espécie de reafirmação daquilo que restou da fé judaica, visando algumas pessoas, fora da corrente principal do judaísmo, mas que continuavam judias. Muitos judeus haviam começado a duvidar da doutrina dos galardões divinos em favor dos piedosos e dos julgamentos divinos contra os iníquos. Eles chegavam a sentir que, afinal de contas, não há distinções fundamentais entre uns e outros. Nesta vida, a tragédia desaba sobre uns e sobre outros, igualmente; agora ambos vivem na inutilidade; e ambos entram no olvido, após a morte física. Não obstante, o autor sagrado exibe saudável respeito pela lei de Deus. Ele não se bandeara inteiramente para o pensamento pagão. Ver o quinto capítulo do livro, do começo ao fim. Esse foi o elemento que o editor enfatizou, em sua conclusão (Ecl. 12.13,14).

V. Data

Se partirmos do pressuposto de que os argumentos em favor de Salomão como autor do livro de Eclesiastes são fortes, então teremos de pensar que a data de sua composição gira em torno da época de Salomão, cerca de 990 A.C. Impressiona-nos o caráter ímpar da linguagem usada e suas afinidades com as expressões fenícias, mesmo que não aceitemos Salomão como o autor do livro. E podemos supor que este livro seja bastante antigo, se é que sofreu a influência fenícia. Mas, se ficarmos impressionados pela similaridade de idéias com certas idéias helenistas, então talvez devamos pensar numa data de composição em torno de 225 A.C. A maneira como os próprios judeus disputaram sobre o livro, tendo-o incluído no seu cânon sagrado somente após muita relutância, a despeito de ele próprio reivindicar haver sido escrito por Salomão, pesa em favor da data posterior.

VI. Canonicidade

Ver no *Dicionário* o artigo geral sobre **Cânon**, do Antigo e do Novo Testamento.

Quando foi definido o cânon da Bíblia hebraica, por ocasião do concílio de Jamnia, em cerca do ano 90 D.C., muitos judeus opuseram-se ao livro de Eclesiastes, alegando que ele não era digno de se posicionar entre os Escritos Sagrados. E mesmo mais tarde, quando o livro já estava fisicamente presente na coletânea sagrada, supostamente investido de autoridade, muitos rabinos continuaram opondo-se a ele. Quando um judeu piedoso segurava algum livro sagrado, lavava as mãos em seguida, em demonstração de respeito. Mas muitos deles, após manusearem o livro de Eclesiastes, não pensavam que essa providência seria necessária, por não considerarem o livro uma obra inspirada. Seria apenas uma habilidosa peça filosófica, e não um dom do Espírito. Ver a Mishinah, *Yadaim* 3.5. Jerônimo, tão tarde quanto 389 D.C., conhecia judeus que se sentiam insatisfeitos com a inclusão do livro de Eclesiastes entre as Escrituras do Antigo Testamento. Não obstante, o livro tem encontrado um uso devido no seio do judaísmo. O livro de Eclesiastes é lido no terceiro dia dos *Sukkoth* (Tabernáculos), a tradicional festa da colheita entre os hebreus, com o propósito de lembrar aos homens a natureza transitória desta vida, e como uma advertência contra a cobiça pelas riquezas e vantagens materiais, além de servir para reiterar o importantíssimo princípio da necessidade de obedecer à lei de Deus como o maior e mais solene dos deveres humanos.

VII. Uso e Atitudes Cristãs

Os eruditos **liberais** não podem perceber o motivo para tantos debates. O livro volta-se contra certas crenças ortodoxas. E daí? Há pontos bons no texto: o livro exibe bons discernimentos; confere-nos uma melhor compreensão sobre certos desenvolvimentos do judaísmo... De que mais precisaríamos? E os *conservadores*, que têm de defender a idéia da inspiração a qualquer custo, para todos os livros do cânon, são forçados a acomodar-se ao livro, provendo razões *pelas quais* o Espírito Santo teria achado apropriado incluí-lo no cânon. As respostas quanto a essas questões são similares àquelas que acabo de frisar acerca do cânon. O livro diz algumas coisas boas sobre a natureza transitória da vida humana, sobre a vaidade das coisas e atividades terrenas, e contém alguns versículos que servem de excelentes citações. Mas que dizer sobre a sua *falta de ortodoxia*? Até hoje lembro-me de uma noite quando eu estava no escritório do presidente de uma das escolas teológicas que freqüentei, quando ele fora chamado ao telefone. Alguém telefonara para fazer uma pergunta sobre o livro de Eclesiastes. Como é que declarações daquela ordem podem ter penetrado na Bíblia? Ele replicou dizendo que o Espírito deixou que esse livro fizesse parte da Bíblia a fim de mostrar-nos o que o *homem natural* pensa e como ele chega a conclusões negativas, enquanto não recebeu ainda a fé apropriada. Em outras palavras, o livro, em sua porção não-ortodoxa, serviria como uma espécie de exemplo ao contrário, mostrando-nos as coisas que devem ser evitadas, que precisam ser observadas e repelidas. Esse tipo de raciocínio parece atrativo para a mente ortodoxa. E não digo que é uma posição inútil, embora, de certa, maneira seja uma resposta superficial.

C. I. Scofield, em sua Bíblia anotada, diz *in loc.*, afirmando a posição conservadora da melhor maneira possível: "Este é o livro do homem *debaixo do sol*, que raciocina sobre a vida; é o melhor que o homem pode fazer com o conhecimento de que existe um Deus santo, e que ele levará tudo a juízo. As expressões-chaves são *debaixo do sol, percebi* e *disse em meu coração*. A inspiração mostrou acuradamente o que sucede, mas a conclusão e o raciocínio, afinal, são do *homem*. Sua conclusão de que tudo é vaidade, em face do julgamento, pelo que o homem não deve consagrar sua vida às coisas terrenas, certamente é verdadeira; mas a *conclusão* (12.13) é legal, o melhor a que o homem pode chegar, à parte da redenção, sem antecipar o evangelho".

Essa é uma boa declaração, mas mesmo assim continua sendo curioso que um livro herético encontrasse caminho até o cânon do Antigo Testamento, por causa de seu estranho encanto. Não há explicação que possa alterar a estranheza desse acontecimento.

VIII. Conteúdo

A discussão anterior nos provê a natureza essencial do conteúdo do livro de *Eclesiastes*. Abaixo damos um esboço acompanhando idéias bem gerais:

I. *A Vaidade de Todas as Coisas* (1.1-3)
II. *Demonstração da Tese Básica da Vaidade* (1.4 - 3.22)
1. Todas as coisas na vida são transitórias (1.4-11)
2. O mal é provado por seus resultados (1.12-18)
3. Há inutilidade no lucro, no trabalho e nos prazeres (2.1-26)
4. A morte mostra que tudo é inútil (3.1-22)
III. *Um Desenvolvimento Mais Detalhado do Tema* (4.1 - 12.8)
1. As injustiças da vida mostram a inutilidade das coisas (4.1-16)
2. As riquezas para nada servem (5.1-20)
3. A brevidade e futilidade da vida do homem provam a inutilidade das coisas (6.1-12)
4. A inescrutável providência divina prova a inutilidade das coisas (7.1 - 9.18)
5. As desordens e frustrações da vida ilustram a vaidade (10.1-20)
6. Jovens e idosos demonstram a inutilidade das coisas (11.1 - 12.8)
IV. Conclusão (12.9-14)

O dever inteiro do homem: guardar a lei na esperança de receber um bom julgamento divino.

IX. Bibliografia

AM G I IB KOH SCO UN Z

Ao Leitor

O estudante sério deste livro preparará o caminho para este estudo, lendo primeiramente a *Introdução*, onde são abordados assuntos como: caracterização geral; autor; integridade; inspiração histórica; data; canonicidade; uso e atitudes cristãs; conteúdo. A introdução é suficientemente longa para dar informações e compreensão úteis, mas não tão longa a ponto de desanimar o estudante. Este livro apresenta alguns problemas distintos, principalmente suas várias posições não-ortodoxas, que têm levado os eruditos a indagar por qual motivo um livro como o de Eclesiastes foi incluído no cânon. Como é usual, alguns estudiosos conservadores negam que existam problemas reais, mas isso apenas demonstra a atitude de quem quer "conforto a qualquer preço, nem que seja à custa da honestidade", que permeia o fundamentalismo extremo.

Naturalmente, há problemas de pontos de vista conflitantes, dentro do mesmo livro, e posições não-ortodoxas que um rabino médio teria aprovado. Mas esses são "problemas engraçados", que nos dão a oportunidade de investigar, usando a mente e testando nossas idéias. Em vez de tentar omitir-nos, destaquemos as palavras de Erasmo de Roterdã, *quanto à necessidade e ao direito de fazermos livres investigações.* Todos compartilhamos da liberdade de expressão no mundo político, mas qual mundo é mais fechado e qual desfruta menos liberdade de expressão que algumas instituições religiosas? Portanto, enquanto pensamos que a falta de liberdade de expressão "lá fora" é uma afronta à liberdade e aos direitos humanos, alguns estudiosos supõem que a liberdade de expressão, no seio da igreja, seja uma afronta contra a ordem correta das coisas. Aqueles que não se ajustam a isso são submetidos a um programa de perseguição. Nosso objetivo neste mundo não consiste em nos conformarmos, mas, sim, em crescer no conhecimento e na sabedoria. Portanto, lancemo-nos à discussão, sem rancor e sem ódio.

Muitas reflexões deste livro são as de um filósofo, e não tanto as crenças e os ensinamentos morais de um rabino hebreu. O autor evita a insistência sobre a *revelação* para a resolução de problemas. Pelo contrário, ele se mostra interessado na *investigação*, naquilo que via e observava, nas conclusões a que tinha chegado, no conhecimento que continuava buscando. Deus, para ele, como para muitos filósofos, é o *originador inescrutável* das coisas, bem como o determinador da sorte humana. Quanto ao lado *pessimista*, ele sentia que o caráter humano e as realizações não faziam diferença na sorte que eventualmente o atingiria. Quanto ao *lado otimista*, ele via o espírito humano retornando para Deus (Eclesiastes 12.7). Não obstante, no início do livro, não há atitude de retorno, e o destino humano é idêntico ao dos animais: o *nada* (Eclesiastes 3.18-20). Para muitos eruditos, tais declarações contraditórias indicam dois autores, e não um único, que mudou de atitude mental conforme foi avançando. De modo geral, os livros do Antigo Testamento são marcados pelo otimismo, mas certas partes caem no mais profundo pessimismo, cuja primeira definição é: "a própria vida é um mal".

Literatura de Sabedoria. O livro de Eclesiastes assume seu lugar paralelamente à literatura de sabedoria, embora, em muitas instâncias, trate-se de um reflexo dos pontos de vista pessimistas dessa forma de literatura. Ver *Sabedoria*, na terceira seção, da *Literatura de Sabedoria*, tanto a canônica como a não-canônica.

Se a questão da data é controvertida, o tom racionalista do livro e suas reverberações das filosofias gregas apontam para uma data em torno do século III AC., mas verificar a discussão na seção V da *Introdução*.

"A inclusão, na Bíblia, de uma obra que varia tanto com seu ensino dominante, causa perplexidade. Pode ser explicada por sua associação tradicional com Salomão, seu patrocínio por *homens sábios* e influentes, bem como pela inclusão de um pós-escrito ortodoxo (Eclesiastes 12.9-4), que exibe a posição religiosa à luz da qual o livro deve ser entendido" (*Oxford Annotated Bible*, na introdução ao livro). Tendo-se afirmado isso, outra coisa precisa ser dita: trata-se de um livro encantador e bem escrito (embora nenhuma tentativa tenha sido feita para conseguir uma estrutura formal), pleno de declarações concentradas, que atraem nossa atenção (embora algumas sejam bastante pessimistas e céticas). Em outras palavras, o tratado era simplesmente bom demais, considerado como um todo, para ser deixado de lado. Esse tratado oferece, para teólogos e filósofos, boa chance de exercerem sua capacidade de discussão, argumentação e debate.

Pode-se deduzir que o autor sacro, depois de muita pesquisa, veio a advogar o niilismo como filosofia de vida. Ver os comentários em Eclesiastes 2.25, que chegam a essa tentativa de conclusão. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Niilismo*.

O Uso de Filosofia. O pregador (segundo a palavra hebraica correspondente) foi na realidade um filósofo. Era um hebreu que abordava a filosofia com alguma habilidade; no entanto, seu pessimismo explica as contínuas conclusões negativas apresentadas. É necessário saber algo sobre filosofia, para entender este livro. Ao longo do caminho, recomenda-se que o leitor examine na *Enciclopédia* os artigos indicados, para que compreenda o que o escritor sagrado estava tentando dizer.

EXPOSIÇÃO

Capítulo Um

É impossível traçar o esboço deste livro, já que ele não segue nenhuma ordem ou divisão de *apresentação* dos temas. O melhor que podemos fazer é fornecer uma essência de cada capítulo. São tratados tantos assuntos diferentes, que podemos apenas apontar, aqui e ali, grupos de versículos que seguem, por algum tempo, um tema comum.

Literatura de Sabedoria. Quanto a uma discussão sobre a literatura de sabedoria canônica e não-canônica, ver no *Dicionário* o artigo chamado *Sabedoria*, seção III. O livro de Eclesiastes é um membro canônico desse tipo de literatura.

Essência do Capítulo 1. "Koheleth (o pregador) assevera que o curso da natureza não se altera. O presente é como o passado; coisa alguma é nova, e essa eterna igualdade continua a ser a natureza da existência humana. O autor teve uma experiência de vida bem ampla e já havia aprendido que isso não nos conduz a nenhuma *vantagem duradoura.* A sabedoria que ele possuía não fazia diferença alguma em suas condições, exceto pelo fato de que isso aprofundava a tristeza causada por sua compreensão da utilidade da vida" (O. S. Rankin, introdução ao livro).

O autor sagrado não acreditava em um pós-vida com castigos pelo mal e recompensas pelo bem, e essa era a base real de seu pessimismo sobre a vida. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Pessimismo.* A primeira definição do pessimismo é que a própria existência é um mal, sendo essa, essencialmente, a posição que o autor do livro de Eclesiastes (de modo tão contrário ao restante do Antigo Testamento) tomava. A conclusão ortodoxa do último capítulo do livro, provavelmente escrita por algum editor, reverte tal posição, mas esse não é o princípio orientador do livro de Eclesiastes.

Introdução: Futilidade de Todo o Empreendimento Humano (1.1-11)

A Vaidade de Todas as Coisas (1.1-3)

O autor identificou-se (vs. 1), afirmou seu tema inicial (vs. 2) e defendeu-o.

1.1

Palavra do Pregador, filho de Davi. No hebraico original, "pregador" é tradução de *koheleth*, termo que também tem sido traduzido por *filósofo,* visto que o livro é como o discurso de um filósofo pessimista, e não tanto como a pregação de um rabino ou de um homem sábio. O autor chamou a si mesmo de filho de Davi, rei de Jerusalém, o que nos dá razões para compreender que se tratava de *Salomão.* A maior parte dos críticos, entretanto, pensa tratar-se de uma convenção literária, e não de uma declaração séria de que Salomão tenha sido o *verdadeiro autor* de Eclesiastes. Os costumes antigos, no tocante à autoria de um livro, *permitiam* esse ponto de vista, já que um homem podia escrever no nome de outrem; é o que se dá no caso presente, no qual Salomão, o mais sábio dos homens, aparece como o autor sagrado, honrando-o como tal, ou, pelo menos, assim o verdadeiro autor sacro o apresentou. Os antigos estavam acostumados a essa espécie de "autoria", embora a questão fosse anacrônica. Em outras palavras, não podemos aplicar nossas idéias sobre a alegada imoralidade de tais reivindicações. Os antigos nada viam de errado nessa prática, a qual refletia uma forma literária generalizada, como também um costume usual. Lutero negava a veracidade da reivindicação da autoria de Salomão, e muitos outros estudiosos emitem a mesma opinião, com base no conteúdo do livro, que, segundo eles sentiam, não poderia ser atribuído ao mais famoso sábio de Israel. Ver esse assunto, com opiniões a favor e contra, na *Introdução,* seção II. Quanto a uma nota mais detalhada sobre a palavra hebraica *koheleth*, ver a seção I da *Introdução,* I, *Caracterização* Geral.

1.2

Vaidade de vaidades! diz o Pregador. O pregador continuava a pregar, ou, então, o filósofo continuava o seu discurso pessimista, lançando seu fundamento: *tudo é vaidade* (no hebraico, *hebhel*, isto é, mero *sopro*, um bafo de vento). O bafo de vento vai e vem, mas coisa alguma acontece; coisa alguma é importante; coisa alguma se reveste de relevância; coisa alguma tem substância; a vida humana é vã e inútil: essa é a posição do *pessimismo* (ver a respeito na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia).*

> *Os montes gemeram nas dores do parto;*
> *Grandes expectativas encheram a terra.*
> *E eis! um ratinho nasceu.*
>
> (Fedro, Fábulas, IV.22.1)

"Vaidade, *sopro*, indicando a natureza infrutífera, a falta de alvo, o vazio e a transitoriedade de tudo quanto sucede à face da terra (cf. Eclesiastes 2.26)" (O. S. Rankin, *in loc.*).

Note o leitor que a palavra hebraica *hebhel* foi usada cinco vezes neste versículo. "Quatro dessas vezes são a dupla repetição de uma construção no *superlativo*, no hebraico, que poderia ser traduzida por 'vaidade de vaidades' (King James Version); *sem sentido, sem sentido!*' (Donald R. Glenn, *in loc.*, que conseguiu assim comunicar a natureza enfática da declaração).

Tudo é vaidade. Isto é, toda a vida e todos os empreendimentos humanos, incluindo a obtenção de sabedoria, tão valorizada entre os sábios do Oriente. Todavia, esse "sábio" apresentava uma sabedoria canhestra, eloqüente, sim, mas totalmente pessimista.

Este versículo apresenta a nota-chave do livro inteiro de Eclesiastes. O vocábulo "vaidade" ocorre 37 vezes aqui, e somente 33 vezes no restante do Antigo Testamento.

O propósito do livro de Eclesiastes é "ensinar a natureza insatisfatória de todas as coisas terrenas, e também que, por todos os lados, abundam necessidades, tristezas e temores" (Fausset, *in loc.*). O epílogo ortodoxo procura redimir tudo isso, mas, sem dúvida, foi feito por um editor posterior que tentou tornar o livro mais aceitável aos ouvidos dos judeus. O epílogo (capítulo 12) encontra valor em Deus; e isso exprime uma verdade, embora essa não seja a luz orientadora do livro. De fato, o princípio normativo do livro de Eclesiastes são as trevas, e não a luz. Ver Eclesiastes 12.8, que é uma duplicata deste versículo e encerra as palavras do triste filósofo. Há ali mais detalhes sobre o *vazio.* Ver também Eclesiastes 2.24,25.

1.3

Que proveito tem o homem de todo o seu trabalho...? O autor sacro ataca aqui o *trabalho do homem*, para ilustrar a sua tese e, contra o restante do Antigo Testamento, descobre que essa é apenas uma das muitas formas de vaidade, inutilidade e vazio; nada senão *sopro*, a brisa que passa e se vai em um instante, sem ter conseguido realizar nada de novo.

Que proveito...? Algo que nos concede alguma *vantagem* ou algo de valor. Esta palavra aparece nove vezes no livro, sempre em contextos negativos: Eclesiastes 1.3; 2.11,13; 3.9; 5.9,16; 7.11; 10.10,11. Todo proveito, porém, é inútil, visto que não há proveito genuíno em coisa alguma que os homens façam à face da terra.

Debaixo do sol. Em *todos os lugares,* por toda a parte, à face da terra, os homens trabalham em alguma coisa, levando a sério a si mesmos e a seu trabalho. Muitos homens fazem de seu labor a própria vida, como se fosse uma esposa; eles casam com o trabalho e dedicam a ele toda a energia. Mas, sob um escrutínio mais acurado, o autor sacro descobriu que todo o labor era ignorante, estúpido e inútil. Trabalhar ou não trabalhar, tudo se reduz ao *nada.*

Os vss. 3-8 foram escritos como uma composição poética, cuja substância é a de que a natureza revela uma monotonia mortífera, que termina em nada. O autor sagrado apresenta várias ilustrações dessa mesma espantosa vaidade: não há proveito final no labor humano. Os homens trabalham a fim de ganhar alguma coisa, fixando sua atenção nisso, mas um vácuo espera por toda essa labuta. Por outro lado, não trabalhar conduz os seres humanos ao mesmo alvo: o nada. Se levássemos a sério o que disse o autor sagrado, todos pararíamos de trabalhar para desfrutar os prazeres, que também são inúteis, mas, pelo menos, divertem e enchem de alegria nossa mente.

Demonstração da Tese Básica da Vaidade (1.4 – 3.22)

Todas as Coisas da Vida São Transitórias (1.4-11)

Existem as trocas incessantes e inúteis das gerações (vs. 4); os intermináveis ciclos sem proveito da natureza (vss. 5-7); o labor humano que, embora cansativo, nada produz de satisfatório ou permanente (vss. 8-11). Ademais, todas essas coisas trazem a mais terrível fadiga e o pior enfado. Isso é o *pessimismo.* Ver esse termo na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.*

1.4

Geração vai, e geração vem. Cada indivíduo é levado a pensar que pertence a algo especial, ou que tem algo especial a fazer. Mas cada indivíduo passa, conforme acontece e aconteceu a todos os outros. Não há vida além do sepulcro que redima esse desperdício. Além disso, não há reencarnação que dê continuidade à existência ou crie propósito para ligar as gerações, cooperando para alguma espécie de benefício. O autor sacro nada descobriu de remidor na vida humana. A única coisa permanente são as mudanças, mas essa é uma falsa permanência.

Cf. este versículo com Eclesiástico 14.19, que contém algo similar. Este livro tem, realmente, como autor, um homem que tateia seu caminho à *luz do dia*, que, na realidade, são *trevas*. O livro não é redimido pela revelação divina senão no *epílogo* (capítulo 12), o qual, sem dúvida, foi escrito por outro autor, como apêndice editorial. Os escritores judeus posteriores e intérpretes cristãos não cessam de injetar, nestes versículos, esperança e luz divina, querendo que fixemos nossos olhos no alto, embora o próprio autor sacro não tenha feito isso. Que o homem anuncie sua pesada mensagem e se volte para outro lugar, para dali receber iluminação.

1.5

Levanta-se o sol. A própria natureza está pasmada na mesma rotina mortífera que termina em nada. O sol aparece e desaparece, aparece e desaparece, *subindo e descendo no mesmo lugar; produzindo luz e, então, ocultando sua luz.* E daí? Que bem se deriva de tudo isso? O maior crime do homem foi ter nascido e se misturado a toda essa insensatez e nulidade. A morte, porém, põe fim à futilidade, substituindo-a pelo eterno nada. A incessante repetição da natureza, quanto às mesmas coisas, é tão inútil como a labuta sem alvo do homem (vs. 3). Nenhum hebreu ortodoxo teria falado sobre os céus de Deus em termos semelhantes. Temos aqui p discurso de um filósofo oriental pessimista. Portanto, como *seu livro penetrou no cânon do Antigo Testamento? Ver a seção VI da Introdução* e também o parágrafo intitulado "Ao Leitor", imediatamente antes da introdução ao capítulo 1. O que convém admitir é que o livro de Eclesiastes é uma produção literária aguda e eloqüente, qualidades que, sem dúvida, obtiveram votos quando a eleição ocorreu.

Volta ao seu lugar. No hebraico temos, literalmente, a palavra que significa "arfa", como se estivesse correndo e respirando com *dificuldade para cumprir seu* circuito. Mas a pressa demonstrada pelo sol significa apenas outra *repetição* da mesma futilidade cósmica. O sol "arfa", ou seja, cansa-se tal e qual acontece aos homens em seu trabalho: por nada.

1.6

O vento vai para... volve-se e revolve-se. Os ventos são coisas misteriosas. Mas até onde podemos discernir, eles correm para o sul, então para o norte, volvendo-se e revolvendo-se em circuitos insensatos, que resultam em absolutamente nada, servindo a propósito nenhum. Hoje eles se põem em sua carreira louca, e amanhã a dose se repete. Que diferença faz aos ventos soprar ou não soprar, soprar para o sul ou para o norte, ou não soprar de maneira alguma? O norte e o sul eram as direções mais constantes que tomavam os ventos na Palestina. Por isso mesmo, são as direções citadas na Bíblia. Portanto, além da vaidade *humana* (vs. 3) e da vaidade *cósmica* (vs. 5), temos também a vaidade *atmosférica* (vs. 6). Essa foi a maneira pela qual o *triste filósofo* sumariou as coisas para provar sua tese da *inutilidade* total. Não faz diferença alguma, entretanto, se ele provou ou não sua tese, nem se escreveu este livro ou não. Por outra parte, ele não tinha mais o que fazer, pelo que foi o autor do livro. Escrever um livro é um tédio, e não escrever um livro é maçante, e ambas as coisas são manifestações da vaidade.

1.7

Todos os rios correm para o mar. Chegamos agora à inutilidade dos ciclos terrenos. A evaporação retira água do mar, forma nuvens e deposita água em *terra firme; ali, a água forma rios que, obedientemente, correm de novo para sua* origem, o mar, e o mesmo processo desanimador acontece seguidamente. As águas poderiam permanecer no mar. É verdade que, na terra, as águas promovem vida, mas a vida é vã. Mas, se as águas tivessem permanecido no mar, pelo menos seriam tranqüilas, e, se todas as coisas morressem, então teríamos a serenidade, em vez de todo esse correr frenético e sem propósito. Não obstante, a calmaria é uma manifestação do nada, da mesma maneira que o é a agitação. Somente os perdedores jogam esse jogo, pois todos os homens são perdedores.

Note-se como o autor sacro deixa Deus do lado de fora de tudo isso, o que um judeu ortodoxo jamais faria. O autor sacro é um filósofo mecanicista, que vê a natureza como uma espécie de engrenagem. Ele não encontra no homem e na natureza nenhuma operação divina ou propósito.

A despeito de todos os *esforços frenéticos* dos rios, como se quisessem *encher* os mares, eles fracassam. Os mares mantêm seu nível, mas, mesmo que isso não ocorresse e eles transbordassem, também nada significaria. Todas as atividades da natureza são monótonas; a natureza toca uma única música e, sem dúvida, o filósofo estava cansado dessa música. Cf. Eclesiástico 40.11.

1.8

Todas as cousas são canseiras. *Todas as cousas* significam tudo quanto o filósofo havia descrito: os labores do homem; os movimentos inúteis do sol e dos ventos; os ciclos inúteis pelos quais passam as águas; tudo isso é burício que leva à exaustão. Tanto o homem quanto a natureza se cansam da monotonia e da repetição inútil das coisas. A situação é tão sinistra, que um homem não pode encontrar palavras adequadas para descrevê-la, o que é apenas mais uma falha, em meio à falência geral. Seus olhos continuam vendo, seus ouvidos continuam ouvindo, mas a percepção dos sentidos é apenas outra forma de vazio, despropositada, pois ver é a mesma coisa que não ver, ouvir é o mesmo que não ouvir. O espírito do homem torna-se cansado de tanto ver e ouvir. Afinal, que diferença faz se um homem está vivo ou morto, usando sua percepção dos sentidos ou não? "Todas as coisas estão enfadadas em seus respectivos cursos. Ninguém pode descrever tudo isso. Não vive o olho farto de tanto ver e o ouvido sobrecarregado de tanto ouvir?" (O. S. Rankin, *in loc.*). "Este versículo enseja outra tradução, com o seguinte sentido: outras instâncias da mesma espécie poderiam ser mencionadas, mas são tão numerosas que seria uma canseira contá-las uma a uma" (Ellicott, *in loc.*, o qual, entretanto, rejeita essa tradução como sendo boa). O Targum dá-nos a idéia da *incapacidade* do homem de ver e ouvir tudo. Mas, se um indivíduo pudesse ver e ouvir tudo, prestando contas perfeitas de todas as coisas, isso também faria parte da mesma vaidade geral. As ilustrações e argumentos do autor são suficientes para provar sua tese de *vazio generalizado*.

1.9

O que foi, é o que há de ser. O que foi feito, o será novamente; nada de novo acontece debaixo do sol. *Tremenda monotonia* assinala a existência inteira, e a monotonia é a própria essência de toda vida e de toda a existência. Os vss. 9-11 formam uma espécie de conclusão dos vss. 3-8. É por isso que perguntamos: "Se houvesse algo novo sob o sol, seria de alguma utilidade?". O autor sagrado teria apresentado uma dúzia de argumentos para mostrar que as *coisas novas* seriam tão vãs como as antigas. Ademais, as coisas novas logo seriam interminavelmente repetidas e tornar-se-iam antigas.

Numa época em que a ciência era muito primitiva, verdadeiramente pouquíssimo surgia que pudesse ser chamado de novo. Mas mesmo nestes dias, de coisas verdadeiramente novas, ouso dizer que nosso triste filósofo não teria modificado suas declarações pessimistas.

Que o leitor contraste este versículo com Jer. 31.22; Isa. 43.18; 65.17. Coisas novas nos excitam a mente e aliviam o enfado. Mas estar ou não enfadado representa sempre igual futilidade, embora sejam pólos opostos da mesma coisa. Sêneca, embora não fosse pessimista, observou as repetições intermináveis das coisas: "Nada de novo eu vejo; nada de novo eu faço" (*Epist.* 24). Trazer à baila, aqui, a novidade do Novo Testamento é anacronismo. Sabemos que o triste filósofo tinha uma filosofia inadequada, mas deixemos que ele diga o que tinha para dizer, sem interrompê-lo continuamente.

1.10

Há alguma cousa de que se possa dizer: Vê, isto é novo? Este versículo reitera essencialmente as idéias do anterior. O filósofo desafia a que se apresente um exemplo de coisa nova. Ele estava certo de que qualquer coisa que fosse mencionada facilmente poderia parecer antiga e, portanto, tediosa e inútil. Certas coisas poderiam ser esquecidas, como se estivessem fora da existência, como se nunca tivessem acontecido. Mas um pouco de investigação demonstraria que, "lá atrás, no passado", aquela coisa tinha existido, ou tal acontecimento ocorrera. A expressão "já foi" significa um passado indefinido e ocorre oito vezes no livro de Eclesiastes: 1.10; 2.12,16; 3.15; 4.2; 6.10; 9.6,7. Isso aparecia com freqüência no hebraico posterior. Ao convocar testemunhas, o autor universalizou as declarações pessoais que já tinham sido proferidas anteriormente.

1.11

Já não há lembrança das cousas que precederam. As coisas que aconteceram são logo esquecidas. O mesmo se aplica a coisas que ainda irão acontecer. Grande inundação, de certa feita, atingiu um dos estados orientais dos Estados Unidos da América. Entre outros atos de destruição, a inundação alcançou um ou mais cemitérios. Um esquife de bronze foi encontrado a flutuar em um rio e nele havia o corpo bem preservado de uma bela e jovem mulher. Ela tinha longos cabelos ruivos, que lhe desciam pelos ombros. O esquife tinha mais de cem anos. Sabia-se onde e em que época esses esquifes eram fabricados, mas ninguém sabia quem era aquela mulher e de onde o esquife viera. Podemos imaginar que, quando ela morreu, tenha havido choro e lamentações, mas não restou ninguém para continuar chorando. Tudo seria realmente inútil, a menos que houvesse uma vida para além da vida biológica. O triste filósofo que escreveu essas linhas não acreditava em reversão, de espécie alguma, em um pós-vida.

O Mal é Provado por Seus Resultados (1.12-18)

A Vida Humana Não Tem Propósito. O pregador (filósofo) apresenta agora seu juízo sobre o valor da vida, tese inerente ao material escrito antes deste ponto. E ele acaba brindando-nos com certo número de julgamentos de valor. O filósofo era um triste homem mecanicista, mas isso não quer dizer que não encontrasse mal no mundo. Ele não era moralmente neutro, mas que diferença faz a moralidade?

1.12

Eu, o Pregador. O triste filósofo reafirma sua "identidade salomônica" e assim obtém prestígio para suas declarações. Ele era rei de Israel e operava em Jerusalém, pelo que não lhe faltavam credenciais; sobejavam-lhe oportunidades de observar as coisas, grandes e pequenas, importantes e sem importância. Ver o vs. 1, quanto a uma discussão sobre a autoria do livro, e a seção II da introdução.

O autor retrata-se como Salomão considerando suas experiências de vida anteriores, com muitas coisas a dizer. Infelizmente, porém, tudo quanto ele tinha para dizer era negativo e inútil, simplesmente nada. O autor sacro mostrou-se um tanto descuidado, porquanto retratou Salomão como se ainda estivesse vivo, considerando o seu passado, mas falando como se não fosse mais rei. Em Eclesiastes 2.7,9, o autor sacro falou sobre outros reis que viveram antes dele; mas só houve, em Israel, dois monarcas anteriores a Salomão: Saul e Davi. Havia um costume, entre os reis do Egito, de fazer discursos de sabedoria quando *capitulavam*, e o presente versículo pode ser um reflexo desse costume. Seja como for, o pseudo-Salomão-triste-filósofo pode ser um reflexo desse costume antigo, dando prosseguimento a seus discursos pessimistas, a fim de atrair a atenção das pessoas, fazendo drapejar a bandeira de Salomão. Esta seção está repleta dos termos "sem sentido", ou algum sinônimo, dificilmente usados pelo mais sábio de todos os homens.

1.13

Apliquei o coração a esquadrinhar. O *pseudo-Salomão-triste-filósofo* já tinha visto todas as coisas; aquilo que ele não tinha visto pessoalmente, investigara detalhadamente com os *próprios olhos*. Ele perscrutou a questão da *sabedoria humana*, investigou por toda parte e leu muitos livros, para ver o que poderia descobrir. Ele sondou a sabedoria e *aplicou toda a sabedoria de que dispunha* em suas investigações. Erasmo de Roterdã teria gostado do autor sagrado, porquanto também apreciava a *livre investigação*. O pregador procurava tirar algum sentido do que acontece neste mundo, mas ficou amargamente desapontado. *"Deus* só tem dado aos homens uma *atividade infeliz* (Revised Standard Version) ou um *dolorido* labor" (King James Version). Os homens, ao tentar trabalhar com o material dado por Deus, só têm encontrado desapontamentos. O filósofo identificou Deus como a Causa Única e inventou uma providência divina toda-negativa, do que resultariam apenas *pesadas cargas* para os homens, conforme alguns traduzem o original hebraico. A palavra assim traduzida (*inyan ra'*) também aparece em Eclesiastes 2.23,26; 3.10; 4.8; 5.3,14 e 8.16, mas não figura em nenhuma outra passagem do Antigo Testamento. Essa palavra é comum entre os rabinos hebreus. Deus é retratado a infligir aos homens suas cargas pesadas. Ele é a fonte originária de toda a calamidade. A teologia dos hebreus era fraca quanto a causas secundárias, e isso passou para o Novo Testamento em passagens como o capítulo 9 da epístola aos Romanos, bem como na teologia calvinista, que faz de Deus a origem do mal, e não meramente do bem, porquanto também nesse sistema Deus é a Causa Única.

Algumas teologias asseveram ser o homem motivo de desapontamento para Deus, mas aqui Deus figura como a causa do desapontamento para os homens. Deus não tratava os homens com justiça. Essa era, igualmente, uma declaração de Jó, um dos problemas sobre os quais ele meditou e sobre o qual muitos têm meditado, desde então. *Por que os homens sofrem, e por que sofrem da maneira como sofrem?* Essa é a essência do *Problema do Mal* (ver no *Dicionário* a respeito, quanto a explicações).

1.14

Atendei para todas as obras que se fazem debaixo do sol. O *triste filósofo* foi capaz de obter uma visão panorâmica de todas as obras que os homens fazem debaixo do sol, e também, presumivelmente, de todas as obras da natureza. Sua avaliação foi totalmente negativa: tudo não passa de uma baforada de fumaça, de uma brisa soprada pela *vaidade*, que é vazia e representa o nada. Ver o vs. 2 deste capítulo, onde a tese é ousadamente proferida, sendo agora confirmada, após longa e diligente investigação. Ele procurou por toda parte "debaixo do sol", isto é, na terra, e não encontrou razão alguma para modificar sua mente pessimista a respeito da sombria inutilidade da vida humana. As obras do homem são moralmente boas ou más (e a lei é que as determina), mas igualmente inúteis.

A vida é cavada a ferro na melancolia central,
E aquecida até ficar em brasa com temores requeimantes.
Mergulhada em banhos de lágrimas profusas,
Espancada com os choques da condenação.

(Tennyson, *In Memoriam*)

E correr atrás do vento. Há uma frase parecida com essa, em Osé. 12.1: "persegue o vento". Trata-se de uma "fotografia gráfica de esforços gastos sem a obtenção de resultados, pois ninguém pode apanhar o vento em suas mãos. Essa expressão é usada nove vezes em Eclesiastes: 1.14,17; 2.11,17,26; 4.4,6,17 e 6.9" (Donald R. Glenn, *in loc.*).

1.15

Aquilo que é torto não se pode endireitar. Quando o filósofo fala sobre coisas tortas, quase certamente está fazendo um julgamento de valor. Há coisas tortas neste mundo, pois os homens praticam o mal e a natureza os aflige. Torto também significa, nesta passagem bíblica, algo escuro, errado, as cargas pesadas do vs. 13: coisas boas e más, mas sem conserto. E, ainda que houvesse remédios, elas tomariam formas de inutilidade. As coisas foram determinadas, precisam acontecer da maneira como são; mas, de qualquer modo, são erradas. As coisas são *incompletas*, como se não pudessem ser numeradas. Portanto, há aquilo que é bom e aquilo que é mal, coisas incompletas, coisas que correm erradas, tudo manifestando o problema do mal. Existem imperfeições e sofrimentos inexplicáveis; existem desastres, enfermidades, assassinatos e ultrajes. E quem pode fazer alguma coisa a esse respeito? "A sabedoria do Koheleth é tristemente incompleta" (Gaius Glenn Atkins, *in loc.*).

1.16-17

Disse comigo: Eis que me engrandeci e sobrepujei. O *grande Salomão*, que tinha obtido toda aquela fantástica sabedoria, mais que qualquer homem em Jerusalém, antes ou depois dele, e que tinha vastíssima experiência e conhecimento, chegou à conclusão de que até mesmo isso era "correr atrás do vento" (vs. 17). Por que deveria haver algo tão completamente inútil? Por ser *incompleto?* Em parte, mas não somente por essa razão: porque *em si mesmo* nada valia. Isso contradiz toda a literatura do tipo positivo, onde a *sabedoria* é o tesouro que deve ser obtido, para uma *vida* plena, feliz e útil (Pro. 4.13). Toda a literatura de sabedoria esforça-se por convencer os homens de que obter sabedoria é uma experiência útil e recompensadora, muito desejável e digna de ser buscada. Ademais, a sabedoria está alicerçada na lei, e isso era tudo para os hebreus. Por conseguinte, temos aqui o espetáculo de um sábio a descobrir, no fim, que a lei não era tão boa assim, algo inconcebível para a mentalidade dos hebreus.

O Poeta Sacro Fez Julgamentos de Valores. Ele descobriu tanto a insensatez quanto a sabedoria, e veio a compreender ambas as coisas, mas isso não lhe fez bem algum, nem o levou a nenhuma finalidade; não resolveu problemas para ele, porquanto a busca inteira era fútil. Se um homem não acredita na existência pós-vida, o que acontecia com o autor sagrado, é fácil saber por que ele termina chegando a tal conclusão.

Não existe método para distinguir, de modo absoluto, a verdade do erro, a sabedoria da insensatez. Poderia haver ilusão no processo inteiro. O que parecesse sabedoria, na realidade, poderia ser apenas insensatez disfarçada. Se essa era uma das posições defendidas pelo triste filósofo, então ele terminou em um pessimismo relativo. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* os artigos denominados *Relativismo e Pessimismo.*

1.18

Porque na muita sabedoria há muito enfado. Supostamente, a sabedoria nos diz como as coisas *devem ser*, mas vemos que elas não são daquela maneira e nos sentimos vexados. A sabedoria traz consigo uma espécie de fraqueza e derrota, antes da sorte, o que nos maltrata a despeito do que sabemos. Sua aquisição, longe de aliviar a depressão criada por um ponto de vista mundial pessimista, na realidade aumenta a angústia mental (a tristeza) e o abatimento de coração. O conhecimento é o aliado da sabedoria e produz o mesmo efeito que ela. *Quanto mais conhecemos sobre nosso próprio "eu" e sobre o dos outros, mais pessimistas nos tornamos quanto aos ideais.*

As Quatro Máximas dos Vss. 15-18:

1. O homem sábio, com sua doutrina de Deus como Causa Única, amargura-se perante o que a sorte faz, e não vê recurso contra isso (vs. 15).
2. O sábio busca um guia infalível para a vida e a existência, e, quando não descobre nenhum guia, amargura-se e sente-se abandonado (vs. 16). Sua sabedoria acaba decepcionando-o, pois promete mais que entrega.

3. O aumento da sabedoria e do conhecimento traz maior senso de fraqueza e fracasso. A sabedoria não oferece solução para o problema da tragédia humana (vs. 17).
4. Aplicar sabedoria à vida é, no mínimo, incerto. Nisso, manifesta-se a tristeza (vs. 18).

Capítulo Dois

A Inutilidade dos Prazeres, do Lucro e do Trabalho (2.1-26)

Os Prazeres e a Busca pelos Prazeres São Inúteis (2.1-11)

A experiência com os prazeres: vss. 1-2. Como a experiência foi usada na prática: vss. 3-10. A futilidade de qualquer coisa dessa ordem: vs. 11. Não basta aplicar meras teorias. Um homem precisa experimentar para compreender as coisas. Portanto, o filósofo decidiu verificar com o que se parecia a vida do hedonista, para então fazer sua própria avaliação. Assim, adotou o vinho, as mulheres e as canções como estilo de vida, durante algum tempo. Os reis orientais tinham todas essas coisas em abundância, e o filósofo continuou a apresentar seu caso *como se fosse* o caso de Salomão. "Tendo experimentado a sabedoria e a investigação filosófica, ele prosseguiu a fim de averiguar de que forma um aprazimento jubiloso contribuiria para tornar um homem feliz" (Ellicott, *in loc.*). Portanto, ele se tornou um eudemonista em sua posição filosófica. Em outras palavras, hedonisticamente, ele passou a buscar a felicidade por meio dos prazeres, talvez o mais comum de todos os empreendimentos humanos. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* os verbetes chamados *Eudemonismo e Hedonismo.*

2.1

Disse comigo: Vamos! eu te provarei com a alegria. A *triste filosofia* assim se tornou por suas falsas presunções acerca do valor do trabalho (vs. 3), e por causa do enfado de atos repetitivos no cosmo, na natureza e no homem (vss. 4-8); todas as coisas são antigas, vexatórias e enfadonhas (vss. 9-11). A própria sabedoria é desapontadora e somente acrescenta mais tristeza à vida (vss. 13-18). Por conseguinte, experimentemos os prazeres que os homens tanto apreciam, para ver se esses descobriram algum segredo que os sábios esqueceram.

O *filósofo* comungou com o próprio coração, dizendo: "Vamos testar os prazeres. Divertir-me-ei à vontade para tentar obter a felicidade e algo digno de se falar". Sendo assim, o homem bom iniciou uma campanha em busca dos prazeres. Ele visitou todos os lugares onde havia bebidas e comidas; visitou também cada baile onde se dançava, cada bordel onde havia mulheres. Mas, logo no começo de suas experiências, ele já tinha aprendido a mesma antiga lição: esse estilo de vida é vazio, é como um hálito, uma brisa que sopra, um nada. Exatamente como todas as outras coisas que ele já tinha experimentado.

> *Evita a estrada áspera e espinhenta da sabedoria,*
> *Essa vereda paga pouco pela tua labuta.*
> *Vai agora para as veredas floridas do prazer;*
> *Vai, enche-te de alegria. Às paixões*
> *Entrega-te de coração. Não permitas que um pensamento sério*
> *Entre em tua cabeça. Faze o que a juventude e*
> *Os ricos te dizem para fazeres.*
>
> (Adam Clarke)

2.2

Do riso disse: É loucura. *Elementos da Insensatez.* 1. O homem bom achou que o riso era uma *forma de loucura.* 2. Acerca dos prazeres, ele disse, depois de ter experimentado cada um deles: "Isso não tem utilidade". O triste filósofo não estava falando sobre o uso moderado e legítimo dos prazeres. Falava dos excessos da desgraça. A idéia da experiência era saciar-se e saturar-se com os prazeres. O homem não seria contido em sua experiência.

> Até no riso tem dor o coração, e o fim da alegria é tristeza.
>
> (Provérbios 14.13)

"... o riso, oriundo dos aprazimentos sensuais" (Fausset, *in loc.*). Os prazeres de todos os tipos, em um mesmo pacote, são mais diáfanos que a própria respiração. O saco está vazio, embora carregado com deleites sensuais. Os prazeres nada realizam. Não é esse o caminho da felicidade.

2.3

Resolvi no meu coração dar-me ao vinho. *Os elementos da insensatez continuam aqui:* 3. Em seguida, nosso homem experimentou muito vinho e embriaguez. Se pudesse obter algum bem da bebida, o triste filósofo certamente o faria. O homem "refrigeraria" (Elitzsche com um paralelo talmúdico) o seu corpo com o vinho. Ele se deixaria atrair pelo vinho e cederia diante de seus encantos. Sua mente, treinada a buscar a sabedoria, verificaria se era sábio intoxicar-se pela bebida alcoólica. Uma vez embriagado, ele se entregaria a toda a espécie de insensatez. As prostitutas eram suas companheiras de bebedeira, com quem ele se deitavam no leito. E, então, ele descobriria se os homens que agem dessa maneira, durante os *poucos* dias de sua existência, teriam descoberto algum segredo que sua mente filosófica teria negligenciado. O homem estava fazendo experiências com os prazeres sexuais, tornando o corpo o seu deus, em lugar da mente. "Ele queria testar os efeitos da busca pelos prazeres, para ver se realmente eram dignos de valor" (Donald R. Glenn, *in loc.*). Ele sempre fora um homem moderado, mas agora perdera o controle. Misturou-se ao mais profano bando, pois queria estar onde as coisas aconteciam. Ele usava os poderes da mente para *guiá-lo* a pecados de todas as espécies. A lei mosaica não era mais o seu guia. Suas paixões lhe diziam o que fazer. Se antes ele tinha *abraçado* a sabedoria, agora seus braços desvairados se estendiam para a insensatez. Seria a insensatez da sensualidade melhor que a sabedoria da restrição? Nosso homem descobriria que o *summum bonum* é prazeroso? Haveria felicidade? Muito paradoxalmente, "ele usou a sua sabedoria para valer-se da insensatez" (Gaius Glenn Atkins, *in loc.*).

2.4

Empreendi grandes obras. Ainda buscando prazeres, para além das concupiscências mais crassas, o filósofo fez *grandes obras*, todas calculadas para aumentar seus confortos. Edificou várias residências para sua conveniência e plantou vinhedos particulares para garantir um bom suprimento de vinho. Os ricos não precisam transportar maletas em viagens, porquanto têm casas que lhes pertencem, em vários lugares, cada uma equipada com todas as coisas necessárias para a vida diária: móveis, roupas, utensílios etc. Devemos pensar aqui em *propriedades*, e não meramente em casas em uma agradável vizinhança. Salomão naturalmente serve-nos de exemplo: ele possuía uma casa na floresta do Líbano (ver I Reis 7.1); uma residência separada para a rainha; o templo de Jerusalém, e tantas outras moradias. Ver I Reis 5.1; 9.10; 10.18; II Crô. 8.1,4. Todas essas edificações apelavam para a concupiscência dos olhos e para o orgulho da vida (I João 2.16).

2.5

Fiz jardins e pomares para mim. O homem aumentou a extensão e beleza de suas propriedades com *jardins* (*pardesim*), "paraísos", palavra tomada por empréstimo do idioma persa) e *pomares*. A Revised Standard Version diz aqui "parques". Ele plantou grandes pomares que produziam várias espécies de frutos. O triste filósofo conseguiu criar um paraíso na face da terra. Ele testava se tais cercanias lhe trariam felicidade, através dos prazeres que haveriam de fornecer. Ele vivia em meio ao luxo real, em harmonia com o costume do conceito oriental da realeza. Ele tinha *alimentos* em grande abundância, *bebidas e medicamentos* em seus pomares, conforme diz o Targum.

2.6

Fiz para mim açudes. Para certificar-se de que seus pomares implantados medrassem bem, mesmo quando não chovesse, o autor sagrado construiu reservatórios para efeito de irrigação. Construções que serviam como açudes foram encontradas a sudeste da cidade de Belém, sendo chamados de "reservatórios de Salomão", mas os cientistas demonstraram que essas construções são do tempo dos romanos. Não há razão para duvidarmos, contudo, que aquele homem tivesse reservatórios similares, conforme relata Josefo (*Ant.* vii.7.3; *Guerras* v. 4.2). O triste filósofo sabia da existência de tais projetos, tendo-os citado em suas descrições sobre uma vida luxuosa, da qual, supostamente, as pessoas derivavam o prazer que leva à felicidade.

2.7-8

Comprei servos e servas. *Uma multidão de escravos* foi adquirida como trabalho barato para cuidar das propriedades, executar tarefas domésticas e irrigar terras. Além dos escravos adquiridos, havia aqueles nascidos na "casa" (nas suas propriedades), o que aumentava ainda mais o número deles. O nosso homem tinha sob seu controle pessoal cidades virtuais, que lhe pertenciam e aumentavam suas riquezas e prazeres. Quanto à grande quantidade de escravos de Salomão, cf. I Reis 10.5.

Para aprimorar o lado *estético* da vida e aumentar o aprazimento das coisas, homens e mulheres cantores, além de tangedores de instrumentos musicais, tornaram-se parte da vida diária (vs. 8). O triste filósofo tinha orquestras, coros e solistas bem conhecidos que tocavam música em dias especiais e música na corte, além de música ambiente, para todos quantos estivessem trabalhando na corte. Quanto aos usos da música, cf. Isa. 5.12; Amós 6.6; Ecl. 32.5 e 49.1. Isso deve ser comparado ao uso que Davi fez de cantores profissionais (II Sam. 19.35). Uma família inteira de levitas recebeu a incumbência de tocar música sacra para o culto do templo (ver I Crô. 25) e isso mostra a ênfase que os hebreus davam à questão. O rei-filósofo ultrapassou tudo isso, porém, para entretenimento pessoal, visando a alegria profana, e não o culto religioso.

Para aumentar suas riquezas, o autor sagrado possuía vastos rebanhos de animais domesticados (vs. 7), acima de tudo que jamais fora criado em Jerusalém. *Exagero* era o seu lema. Ele experimentava o esplendor terreno, utilizando-se de coisas que trariam prazer, o que levaria à felicidade.

Das delícias dos filhos dos homens: mulheres e mulheres. Onde nossa versão portuguesa diz "mulheres e mulheres", a Revised Standard Version traduz certa palavra hebraica, de sentido duvidoso, como "em grande número". Na monarquia dos hebreus, Salomão estabeleceu o recorde em seu harém, com 700 esposas e 300 concubinas (ver I Reis 11.1-3). Mas estamos informados de que alguns reis persas nunca faziam sexo com uma mulher por mais de uma vez, pelo que, com a passagem dos anos, alguns deles devem ter excedido a prodigiosa atividade sexual de Salomão. Esse é um prazer usufruído tanto por ricos quanto por pobres, e o rei-filósofo certificava-se de saciar nesse aspecto, buscando concluir se isso era suficiente para trazer-lhe a felicidade. A Septuaginta traduz a frase por "copeiros machos e fêmeas", mas essa tradução arruína toda a diversão tornando o autor sagrado um hedonista menor do que realmente foi.

2.9

Engrandeci-me e sobrepujei a todos os que viveram antes de mim. Esta é uma breve nota de "sumário". O homem era *grande e sobrepujou* a todos quantos tinham vivido antes dele, em Jerusalém, o que nos permite concluir que ele efetuou uma experiência completa e exaustiva, para checar se a felicidade poderia ser achada nessas atividades. Suas experiências não falhariam por falta de informes. Ele tinha toda a espécie de riquezas, todo o tipo de prazer, toda a modalidade de prestígio e, durante esse excesso, sua sabedoria não o abandonou; portanto, não podemos dizer que ele trocou a sabedoria pelas experiências, razão pela qual teria terminado infeliz. O vs. 3 mostra-nos que ele empregou sua sabedoria para aumentar sua insensatez, pelo que a usou para uma tarefa pervertida, mas podemos supor que sua sabedoria tenha continuado a servi-lo sempre. Isso posto, podemos presumir que um homem como esse fosse o mais contente e feliz de todos os homens; mas as experiências dele azedaram, conforme somos informados mais adiante. O Targum diz-nos que a sua sabedoria o "ajudou", e que o homem teve uma vida plena e produtiva, e não apenas luxuosa. Ele foi o homem "máximo". Portanto, o homem estava feliz?

2.10

Tudo quanto desejaram os meus olhos não lhes neguei. Nosso homem nada negava a si mesmo, pois tinha dinheiro e poder para adquirir qualquer coisa que atraísse seu olhar. Além disso, ele satisfazia qualquer alegria que seu coração desejasse e também descobriu que conseguia deleitar-se com todos os seus labores, realizações e prazeres. Ele recebia *amplas recompensas* por suas labutas elaboradas e por seus preparativos. Estava percorrendo um vasto caminho com tudo isso; parece que suas experiências no campo dos prazeres tinham provado que o *tipo de homem* em que ele se transformara era o homem feliz, donde se conclui que os prazeres conduzem à felicidade. Mas, quando lhe ocorreu o segundo pensamento sóbrio, tudo se despedaçou (vs. 11).

2.11

Considerei todas as obras que fizeram as minhas mãos. Conforme diziam os gregos: "Pensamentos sóbrios tornam-se, de alguma maneira, ainda mais sóbrios". A sabedoria do autor sagrado ergueu-se e gritou para ele: "Toda essa vida que você está levando é vaidade". E ele sabia que essa era a avaliação correta. O homem passou em revista todas as suas propriedades; todos os seus luxos; visitou seu vasto harém; revisou e classificou suas obras magníficas, mas, como já havia constatado, "tudo era como seguir após o vento". Ele não tinha sido capaz de reter o vento em suas mãos, embora tivesse se esforçado para tanto. Lamentavelmente, a felicidade o tinha iludido novamente. Ele tinha provado, através de grande experimentação, que a felicidade não nos chega através dos prazeres, conforme afirmam alguns indivíduos. Quando todos os seus informes já estavam recolhidos, ficou demonstrado que ele estivera envolvido em uma grande *farsa*. Ao refletir sobre os valores reais de todas as suas atividades, descobriu que tudo era destituído de *significado* e "mero correr atrás do vento". Cf. Eclesiastes 1.14,17; 2.17,26; 4.4,6,16; 6.9. "Não houve vantagem real ou final (vs. 3) em todas as suas realizações debaixo do sol (ver Eclesiastes 1.3)" (Donald R. Glenn, *in loc.*). A questão inteira só deixava ainda mais *agoniado o seu espírito*, porquanto ele fez um esforço heróico para provar que os prazeres trazem a felicidade, e somente constatou (o que ele já sabia) que isso era mentira. Seja como for, ele precisava eliminar essa opção, razão que também nos leva a agir de determinadas maneiras, algumas vezes. A opção dos prazeres estava agora eliminada, e o filósofo continuou na sua *infelicidade*.

A Busca da Sabedoria Torna-se Fútil, Mediante o Reflexo sobre a Morte (2.12-17)

Nosso homem, cansado de todos aqueles prazeres, riquezas e pompa, retornou à sua sabedoria, mas, dessa vez, sem os excessos, para verificar se poderia achar a felicidade nisso, encontrando algo digno pelo que viver. Ele se cansou do hedonismo bizarro que o cercou, quando estava experimentando os prazeres (vss. 1-11), e descambou para o extremo oposto. Agora, ele era um homem sábio e sóbrio, piedoso e diligente. Encontraria assim a felicidade?

2.12

Então passei a considerar a sabedoria e a loucura e a estultícia. Ao iniciar a leitura do versículo, encontramos uma diferença de opinião quanto ao seu significado. Alguns dizem que o homem diligentemente procurou a sabedoria, a loucura e a estultícia, como opções na busca da felicidade. Mas, conforme Gordis, isso poderia significar: "Voltei-me para considerar a sabedoria, mas notei ser ela estupidez e estultícia". Essa é uma declaração radical para um homem "sábio", porquanto se supunha que ele encontrasse aí o significado da vida (Pro. 4.13), pois a sabedoria prometia dar vida. Lembremos de que a sabedoria vem através do estudo e da prática da lei mosaica, dentro de um contexto hebreu. Assim sendo, esse "homem sábio" assegurava que até isso é totalmente vão, uma forma de loucura e insensatez, algo que um hebreu ortodoxo jamais teria dito. Pura blasfêmia! Nos vss. 16-17, ele haverá de segredar-nos a grande razão de seu pessimismo acerca de tudo: um sábio morre da mesma forma que um tolo; a morte é o fim de tudo; portanto, como pode alguma coisa ser útil? Pensando não haver esperança para além-túmulo, dentre todos os homens, ele é o *mais miserável* (I Cor. 15.19). As experiências feitas pelo nosso homem foram tão completas, que qualquer outro, depois dele, ao fazer as mesmas experiências, teria obtido idênticos resultados. Seria inútil se algum outro homem, após o escritor sagrado, repetisse as mesmas experiências. Os informes estavam recolhidos. O caso fora solucionado e a conclusão fora a mais lamentável possível: tudo era vão e vexatório para o espírito. Na experimentação das coisas vãs da vida, quaisquer outros esforços seriam ridículos. A resposta definitiva já fora colhida.

2.13

Então vi que a sabedoria é mais proveitosa do que a estultícia. A sabedoria tem decisiva vantagem sobre a estultícia (os prazeres insensatos). A sabedoria fornece mais luz sobre a verdadeira natureza das coisas. Mas essa *vantagem* termina sendo uma *desvantagem*, pois, quanto maior for a luz, mais fúteis serão vistas as coisas. Portanto, para que adquirir maior luz? "A sabedoria tem uma vantagem sobre a insensatez, mas quão repleta de vaidade é essa vantagem? Que o sábio adquira a sua sabedoria, mas logo a morte chega e ele é esquecido, e tudo quanto ele tiver obtido com seu labor se apaga" (Ellicott, *in loc.*).

É um erro injetar neste texto a idéia de "sábio mundano", como se um homem verdadeiramente sábio pudesse encontrar qualquer coisa diferente disso. O triste filósofo não estava fazendo distinção quanto a tipos de sabedoria. Isso já é um anacronismo cristão. O Pentateuco não tem declarações sobre um pós-vida. A lei mosaica não ameaçava os ímpios com uma punição pós-morte nem prometia recompensa para os piedosos, em uma vida futura. No entanto, guardar a lei e obter uma longa vida física, evitando assim a morte prematura, era tido como algo a ser diligentemente buscado. As declarações da sabedoria fomentavam e interpretavam a lei, e a mesma atitude era mantida. Considerava-se uma grande calamidade sofrer morte prematura. Mas o triste filósofo, que não acreditava em um pós-vida, não via vantagem em guardar ou não a lei, pois a morte vinha igualmente para os bons e os maus, os sábios e os insensatos, marcando o fim da existência do indivíduo. Nosso homem era definitivamente contra a ortodoxia de seus dias. A noção da imortalidade começou a aflorar nos tempos dos salmos e dos profetas, mas é claro que o triste filósofo ainda não havia adotado tal doutrina. O epílogo (capítulo 12) traz à luz essa possibilidade, mas o autor desse epílogo não parece ser o mesmo que aqui escrevia.

2.14

Os olhos do sábio estão na sua cabeça. Um sábio tem os olhos na cabeça, ou seja, ele é capaz de discernir a luz das trevas e, assim, caminhar pela vereda da luz, quer dizer, pelo caminho da lei, obedecendo a tudo quanto ela recomenda. O estulto, entretanto, caminha ao longo de sua própria vereda escura, ignorando a lei de Moisés. Isso, de conformidade com a ortodoxia da época, uma distinção vital, e o caminho do homem bom devia ser buscado com diligência, ao

passo que a senda do homem mau devia ser evitada. A sabedoria conduz à vida (ver Pro. 4.13), mas nosso triste filósofo não-ortodoxo rejeitava essa verdade, pois via com seus *olhos de sabedoria* que a mesma sorte (por ocasião da morte) capturaria os dois tipos de homens. Ele também percebeu que ambos os caminhos desembocariam no *mesmo nada*. Além disso, ele estava trabalhando com a teoria que dizia: "Deus é a Causa Única", e foi Deus quem decretou, de antemão, tão tenebroso fim para ambos. Assim sendo, para que combater essa sorte inevitável? A vida não é boa. De fato, ela é má. O pior crime de um homem foi ele ter nascido. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Pessimismo*.

Embora grande seja a diferença entre
As duas veredas, o que vi muito claramente,
Contudo, um só evento espera todos, bons e maus,
E a sabedoria não pode proteger do perigo,
Nem dos desapontamentos, nem da tristeza,
Nem da dor, nem daquele ponto final: a morte.

Cf. Jó 21.26. É ridículo tentar harmonizar isso com o judaísmo posterior e seu ponto de vista mais iluminado da vida, e é ridículo tentar fazer o nosso homem ser, em qualquer sentido, uma voz do judaísmo ortodoxo de seus dias. Ele era, antes, um pensador pessimista independente.

2.15

Pelo que disse eu comigo. O "homem sábio" percebeu, no fim, que ele não era diferente de um estulto qualquer, quando a vida é deixada para trás, no sepulcro. Em seus raciocínios internos, ele chegou à conclusão de que não havia diferença entre ele e um insensato, visto que ambos terminariam no mesmo nada. Por conseguinte, a vida humana seria uma piada; então, por que tomá-la a sério, como se importasse aquilo que uma pessoa faz ou deixa de fazer? A vida é somente uma tragicomédia, e aqueles que a levam a sério terão de pagar elevado preço por suas pretensões. Nosso homem foi o pai espiritual e mental de Schopenhauer. A sabedoria pode parecer um ponto vantajoso, mas, de fato, apenas aumenta a dor. "Por que tanto me esforcei para obter a sabedoria? Em que me tornei melhor, por causa da sabedoria? Que felicidade ela me trouxe? Ela não me trouxe vantagens sobre os tolos" (John Gill, *in loc.*). Nosso homem estava atolado no sofrimento e na futilidade humana. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Problema do Mal:* por que os homens sofrem e por que sofrem da maneira como sofrem? Este livro de Eclesiastes até se parece com as passagens pessimistas do livro de Jó.

2.16

Pois assim do sábio como do estulto, a memória não durará para sempre. Quando o triste filósofo fala em não restar *lembrança* do sábio, mais do que a do estulto, não está considerando meramente se outros se lembrarão dele ou não. Ele se referia à *consciência*. Não há mais lembrança porque o sábio cessou de existir, em sentido absoluto. O registro das memórias é completamente obliterado. Por certo, outros seres humanos esquecerão o homem, mas Deus também o esquecerá. Nada haverá o que chame a atenção para ele. O tempo varre totalmente tanto as memórias como as entidades capazes de ter alguma memória, pelo que nada restará. O sábio morre tal qual o insensato, e ambos caem no esquecimento.

2.17

Pelo que aborreci a vida. Disse o triste filósofo: "Aborreci a vida", pois ele tinha observado que ela era tão bruta, tão inútil, tão insensata, tão fútil, tão enganadora, tão dolorosa que, finalmente, levava a nada. Mas, pelo menos, ele era *honesto*. Ele nem procurava ajustar sua teoria para adaptar-se à ortodoxia, nem tentava agradar os ortodoxos, mediante a adição de declarações suavizadoras, para torná-los mais felizes. Todas as obras humanas, realizadas durante algum tempo, tornaram-se amargas para ele. Tudo não passava de vaidade e pobreza de espírito. Tudo quanto ele tinha feito era "seguir o vento", mas não fora capaz de reter a brisa que vinha ao seu encontro. A morte, a grande niveladora, tinha arruinado tudo, lançando suas sombras sobre o homem bom, não menos que sobre o homem mau. Cf. Jó. 10.1.

A morte é o grande Nivelador.

(Provérbio do século XVIII)

Os Frutos Preciosos do Labor de um Homem Serão Desperdiçados por Outros (2.18-21)

O triste filósofo agora imaginava as riquezas de Salomão sendo deixadas para um homem menor, como Roboão, seu sucessor, que desperdiçaria os frutos de seu labor. Portanto, que vantagem haveria em ter ele feito o que fez, e em ter desperdiçado sua vida em todo aquele esforço por excelência?

2.18

Também aborreci todo o meu trabalho. O autor chegou a aborrecer tanto a própria *vida* (vs. 17) quanto o seu *trabalho* (vs. 18). Haveria algo de duradouro nessas coisas? Absolutamente, não. Em primeiro lugar, seus sucessores reduziriam tudo a nada. E, caso não o fizessem, mesmo assim tudo era inútil, conforme ele mesmo já havia demonstrado em 1.3. Certamente os estultos herdariam todas as riquezas daquele homem, *incluindo suas propriedades e qualquer outra coisa* que ele deixasse para trás. Por outra parte, visto que os insensatos e os sábios são a mesma coisa, no fim, ele não teria vantagem alguma se todos os seus bens caíssem nas mãos dos sábios. Compare-se isso à sabedoria superior de George Frederic Watts: "O que gastei, perdi; o que economizei, perdi; o que dei, conservei".

Temos a considerar um antigo ditado: "Não podemos levar deste mundo o que nele ganhamos". Eis por que um moribundo verteu tudo quanto tinha em "cheques de viagem", a fim de carregá-los consigo; esperemos que ele tenha assinado direitinho os seus cheques! Talvez algumas das obras dos homens bons terminem em museus, para serem admiradas, mas o triste filósofo não veria nisso nenhuma vantagem. Cf. este versículo com Eclesiástico 9.19. O tolo usufrui o resultado dos labores do sábio. Isso é ridículo. Na verdade, porém, assim eram a vida e seus frutos, no parecer deste pessimista. O Targum lembra-nos de que Salomão deixou suas riquezas materiais para seu filho insensato, Roboão, e, devido a certas circunstâncias, também para o selvagem Jeroboão. Esses dois insensatos dividiram o reino de Israel. Eles repartiram os despojos do sábio que tinha dado a Israel sua época áurea.

2.19

E quem pode dizer se será sábio ou estulto? Este versículo repete essencialmente as idéias do vs. 18. Um sábio pode amealhar riquezas; um insensato também pode amealhá-las; mas o resultado será o mesmo. Um homem bom se esforçaria por acumular bens, mas chegariam tolos que passariam a desperdiçá-los e, mesmo que não os desperdiçassem, os bens seriam deles, e não de quem os acumulou. Por conseguinte, o homem bom perderia tudo quanto se tivesse esforçado por alcançar, nesta terra que está debaixo do céu. Portanto, que pode ser dito depois de tudo isso? Tudo é *vaidade*. É contrário ao bom senso que um insensato ou mesmo um sábio fique com os bens materiais de um homem que acabou de morrer. Também é uma incongruência que a morte oblitere o sábio. É claro, portanto, que a vida inteira não se reveste de sentido. A vida, para o triste filósofo, era o "incongruente". De nada adiantava tentar extrair dela algum sentido.

2.20

Então me empenhei por que o coração se desesperasse. O autor sagrado perdera a coragem enquanto pensava na vaidade da vida; desencorajado, desprezou a própria vida, bem como suas obras, e também se entristeceu por haver nascido. Não teve um único pensamento remidor. Todas as suas teorias se azedaram. Estava tudo errado, e não havia remédio para nada. Todas as coisas que ele antes considerara virtudes - conhecer e praticar a lei de Moisés, obter conhecimento e sabedoria, trabalhar arduamente e ajuntar bens materiais, esforçar-se por realizar grandes projetos, tentar ser um grande homem – todas essas coisas boas, juntamente com qualquer outra que se possa imaginar, foram lançadas na lata de lixo filosófica. Esse homem tornou-se tão negativo, que nenhuma escola filosófica decente haveria de querer que ele ali ensinasse, e nenhuma igreja abriria as portas para ele. Ele era um pária, lançado fora por si mesmo e pelo próximo; mas a aceitação por parte de outras pessoas é apenas outro falso valor.

Nosso homem cessou a busca pela sabedoria, abandonou a busca pelos prazeres, interrompeu os labores diligentes e terminou como um nada que nada fazia, apenas outra forma de vaidade. A vida era uma piada doentia, cujo centro era ele próprio.

2.21

Porque há homem cujo trabalho é feito com sabedoria. Além disso, há aqueles indivíduos cujo trabalho não envolve questões materiais, mas obras de retidão e promoção da justiça na sociedade. Até mesmo essas obras, entregues aos insensatos, são logo desfeitas e terminam em nada. Note-se que tais qualidades são requeridas pela lei; mas que bem isso faz aos que obedecem à lei, nesta vida sem significado? Não existe nenhuma lei de justiça, exata e bem equilibrada, *que dê a cada pessoa o que ela merece, garantindo o bem para os bons*. Um homem pode deixar uma herança moral e espiritual, em vez de uma herança material; mas que bem isso faz? Essas coisas não são melhores que as materiais que outros poderiam deixar. Os que surgem em cena mais tarde garantem que tudo se reduza à mesma inutilidade. Tudo é vaidade, tudo é um *grande mal*. A Revised Standard Version diz *habilidade*, como tradução do termo hebraico *kishron*, que nossa versão portuguesa traduz como *destreza*, uma compreensão legítima do termo. Nesse caso, o versículo simplesmente repete o que já tinha sido dito antes, sem apontar nenhuma espécie de herança espiritual ou moral que um homem possa deixar. Um homem trabalha com destreza por ser treinado e sábio,

DESOLADO

Aborreci a vida, pois me foi penosa a obra que se faz
debaixo do sol; sim, tudo é
vaidade e correr atrás do vento.
Também aborreci todo o meu trabalho, com que
me afadiguei debaixo do sol, visto que o seu ganho eu o
havia de deixar a quem viesse depois de mim.
...
Então me empenhei por que o coração
se desesperasse de todo trabalho
que me afadigara debaixo do sol.

Eclesiastes 2.17,18,20

*** *** ***

FUTILIDADES

Perecem, e ninguém indaga
Quem ou o que foram eles,
Mais do que indaga quais ondas
Na solidão do luar,
No meio do oceano, se empolaram,
Espumejaram por um momento e
desapareceram.

A maioria dos homens chega à beira do abismo
Aqui e ali – comem e bebem,
Conversam, amam e odeiam.
Colhem e dilapidam; são elevados
No alto, são lançados no pó.
Esforçando-se cegamente, realizam
Nada; e então morrem.

Matthew Arnold

mas os insensatos sem treinamento obtêm o mesmo pelo que os sábios tanto trabalham para adquirir.

2.22

Pois, que tem o homem de todo o seu trabalho...? O filósofo repete os mesmos sentimentos que já tinham sido ventilados, embora com um fraseado levemente diferente. O que um homem consegue mediante todo o seu labor diligente? Sua esfera de labor era a terra, debaixo do sol, e todas as coisas feitas ali se reduziram a nada; o que ele ganhou com tudo isso? Nada, essa é a verdade. Ele obteve somente *vexação* no coração. Ele labutou diligentemente, quase chegando à *exaustão*. Mas, visto que pensamos ser isso uma virtude, continuamos na mesma lida, dia após dia. Jactamo-nos de quão duro trabalhamos, e esperamos que outras pessoas nos elogiem. O triste filósofo chama tais homens de estultos. Antes, ele mesmo havia trabalhado segundo esse método, mas já abandonara a vereda do trabalho duro, por considerá-lo vão, tal como qualquer outra vereda é inútil. Todas as veredas são vaidade: a própria vida é uma vaidade; a morte aniquiladora é a grande verdade, e a única questão *aparentemente* importante é se cometeremos suicídio ou não. Esse homem definitivamente tinha um problema de atitude.

2.23

Porque todos os seus dias são dores. Visto que o homem era um trabalhador duro, todos o elogiavam. Mas, na verdade, o que estava acontecendo? – pergunta-nos o triste filósofo. Ele trabalhava arduamente, mas tudo estava eivado de dores; seu próprio trabalho se tornara uma vexação. Ele realmente desfrutava todo o labor árduo? Nesse caso, nosso homem responde: "Desfrutar também é vaidade". Mesmo à noite, aquele homem enlouquecido não descansava. Ele continuava preocupando-se em como faria seu trabalho, mas viveria o suficiente para completá-lo? Ele perdeu o sono, em sua ansiedade, e essa era outra parte ridícula de seu estilo de vida. Existe algo de irracional e arbitrário na própria vida. Schopenhauer chamava o seu deus de "insano" e supunha que essa fosse a razão pela qual existem tantas coisas loucas nesta vida. O "deus" do nosso filósofo não estava distante da avaliação de Schopenhauer sobre a divindade.

2.24

Nada há melhor para o homem do que comer. Provavelmente, este versículo é irônico. E se não é irônico, é apenas uma nota de desespero. O filósofo já nos havia dito, com detalhes, que o prazer não é bom nem vale o esforço para desfrutá-lo (Eclesiastes 2.1-11). De fato, após efetuar uma experiência complexa, por ser hedonista, ele concluiu que tudo era vaidade. Assim, como poderia estar recomendando o prazer, moderado ou excessivo, como o *único bem* a ser buscado? Ele afirmou que nada existe *melhor* do que isso, então, entre outros males, tome-se esse que é o menor. Aparentemente, ele inclui Deus no ato prazeroso, ao dizer que isso era tudo quanto Deus lhe havia dado. Em outras palavras, Deus, como a Causa Única, não pensara em algo mais digno que a vida de prazeres. Se Deus não pudesse pensar em coisa de maior valor que isso, então nada deve haver mais digno de valor. Portanto, que cada qual aceite o que puder. Foi Deus quem pôs a humanidade nessa vida inútil, com seus prazeres inúteis! O texto massorético e a Septuaginta adicionam aqui um "não": "Não é bom, da parte do homem, que ele coma... ". Isso salva a ortodoxia, mas já aprendemos que, usualmente, o texto difícil é o correto. Os escribas costumam trocar textos difíceis por textos fáceis. Por conseguinte, pode-se calcular que a mensagem do triste filósofo é: "Os prazeres, ao que tudo indica, são a única coisa digna que Deus nos deu, mas isso também não é bom, como tudo mais".

A Vulgata Latina e os comentários de Jarchi transformam esta afirmação em uma interrogação: "Será bom um homem adotar a vida de prazeres?". E, naturalmente, a resposta esperada é: "Não!". Essa é apenas outra fuga para longe de um texto difícil. Cf. Eclesiastes 3.12,22; 5.17; 8.15; 9.7-10; 10.19; 11.7,9,11 e 12.1.

2.25

Pois, separado deste, quem pode comer, ou quem pode alegrar-se? O filósofo insiste em sua idéia de predestinação. Deus determinou todas as coisas. Portanto, se nada existe melhor que os prazeres, e estes não são *bons*, então temos de aceitá-los. A teologia dos hebreus era fraca quanto às causas secundárias, pelo que o autor sacro não via outra causa para explicar a total futilidade de tudo. Em outras palavras, Deus é o autor da vaidade; a vaidade combina com a Sua vontade, e tudo continuará sendo dominado pela vaidade. Deus é quem concede os prazeres: Ele é a fonte originária desse único falso bem. Isso é tudo quanto poderemos obter; portanto, faça de você mesmo um insensato, sendo um hedonista! Esse raciocínio, naturalmente, está distorcido. O triste filósofo havia começado com más premissas e também terminou com más conclusões.

O autor sagrado, pois, cometeu a *falácia natural* que diz "O que é, é direito". Mas existem muitas coisas que são, e não deveriam ser. Aquilo que existe, como é óbvio, não é o que Deus quer, em muitos casos. O triste filósofo fez de cada estrada um beco sem saída e, então, lançou sobre Deus a culpa disso, como se o Senhor só planejasse becos sem saída para a vida humana.

Epicurismo? Diversos intérpretes pensam que podemos descobrir, no vs. 25, a verdadeira filosofia do autor sagrado, o *epicurismo*. Em contraste com o hedonismo espalhafatoso (a busca enérgica pelos prazeres como o *summum bonum* da vida humana), o epicurismo defendia os prazeres físicos *moderados*, acompanhados de prazeres mentais (que são até superiores), os quais constituiriam o supra-sumo da vida humana. O hedonismo, pelo contrário, favorecia os prazeres físicos crassos. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* os artigos chamados *Hedonismo* e *Epicurismo*, quanto a amplas explicações. Ver os vss. 3.12,22 e 8.15, que parecem indicar isso Ou, estaria o triste filósofo lançando no ridículo qualquer teoria e tomando uma posição *niilista?* Portanto, ele disse: "Vá adiante, e seja um epicureu. Nada existe de melhor a fazer. Mas, se fizer isso, você será um tolo!". Pode-se supor que nosso homem fosse niilista. Ele veio a desprezar qualquer vereda, como se fosse um homem bom, visto que, embora sendo insensato, sem importar o que se venha a fazer, sempre haverá alguns prazeres ao longo do caminho. Visto que Deus determinou o niilismo, Sua divindade deve ser niilista. Essa era uma "bela" posição teológico-filosófica para atingir *após tanta busca!* Talvez o niilismo, afinal, seja o *lema do livro, excetuando-se o* seu epílogo (capítulo 12), que foi adicionado por outra mão, na tentativa de salvar o livro com uma injeção de ortodoxia. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo intitulado *Niilismo*, especialmente o terceiro ponto, *Niilismo Ético*. Não existem valores genuínos.

2.26

Porque Deus dá sabedoria, conhecimento e prazer ao homem. Vários eruditos tomam este versículo como se fosse uma espécie de *glosa ortodoxa*, adicionada para tentar salvar o livro das tendências radicais pelas quais o autor sagrado enveredou. Deus continua sendo a Causa Única, mas agora Ele não dá mais aos homens, como seu *summum bonum*, somente os prazeres (vs. 25), mas também lhes concede outras coisas realmente boas, como sabedoria, conhecimento e alegria. Aos *homens bons* Ele dá essas coisas, mas aos ímpios Ele confere *trabalho duro, na semeadura, na colheita e no recolhimento em celeiros* (isto é, em todas as atividades da vida). O homem mau, embora engajado em todo esse trabalho, termina entregando todas essas coisas a outras pessoas, ou, então, através das circunstâncias, todas as coisas lhe são tiradas e entregues a outros. Isso reflete um pensamento ortodoxo e é totalmente contraditório ao que o autor disse momentos antes. Assim, o homem mau é aquele que termina na vaidade, a correr atrás do vento; mas, até agora, isso se referia a todos os homens. Ver Eclesiastes 1.2,3,8 e, de fato, todo o primeiro capítulo do livro. O triste filósofo não tinha falado da divina retribuição contra os homens maus, mas somente da avassaladora futilidade lançada sobre todos os homens pela Causa Única. Até onde se pode concluir, este versículo não se reconcilia com o que foi visto até agora, sendo muito provavelmente uma glosa ortodoxa. Parece ridículo tentar imputar ao livro de Eclesiastes as mesmas coisas expressas pelos livros de Salmos ou de Provérbios, que são ortodoxias da antiga fé dos hebreus. Se Eclesiastes concorda com eles, então não é um livro diferente. Mas, até agora, tem sido *muito diferente*.

O Targum diz-nos, corretamente, que a vaidade aqui referida se aplica ao pecador. Mas, até este ponto, ela tem sido aplicada a todos os homens de todos os lugares. Alguns supõem que o filósofo tenha falado aqui *ironicamente*, não esperando que os leitores (depois de terem lido até este ponto) o levassem a sério. Ele não *escorregou*, assim de repente, para a ortodoxia.

Capítulo Três

A Morte Mostra que Tudo é Inútil (3.1-22)

A doutrina dos hebreus, segundo a lei, conseguiu criar uma vida útil, sem a esperança da imortalidade. As declarações da sabedoria, que fomentam e interpretam a lei, também encontravam uma vida digna de ser vivida, mesmo sem a esperança de uma "vida além desta". Mas o triste filósofo viu a *falácia* nesse tipo de crença. O homem morre como os animais, e cessa sua existência (vss. 19-20). Alguns vêem um vislumbre de esperança no vs. 21, como se o autor tivesse olhado para o alto, por um momento, encontrando uma esperança de algo melhor para a vida humana. O autor via um lugar de julgamento temporal na vida humana, tanto para os bons quanto para os maus, mas não interpretava essa doutrina como sendo uma administração séria de retribuição divina, a fim de que houvesse uma prestação de contas. Certamente, ele não projetava idéias de uma vida pós-morte. Antes, ele defendeu sua noção de Deus como a Causa Única, vendo-o

atuar em todas as coisas e até permitindo a ação da injustiça (vss. 16-17). Tudo faria parte da providência eterna, imutável (vs. 14) e inescrutável (vs. 11) da Causa Única, o que também torna inteiramente sem proveito o labor de todo homem (vs. 9). O autor continua com seus pontos de vista niilistas (ver Eclesiastes 2.25, quanto a uma definição), fazendo de Deus a causa do nada que ele observava no mundo. É ridículo pretender que este capítulo apresente um judaísmo ortodoxo e certamente também nada há de cristão no capítulo. Todos os *tempos* estão nas mãos de Deus, mas ficamos boquiabertos diante daquilo que é atribuído ao Senhor, enquanto Ele controla tudo.

"A história do mundo é um ciclo de eventos e de seus opostos, que ocorrem interminavelmente. Contra essa corrente de acontecimentos de ordem dual, determinada por Deus, o homem nada pode fazer. Ele está cercado e amarrado, em todas as coisas e em todos os lugares, por uma premente necessidade. O homem naturalmente pode trabalhar e ter prazer nisso (Eclesiastes 2.10,24), aceitando o vislumbre de alegria que Deus lhe dá, mas, no todo, sua obra é ineficaz e sem proveito (vs. 9), visto que ele é impotente contra os acontecimentos fixos e prescritos de sua existência" (O. S. Rankin, *in loc.*).

3.1

Tudo tem o seu tempo determinado. Deus é a Causa Única e está por trás de tudo, em absoluto. Ele ordena os eventos em forma de teses e antíteses (opostos), e há um tempo e uma época pré-arranjados para tudo. Todas as coisas operam através de uma *lei inexorável* (Volz, *in loc.*). Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Determinismo*. Se Deus é a Causa Única, então é, igualmente, a causa do mal. Essa idéia está incorporada no presente capítulo. A teologia dos hebreus era fraca quanto a *causas secundárias*, o que lhes deixava à mercê de uma doutrina distorcida. O calvinismo radical compartilha os mesmos defeitos e os mesmos tipos de resultados. O capítulo 9 de Romanos contém a idéia da Causa Única; ali, o Todo-poderoso é o agente de homens maus e de coisas más. Outras porções do Novo Testamento, porém, ultrapassam essa marca, e assim também aconteceu ao judaísmo, mediante muitos autores.

E há tempo próprio para todo propósito. O autor se refere às estações tanto da natureza quanto da vida humana (*zeman*, "tempo determinado", palavra hebraica encontrada somente na literatura posterior, como aqui e em Nee. 2.6; Est. 9.27,31 e nos livros de Daniel e Esdras).

Tempo. No hebraico, *'eth*, "ocorrência", dando a entender principalmente *evento específico*, que ocorre dentro de uma estação determinada.

Para ilustrar sua tese, o autor sacro fornece 14 itens duais, *sete jogos* (cada jogo perfaz um dual) em oposição. Podemos ter certeza de que esse número foi escolhido para exprimir a perfeita providência de Deus e de Seu controle sobre *todas as coisas*. Cada versículo, do segundo ao oitavo, tem dois jogos de oposição, com dois itens cada jogo.

Mediante *aplicação*, poderíamos falar em *oportunidades* pessoais e nacionais que devem ser aproveitadas no tempo certo. "Faz parte da sabedoria descobrir onde apanhar a maré favorável, sem desperdiçar esperança e esforço naquilo que não pode ser realizado no momento específico. Aproveitar o momento é um dos elementos necessários ao sucesso" (Gaius Glenn Atkins, *in loc.*).

> *Há uma maré nos negócios dos homens,*
> *Que, aproveitada no seu máximo, leva à fortuna;*
> *Omitida, toda a viagem de sua vida*
> *Estará presa nos baixios e na miséria.*
>
> (Shakespeare)

Para todo propósito. "Propósito" é tradução da palavra hebraica *cheephetz*, "desejo", "inclinação", "desígnios", "intenções humanas" governadas pelos desígnios da providência divina. É provável que estejam em vista especialmente os *conselhos divinos*, concordando com a idéia da Causa Única.

3.2

Há tempo de nascer, e tempo de morrer. *Jogos de oposições* (cada jogo formando um dual); *primeiro jogo:* itens 1 e 2 (cada qual é um dual).

1. Um tempo para *nascer* e um tempo para *morrer*. É comum, na doutrina religiosa, dizer que o dia do nascimento e o da morte de uma pessoa já estão determinados. Os estudos no campo do misticismo indicam que há certa folga quanto a essa questão. Algumas mortes têm de ocorrer em determinadas datas, mas outras mortes não estão fixadas, podendo-se ganhar alguns anos, para "marcar passo", pois nada de especial é feito; nada é ganho, nada é perdido. Nosso filósofo, contudo, que tinha Deus como a Causa Única, não poderia ter imaginado algo como uma *folga*, o que não seria um bom determinismo. Cf. essa idéia com Jó 14.5, cujas notas fornecem detalhes. *Ezequias orou para viver por mais algum tempo e obteve sua petição equivalente a 15 anos!* Ver II Reis 20. Se há uma folga para muitos morrerem, é razoável pensar que também podemos dizer o mesmo quanto ao nascimento. De modo geral, os tempos estão nas mãos de Deus. Cf. este versículo com Sal. 31.15 e João 7.8,30. Quanto a tais idéias aplicadas a Israel como nação, ver Deu. 32.39; Sal. 65.20; 80.18; Eze. 37; Osé. 6.2; Hab. 1.12 e 3.2.
2. Há também um tempo para "plantar" e outro para "arrancar", incluindo-se o tempo de colher. A agricultura é governada pelas estações determinadas por Deus, e os homens são obrigados a segui-las, se quiserem obter êxito no plantio. Toda a vida humana depende do sucesso da agricultura, e a agricultura depende de Deus, a Causa Única. A natureza está sujeita ao controle divino, como o está, igualmente, o homem.
   Por *aplicação,* Deus planta e arranca eventos, quer pessoais quer comunais. Ver Sal. 44.2; 80.8,12,13; Jer. 18.7,9; Amós 8.15; Mat. 15.13; Apo. 2.5. "Arrancar" pode significar "arrancar pelas raízes", isto é, matar. Pode haver um fim para a vida vegetal, tal como o há para a vida humana. Plantas ou árvores estéreis, velhas, ou que não se queira mais, podem ser arrancadas e destruídas.

3.3

Tempo de matar, e tempo de curar. *Segundo jogo de oposições* (cada jogo formando um dual); itens 3 e 4 (cada qual é um dual).

3. Um tempo para *matar*, como sucede na guerra, nas vinganças dos vingadores do sangue, nas execuções e, talvez, na autodefesa, nas matanças *legítimas*, por mais repelentes que nos pareçam. Mas também há um tempo para *curar, tratar dos ferimentos, aplicar medicamentos que curem, e invocar* o Senhor para eliminar alguma enfermidade. Os hebreus dependiam da cura divina, não confiando em médicos, remédios ou artes mágicas. Ver as notas em Sal. 103.3.
4. Tempo de *derribar*, e tempo de *edificar*. Estão em vista as edificações, ou a formação e o rompimento dos relacionamentos. As derribadas de cidades e propriedades são os atos comunais dessa espécie. Outro tanto é verdadeiro no começo e no fim das nações, nos ciclos mundiais.

3.4

Tempo de chorar, e tempo de rir. *Terceiro jogo de oposições* (cada jogo formando um dual); itens 5 e 6 (cada qual é um dual).

5. Um tempo de *chorar* e de *rir*. A providência de Deus envia as tristezas, os desastres, as calamidades, as enfermidades e a morte, manifestações do *Problema do Mal* (ver a respeito no *Dicionário*), o que obriga os homens a sofrer. Assim, os homens choram. e tudo ocorre pela vontade de Deus, que é a Causa Única. Deus é a causa por trás de todas as formas de mal e sofrimento. Nossa teologia, entretanto, avançou para além dessa espécie de idéia. Verdadeiramente, esse era um sistema deficiente, mas um calvinismo radical, hoje em dia, continua a promover a idéia. Além disso, os ciclos de alegria seguem-se aos ciclos de tristeza.
6. Tempo de *prantear* e de *saltar de alegria*. Chegam, então, os tempos de tristeza, um ciclo natural. Em seguida, vêm tempos de alegria. Todas as vicissitudes realmente vêm da parte de Deus: tempos de tristeza, de alegria e de vitória; tempos de festas e de prazer; tempos de enfermidade e de boa saúde; tempos de pobreza e de riqueza; tempos em que as coisas vão mal ou vão bem.

3.5

Tempo de espalhar pedras, e tempo de ajuntar pedras. *Quarto jogo de oposições* (cada jogo formando um dual); itens 7 e 8 (cada qual é um dual).

7. Um tempo de *espalhar pedras*. Parece estar em vista a edificação. Um homem seleciona seu material e se desfaz das pedras que não prestam para a construção de paredes e casas. Outro significado poderia ser a limpeza de um terreno, eliminando-se as pedras soltas, para o preparo dos campos de cultivo. Ver Isa. 5.2; 62.10; II Reis 3.19,25.
   E, então, ocorre o tempo para *juntar* pedras. As pedras certas são escolhidas para a construção. A referência é literal. Figurativamente, há a edificação espiritual, e também Cristo, a pedra angular, escolhida e incorporada (Efé. 2.19,20; Mat. 21.42). A Midrash Qoleth Rabbah refere-se a lançar fora o sexo marital. O recolhimento de pedras fala da pessoa que deve refrear o sexo, mas é duvidoso que esse tenha sido o significado original.
8. Um tempo de *abraçar*, e outro de *afastar-se* do *abraço*. Tempos de amar e tempos de romper relacionamentos. Um tempo de exibir afeto, e outro de não se envolver em afetos.
   Mediante todos esses relacionamentos, o triste filósofo via os homens envolvidos em planos divinos predeterminados, usados como meros títeres, tendo de rir e suportar qualquer destino a que fossem forçados. E *cada passo* ao longo do caminho era um desdobrar detalhado de planos que não faziam parte da sua formação, e que eles não conseguiam alterar.

3.6

Tempo de buscar, e tempo de perder. *Quinto jogo de oposições (cada jogo formando um dual);* itens 9 e 10 (cada qual é um dual).

9. Um tempo de *buscar* e um tempo de *perder.* O sentido, aqui, é a obtenção e a perda de vantagens na vida, a obtenção e a perda de riquezas, ou quaisquer ações que envolvam vantagem ou desvantagem, ciclos de restauração e de desintegração.
10. Tempo de *guardar* e tempo de *deitar fora.* Estão em foco coisas materiais, relações pessoais, vida e morte e as vicissitudes que essas coisas trazem, bem como propriedades e perda desse poder sobre as coisas.

3.7

Tempo de rasgar, e tempo de coser. *Sexto jogo de oposições (cada jogo formando um dual);* itens 11 e 12 (cada qual é um dual).

11. Um tempo de *rasgar* e um tempo de *costurar,* tomados literalmente da profissão das costureiras, mas, figurativamente, representando relações, aventuras no mundo dos negócios e todos os tipos de atividades que têm seus ciclos de rasgar e emendar de novo. Alguns vêem aqui os ciclos do nascimento e da morte, a formação e o desmanche de famílias. Com essas coisas vêm o regozijo e a lamentação. Em uma oportunidade um homem grita de alegria, em outra ele sofre em silêncio. Cf. Jó 2.12,13 e o vs. 4 deste mesmo capítulo.
12. Tempo de estar *calado* e tempo de *falar.* Atos que estão relacionados aos anteriores e ao modo como os homens reagem a tais acontecimentos. Tempos de calamidades, pessoais ou nacionais, fazem os homens cair no silêncio. Tempos de vitórias, pessoal ou nacional, fazem os homens prorromper em gritos de regozijo. Ver Lev. 10.3. Mas a sabedoria aconselha que, em certas ocasiões, é bom fazer silêncio, ao passo que, em outras, é conveniente falar.

3.8

Tempo de amar, e tempo de aborrecer. *Sétimo jogo de oposições (cada jogo formando um dual);* itens 13 e 14 (cada qual é um dual).

13. Um tempo de *amar* e um tempo de *odiar.* Está em foco amar àqueles que nos são próximos e àqueles que merecem amor, por causa do que fazem por nós; e um tempo para odiar pessoas destrutivas e o mal que elas praticam; de amar a própria pátria e de odiar os inimigos nacionais que invadiram nosso território, dispostos a matar-nos; de amar os bons e de odiar os maus; de amar à lei de Moisés e de odiar o desregramento.
14. Um tempo de *guerra* e um tempo de *paz.* A guerra é algo terrível, mas ser atacado e conquistado é ainda pior. Um país precisa defender-se, mas chega o tempo de negociar a paz e pôr fim às hostilidades. Existem negócios nas nações sobre os quais os indivíduos exercem pouquíssimo controle, pois supostamente todas essas coisas estão sob o controle de Deus, sendo ele a Causa Única de tudo.

Comentários. A lista acima é apenas representativa dos tipos de oposições que ocorrem aos pares, resultantes da providência de Deus e que incluem coisas boas e más, pois Deus é a Causa de tudo, sem exceção. O autor sagrado forneceu-nos *sete jogos*, cada jogo formando um dual, mas, estritamente falando, 14 oposições, isto é, um duplo sete. Portanto, ele nos deu 28 itens, cada qual formando um dual, perfazendo 14, o duplo sete. Mediante essa numerologia, ele fala da providência divina completa e perfeita, sem importar o que poderíamos pensar sobre a bondade ou a maldade, sobre a justiça ou a injustiça do que é dito. O argumento do autor é que *todas as coisas* vêm de Deus, que nós estamos sujeitos à Sua vontade todo-poderosa e nada temos que dizer. Em outras palavras, temos de levar em conta um *determinismo* todo-poderoso (ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*). A teologia dos hebreus era fraca quanto a causas secundárias e, com plena certeza, atribuía todos os acontecimentos a Deus. Isso, sem dúvida, formava uma teologia deficiente, que continua na igreja cristã, no calvinismo radical. É um engano de proporções gigantescas atribuir o mal a Deus. Existe um ponto de vista superior a respeito de Deus, em outras passagens bíblicas, e é a ele que devemos apegar-nos. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Predestinação*, onde tento encontrar o equilíbrio da questão. Ver também o artigo chamado *Livre-arbítrio,* que existe, de fato, e não pode atuar em um sistema absolutamente determinado. Temos aqui um ponto de vista *voluntarista* de Deus. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Voluntarismo,* quanto a detalhes sobre esse assunto vital para a compreensão desta passagem.

A Labuta É Sem Proveito (3.9-15)

3.9

Que proveito tem o trabalhador naquilo em que se afadiga? *O pobre e triste filósofo,* laborando sob o seu sistema de determinismo absoluto, abateu-se e viu claramente que todo trabalho humano é vão. O homem é *esbofeteado* pelos ventos divinos e jamais poderá chegar a coisa alguma digna ou duradoura. Hoje ele tem aquilo que chama de bom, mas amanhã o vento varrerá tudo de sua frente. Não há valores permanentes. Quando adotamos uma teologia deficiente, isso certamente distorcerá nossa maneira de pensar sobre as coisas. E foi precisamente isso que o triste filósofo fez nesta passagem. Naturalmente, existem coisas de valor a serem obtidas ali, mas nos enganamos quando aceitamos o caso do autor, conforme está, e não nos erguemos nem objetamos a seus pontos de vista extremados de bom senso e de boa doutrina.

"Se as ações de um homem são destituídas de liberdade, visto que seus próprios atos ou pensamentos são ditados por uma vontade fora dele mesmo, que valor podem ter esses atos? Qual seria o uso do esforço humano? Diante dessa pergunta, a resposta é que o trabalho de um homem não se revestiria de nenhum valor real" (O. S. Rankin, *in loc.*).

Cinco Conclusões. Essas conclusões estão baseadas na doutrina do determinismo absoluto, no tocante ao trabalho humano; ver os vss. 10 e 11, 12-13, 14 e 15, que contêm as cinco conclusões e onde cada versículo oferece uma conclusão.

3.10

Vi o trabalho que Deus impôs aos filhos dos homens. *Primeira Conclusão.* Foi Deus quem impôs o *trabalho árduo* aos homens. Ele lhes deu as coisas que são obrigados a fazer, a fim de exercitar-se. Os homens não têm escolha sobre essa questão, e os resultados podem ser o que chamamos de bons ou maus, embora tudo seja inútil e cause sofrimento. Esta primeira declaração reitera o Deus do autor, a Causa Única, mas ignora completamente que outros fatores operam no mundo — as *causas secundárias,* que se originam entre os homens, nas comunidades, na natureza, na lei natural e até no *caos.* O homem carrega um *fardo pesado,* enviado por Deus, e precisa fazer o melhor que puder, não se queixando nem questionando a justiça do Deus voluntarista. A vontade de Deus é suprema e arbitrária (até onde os homens podem determinar). Mas a vontade de Deus, com ou sem razão, é suprema. O ensino não diz: "O homem é um pecador, assim tem de trabalhar". Antes, é o seguinte: "O homem está sujeito à vontade divina, que, naturalmente, faz dele um sofredor".

3.11

Tudo fez Deus formoso no seu devido tempo. *Segunda Conclusão.* Se houver alguma coisa no mundo a que chamamos de *belo,* então podemos atribuir essa coisa a Deus e, naturalmente, as coisas feias também são de Sua criação (o que compreendemos por implicação). O bom e o mau, o belo e o feio trocam-se em suas manifestações, cada coisa em seu devido tempo e estação (vs. 1). Todos os ciclos e condições procedem de Deus; portanto, sorri e suporta tudo, pois nada podes fazer a respeito.

Pôs a eternidade no coração do homem. *Eternidade,* literalmente, é "mundo". Foi Deus quem pôs no coração dos homens o desejo de compreender os mistérios do mundo, da vida e de seus possíveis significados. As pessoas procuram saber se há ou não algo de extratemporal em si mesmas; se são apenas animais ou se existe algo em um homem que o distinga dos irracionais. Ele pode até querer saber se há alguma parte, em si mesmo, que sobreviva à morte biológica; mas o vs. 18 despedaça essa esperança, se, de fato, o autor sacro, neste versículo, a está levantando.

O homem busca, mas nunca descobre muito sobre o significado dos mistérios. Deus pôs esse desejo no coração humano, mas não lhe garantiu sucesso. O homem é deixado a pairar sobre sua admiração e investigação. E a própria investigação consiste em vaidade. Nenhum homem pode descobrir o que Deus tem feito, por qual razão Ele assim o fez, ou por que Ele o fará. O homem é uma espécie de microcosmo do todo, mas não é capaz de discernir muito sobre si mesmo, a ponto de "ler alguma coisa sobre Deus". Ele implantou as idéias, que se agitam na mente de um homem e buscam explanações para os mistérios da existência. Mas esses mistérios estão ocultos em Deus, e nenhum homem, por nenhum modo de investigação, pode explicar o ser divino ou as coisas divinas. Deus é o *Mysterium Fascinosum* e também é o *Mysterium Tremendum* (ver a respeito na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia).* A mente humana sente um pouco desses mistérios, mas seus esforços por chegar a *conhecê-los* fracassam miseravelmente, e ele é deixado na vaidade.

Uso da Filosofia. O autor sagrado, chamado neste livro de "pregador", termo tipicamente hebraico, na realidade é um *filósofo.* Era um hebreu que se metia na filosofia com alguma habilidade; mas era um pessimista, o que explica suas conclusões obscuras. É necessário conhecer um pouco de filosofia para entender o livro. Ao longo deste comentário, refiro-me aos artigos cuja leitura é fundamental para permitir uma compreensão mais exata do que o autor sagrado procurava transmitir.

3.12-13

Sei que nada há melhor para o homem. *Terceira Conclusão.* O vs. 12 é igual, em sua essência, a Eclesiastes 2.24-25, onde existem notas expositivas. Percebendo a natureza determinada de todas as coisas, que inexoravelmente trazem o bem ou o mal que vitimam o homem, como ele deve reagir e conduzir sua vida? A resposta aparente do triste filósofo é o epicurismo, ou seja, os prazeres moderados, pois somente neles há algum valor aparente. Mas pode-se calcular que a posição verdadeira do autor sagrado seja a do niilismo. Ver as explicações em Eclesiastes 2.24-25, que desenvolvem essa idéia, e cujas referências devem ser lidas, para permitir melhor compreensão; além disso, há referências a artigos que parecem refletir a mensagem do presente versículo. O autor deixou claro que não existem valores reais. Ele não poderia promover o epicurismo, como se tivesse valor real. Esse é um *falso valor,* mas é a única coisa que descobrimos em meio a toda essa prisão do determinismo.

E também que é dom de Deus que possa o homem comer, beber e desfrutar. Este versículo reforça a idéia expressa no vs. 12. Ser capaz de participar do falso valor dos prazeres moderados, como se isso fosse o *summum bonum* da existência humana, é dom de Deus, visto que todas as coisas são determinadas por Ele. "O meio de aprazimento e a capacidade de desfrutar também são dons de Deus (cf. Eclesiastes 5.19), ou seja, tal é a operação de Deus, e não alguma coisa que um homem possa fazer por si mesmo" (O. S. Rankin, *in loc.*). Mas é um falso dom aquele que nos ajuda a participar de um falso valor. No fim, após a investigação, fica provado que tudo é apenas *vaidade.* O autor fez experiências com os prazeres, e os informes por ele colhidos mostraram que, ali, nada havia de valor (2.1-11). Estamos usando a palavra "valor" de maneira relativa. Não estamos falando em valores verdadeiros, permanentes e reais, mas tão-somente nos aparentes. Era isso o que o triste filósofo nos procurava dizer em seu discurso altamente heterodoxo.

As fontes informativas examinadas, que conheciam somente teologia e pouca ou nenhuma filosofia, perderam-se nesta passagem, onde se faz necessário algum conhecimento filosófico fundamental, para uma boa compreensão. Existem coisas de valor para o homem espiritual que ultrapassam a esfera de conhecimentos teológicos. Portanto, que o leitor não seja tão estrito a ponto de ter a teoria da "teologia somente" ou a teoria da *Bíblia somente.* Existem coisas de valor para o homem espiritual que vão além da esfera teológica de estudo. Antes, que o leitor abra todas as portas e janelas, obtenha todo o conhecimento que puder, em tantos campos quantos tenha tempo e capacidade para estudar. Todo o conhecimento, afinal, deriva-se de Deus.

3.14

Sei que tudo quanto Deus faz durará eternamente. *Quarta Conclusão.* Tudo quanto Deus faz perdura para sempre; coisa alguma pode ser adicionada ao que Ele determinou; e coisa alguma pode ser tirada do que Ele estabeleceu. *Determinismo absoluto* é o nome do jogo. Portanto, faça como os filósofos estóicos e aceite tudo e, então, sem importar se prosperar ou sofrer, você estará cumprindo a vontade de Deus. Deus age dessa maneira para fazer com que os homens *O temam.* E aqui devemos pensar em temor literal, e não meramente em respeito reverente, conforme se vê em muitos outros lugares. Essa *conclusão acerca do temor* é paralela a Pro. 1.7, onde há uma nota de sumário quanto ao "temor ao Senhor". Ver Sal. 119.38, quanto a outras notas expositivas e, ver, no *Dicionário,* o artigo intitulado *Temor.* O triste filósofo, tão pleno de idéias pessimistas, podia apenas *tremer* diante do Deus Todo-poderoso, que estava pronto a lançar alguns dardos envenenados sobre ele, a fim de reduzir sua vida a tragédia e lamentação. Nesse caso, estaríamos tratando com o *terror* (conforme disse Williams, *in loc.*), e não com a mera reverência. Esse temor compele a pessoa à aceitação e à resignação.

> *Somos para os deuses como as moscas são para os meninos.*
> *Eles nos matam como diversão.*
>
> (Shakespeare)

O leitor poderá observar que muitas declarações desanimadoras do livro são parecidas com as do livro de Jó, que caiu em profundo pessimismo em seus sofrimentos. Para o autor do livro de Eclesiastes, a vida se caracteriza por um profundo sofrimento, no qual os homens vivem presos. Mas ele tinha a idéia distorcida de que Deus planejou as coisas exatamente dessa maneira, visto que o mal faz parte integrante desse determinismo absoluto.

Quem estudou Schopenhauer e o livro de Eclesiastes de pronto reconhecerá que estamos tratando do mesmo tipo de mente. Poderíamos descrever, corretamente, essa mente como patológica. Ambos eram homens de gênio e escreveram com tanta maestria que seus escritos perduram até hoje. Os homens continuam indagando como o livro de Eclesiastes entrou no cânon do Antigo Testamento hebraico. Ver a seção VI da introdução ao livro, que trata desse tema. Antigos hebreus e até cristãos notáveis, como Martinho Lutero, rejeitaram este livro como obra heterodoxa e superficial. Por outra parte, o livro de Eclesiastes serve de maravilhosa demonstração de como funciona a mente pessimista. Portanto, que o leitor permita que o livro continue onde está e tire dele tudo quanto puder. Quem estiver buscando iluminação espiritual, deve investigar em outro lugar.

3.15

O que é já foi, e o que há de ser, também já foi. *Quinta Conclusão.* Este versículo é, essencialmente, a recuperação da idéia de Eclesiastes 1.9,10. Coisa alguma nova jamais ocorre. Todas as coisas estão fixadas em ciclos que se repetem como os do estoicismo grego, que têm subentendido o determinismo absoluto. De acordo com a doutrina do autor, o próprio Deus estaria em período de cio. O triste filósofo estava chegando a conclusões com base em sua teoria do determinismo absoluto, segundo o qual Deus é a Causa Única. Ao método usado por Deus, o autor atribuiu o *modus operandi* bastante embotado da repetição interminável. Essa foi a quinta conclusão alicerçada na sua premissa. É perfeitamente possível que o filósofo tenha emprestado sua idéia diretamente do estoicismo. Deus, como a Causa Única, fazia parte da teoria dos hebreus, bem como das teorias de outras etnias, mas os ciclos eternamente repetidos faziam parte da teoria favorita do estoicismo. Não é bastante aqui, acompanhando Franz Delitzsch, falar nas mesmas leis que reproduzem os mesmos fenômenos. Isso não é o mesmo que os *ciclos* repetitivos, segundo os quais o passado volta a repetir-se e, então, o futuro espera outra repetição. Aquilo que foi repelido por Deus, em algum tempo, é chamado de volta, a fim de acontecer de novo. A filosofia normal da história dos hebreus propunha um ponto de vista linear: a história começava na criação, movia-se ao longo de uma linha e terminava em alguma espécie de conclusão apropriada para o processo. Ver, na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia,* o artigo chamado *Filosofia da História.* A posição assumida pelo autor sagrado era, definitivamente, heterodoxa, tal como o eram muitas de suas idéias. Ver também o artigo intitulado *Estoicismo.*

Deus fará renovar-se o que se passou. O original hebraico por trás dessa tradução tem deixado perplexos os eruditos. Mas Barton (*in loc.*) provavelmente está certo ao falar de *ciclos em revolução.* Deus traz de volta aquilo que já havia acontecido antes. Coisa alguma permanece repelida ou "expulsa" (Revised Standard Version). Embora tudo continue voltando, nunca muda; isso é puro estoicismo.

O Lugar da Injustiça no Absolutismo de Deus (3.16–4.3)

A Amoralidade da Ordem Natural (3.16-22)

3.16

Vi ainda debaixo do sol que no lugar do juízo reinava a maldade. "A prova de que não existe ordem mundial moral, mas meramente uma ordem da natureza, à qual pertencem o homem e os animais" (Carl Siegfried, *in loc.*) é o argumento do triste filósofo que, agora, temos de enfrentar. Ansiamos por objetar à idéia do determinismo absoluto do filósofo, com base em que isso, natural e *necessariamente,* nos leva à conclusão ridícula de que Deus é, igualmente, o *autor do mal.* O calvinismo radical também se vê obrigado a enfrentar o mesmo dilema.

> *O Senhor fez todas as cousas para determinados fins, e até o perverso para o dia da calamidade.*
>
> (Provérbios 16.4)

Ver as notas sobre esse versículo. Esta passagem diz mais ou menos a mesma coisa e cria o mesmo problema. Nesse caso, como podemos falar em um universo amoral, e como pode Deus ser a causa do mal? Pois, se Ele é a Causa Única, então essa é a única conclusão a que podemos chegar. Respondemos dizendo simplesmente: "Isso reflete uma teologia má", e não nos sentimos responsáveis por tal conclusão. Essa não é a mensagem da maior parte da Bíblia, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento. Portanto, fiquemos com a melhor parte.

O filósofo olhou para o mundo e viu o fato terrível da injustiça e da maldade que, por toda parte, tinham tomado o lugar da justiça e da bondade. Como pode existir tal condição, se Deus é Todo-poderoso, Todo-bondade e também a Causa Única? O vs. 18 é a nossa resposta, de acordo com o louco e triste filósofo. Os homens não são melhores que os animais irracionais. Eles servem ao propósito para o qual foram criados, e isso envolve todos os seres humanos, não somente os chamados homens "bons". De alguma maneira, tanto os bons quanto os maus, tanto os justos quanto os injustos, tanto os piedosos quanto os ímpios (conforme os chamamos, em nosso próprio idioma), todos servem a Deus, pois Ele é o Criador de todos. Se não há outras causas, então devemos dizer que, por definição *divina, todas as coisas são boas,* embora isso nos possa parecer ridículo.

Todas as coisas terminam no *nada* (vss. 19 e 20), e isso também corresponde ao plano de Deus. Temos, agora, o problema do vs. 17, que indica que Deus levará todas as coisas a julgamento, endireitando as situações. Como se pode endireitar o que é bom, que Deus criou com Seus próprios propósitos e para Seu prazer? Se algo está perfeito, da maneira como está, devemos deixá-lo em paz. Mas, algum editor piedoso adicionou o vs. 17, para retificar aquilo que não pode e não deve ser retificado.

3.17

Então disse comigo: Deus julgará o justo e o perverso. Este versículo, que trata da *retribuição e da retificação divina*, por certo é adição de algum editor piedoso, que tentou tornar mais aceitável aos ouvidos judaicos o que o filósofo estava dizendo. Portanto, ele acrescentou a comum doutrina veterotestamentária da lei da colheita segundo a semeadura, a lei da justiça e da retribuição, das recompensas e das punições. Afirmou que Deus, que determina todas as coisas, também determina o julgamento e a retribuição e, talvez, até esteja aludindo a algum tipo de recompensa e punição para além-túmulo (uma idéia judaica posterior e, portanto, anacrônica nesta passagem). "A doutrina da retribuição divina não é coerente com o pensamento do Koheleth (o pregador), que é inteiramente determinista. O autor deste versículo, que anuncia o julgamento contra os justos e os injustos, dificilmente poderá ser a mesma pessoa que, no vs. 18, diz que os homens são *animais* e têm a mesma sorte" (O. S. Rankin, *in loc.*). As tentativas de reconciliar os vss. 16, 17 e 18 são bastante forçadas. Por que os homens tentam tornar ortodoxo um filósofo herege? Nosso autor sagrado, sem dúvida, mostrava-se definitivamente não-ortodoxo, e fez esforços extenuantes para provar isso. Ele chegou a rejeitar as idéias ortodoxas judaicas, substituindo-as por uma *doutrina diferente*, que ele sentia ser uma avaliação mais honesta. Um autor ortodoxo de Eclesiastes faria dele apenas mais um livro de Provérbios. Há um ponto que faz Eclesiastes não ser outro livro de Provérbios. A filosofia do autor sagrado não tinha asas, não podia levá-lo além de suas conclusões obscuras. E, por certo, ele não tinha forças para elevar-se acima do sepulcro, para ver o quadro brilhante lá no alto. Nosso homem amava o tenebroso, tinha a mente voltada para esse tipo de amor. Portanto, que o leitor evite tirar dele o que amava. Decididamente, ele tinha um problema de atitude.

3.18

Disse ainda comigo: É por causa dos filhos dos homens. Esta certamente é a verdadeira conclusão do vs. 16. De acordo com nossos padrões, o mundo está cheio de injustiças e caos moral. No entanto, o triste filósofo disse: "E daí? Foi isso o que Deus fez, para provar que os homens nada são além de animais que compartilham a mesma sorte. Todos procedem do pó e ao pó tornarão (vs. 20), e tudo faz parte do perfeito plano de Deus". Os intérpretes de inclinações mais fundamentalistas não podem deixar em paz esse herege, afirmando que o que é dito neste versículo não significa que os homens não têm alma, e que não existe vida após a morte física. Não obstante, o filósofo asseverou, enfaticamente, que o homem é pó e voltará a ser pó, tal e qual acontece aos animais irracionais. Sabemos que os homens têm alma; sabemos que haverá vida após o sepulcro, e que nossas contas serão resolvidas diante de Deus. Mas não era nisso que acreditava o louco e triste filósofo. Pelo contrário, o homem estava ansioso por defender sua posição heterodoxa, sem adicionar testemunho aos demais autores bíblicos. Ademais, no estágio em que o judaísmo se encontrava então, nem mesmo os judeus ortodoxos tinham chegado a acreditar na imortalidade da alma, embora cressem na retribuição divina, aqui mesmo na terra.

Note-se, agora, a conclusão absurda a que chegou o louco filósofo: reina a injustiça, em lugar da justiça, e isso está em harmonia com a vontade de Deus, que testa o homem. Ele procurou demonstrar que os seres humanos são criaturas de valor nenhum, pois terminam na cova, como os animais irracionais. A vontade de Deus opera para provar essa tese. Isso reflete o puro *voluntarismo* e também um puro *pessimismo*. Ver sobre esses vocábulos na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*.

3.19

Porque o que sucede aos filhos dos homens, sucede aos animais. Falemos agora sobre a *sorte* final. Seriam os homens diferentes dos animais, quanto a essa questão? "De maneira alguma", afirma o filósofo. A sorte dos homens e dos animais é *idêntica*. E no que consiste essa identidade? No "nada". Ambos morrem e são reduzidos ao "nada". Os homens e os animais têm de respirar. Um homem não tem vantagem alguma sobre os animais. Na verdade, *tudo é vaidade*. Quanto ao mesmo hálito entre os homens e os animais, ver Jó 34.14,15 e Sal. 104.29. No vs. 21, o filósofo fez uma diferença potencial entre os dois "hálitos": e alguns estudiosos pensam, aqui, em "espíritos". É ridículo afirmar que tudo quanto o filósofo quis dizer era que o corpo dos homens e dos animais tinha a mesma sorte, mas isso não se aplicava à alma deles. Permitamos que o filósofo diga o que *ele* quis dizer, não o que nós queremos dizer.

3.20

Todos vão para o mesmo lugar. Tanto os homens quanto os animais são criaturas que são pó e ao pós voltarão. Ver Gên. 2.7 e 3.19. Ver também Sal. 104.29. O judaísmo posterior e o cristianismo levantaram a cabeça do pó e viram uma luz mais brilhante. Mas o filósofo não tinha luz. O *pó* simboliza a brevidade e a mortalidade. O pó também representa o que é fugitivo e inconseqüente. Os lamentadores lançavam pó sobre a cabeça, em sua consternação por causa da morte. O filósofo não disse coisa alguma para tirar os homens do desespero, mas tomou a estranha posição de dizer que o desespero é correto, porque assim Deus o quis. A vida não é uma peregrinação entre dois montes de pó. Há uma peregrinação que termina em mundos de luz. Mas o filósofo sagrado não sabia disso.

3.21

Quem sabe que o fôlego de vida dos filhos dos homens se dirige para cima...? Ao menos por um momento, nosso homem poderia conduzir sua mente para algo mais alto. Talvez fosse verdade (conforme alguns dizem) que se pode fazer uma diferença entre o *hálito* (espírito) de um homem e o *hálito* de um animal irracional. Talvez o espírito humano não *desça* para o sepulcro ou hades, mas, antes, *suba* para Deus, o Criador. Isso faria um paralelo com Eclesiastes 12.7. As histórias de Enoque e Elias poderiam ilustrar o ponto. Se era isso o que nosso homem estava dizendo, então temos aí a primeira instância, no Antigo Testamento (excetuando-se as histórias de Enoque e Elias) de um espírito que, potencialmente, subiu a uma espécie de céu, lá no alto, em vez de descer ao sepulcro ou *seol*, lá embaixo. Além disso, surge em cena a pergunta se o filósofo estava referindo-se a uma continuação da vida nessa ida para cima. Ele não responde a isso. Cf. Pro. 15.24. O filósofo deixou essa especulação no ar, e também não a contradisse no vss. 20. Por alguns momentos, ele permitiu que suas perguntas cessassem; ele deve ter pensado: Ninguém *sabe*. Ninguém jamais viu um espírito humano (se é que existe tal coisa) subir ao céu. Naturalmente, nas experiências místicas, isso já tem acontecido. Mas nosso homem nada sabia sobre essas experiências. Ver, na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*, o artigo intitulado *Misticismo*.

Uma Interpretação Melhor? Talvez seja melhor aceitar como *sarcasmo* a declaração deste versículo. "Alguém deve ter ouvido as especulações sobre um homem que sobrevive diante da morte. Mas talvez seja o animal que sobrevive, não o homem! Talvez o seu espírito suba, enquanto o do homem desce. Por outra parte, talvez coisa alguma aconteça, e tudo termine no pó, conforme já fora dito (vs. 20)".

3.22

Pelo que vi não haver cousa melhor do que alegrar-se o homem nas suas obras. Dizendo o que realmente podemos dizer (deixando de fora conjecturas como as do vs. 21), o filósofo retornou ao único valor existente: seu presumível epicurismo, ou seja, o único "valor" digno de ser usufruído são os prazeres moderados. Contudo, já se admitiu que sua posição verdadeira era a do *niilismo*. Ver as notas em Eclesiastes 2.24-25, com notas adicionais em Eclesiastes 3.12. O presente versículo é, essencialmente, o mesmo. A vida é limitada pelo pó voltando ao pó; mas, se há mesmo alguma coisa além disso, quem pode dizê-lo? Não podemos edificar nossa vida sobre tais especulações. Visto que nenhum homem pode olhar para depois do "pó final", façamos o que pudermos e desfrutemos nossa pequena vida. Isso também é *vaidade*; porém, que mais poderíamos fazer? Um homem não pode contemplar sua vida para além das condições atuais e, muito menos, para algum estado além da mortalidade. Por conseguinte, não desperdicemos nosso tempo em tentativas. A mensagem deste versículo é "tirar vantagem" dos pequenos dias da vida, de qualquer maneira, e o filósofo recomenda um falso valor : prazeres moderados. Mas o que ele estava realmente dizendo é que não existem valores humanos.

Capítulo Quatro

Desenvolvimento Mais Detalhado do Tema da Vaidade (4.1–12.8)

As Injustiças da Vida Mostram a Inutilidade das Coisas (4.1-16)

Não há interrupção entre o fim do capítulo 3 e o início do capítulo 4. Esta seção começou em Eclesiastes 3.16, onde existe uma introdução. O filósofo, agora, prossegue a fim de falar sobre a miséria que governa este mundo, e constata que estava descrevendo uma morte em vida, algo pior que a própria morte.

4.1

Vi ainda todas as opressões que se fazem debaixo do sol. Este versículo descreve o *mal moral,* que faz parte do *Problema do Mal* em geral. Ver sobre isso no *Dicionário.* Há duas classes gerais do mal: o moral e o natural. O *mal moral* é aquele que os homens praticam contra seus semelhantes, devido à perversidade de sua vontade. O *mal natural* consiste nos abusos da natureza, como incêndios, inundações, terremotos, desastres naturais de todas as sortes, enfermidades e, finalmente, a morte. Por que os homens sofrem, e por que sofrem da maneira como sofrem? Por que Deus não elimina todo esse sofrimento, se sabe tudo e é Todo-poderoso? O autor limita-se a descrições vívidas de sofrimentos, mas não tem a coragem de erguer-se e dizer, em consonância com sua tese constante: "Deus, em Sua soberania, fez os homens ímpios ser o que são, pelo que estão servindo à vontade de Deus, da mesma maneira que O estão servindo ao sofrer aflições. A vontade de Deus está com a razão, mesmo que assim não pareça aos nossos olhos. Portanto, devemos ficar quietos e continuar a sofrer, mediante o que cumprimos nossa parte na vontade de Deus". Naturalmente, existem melhores respostas para o problema do mal, e no artigo chamado *Problema do Mal* (no *Dicionário*), tento dar algumas dessas respostas, mas ainda há muitos *enigmas* quanto à questão. Nosso melhor apelo é à imortalidade, quando as coisas são retificadas diante de nós, mas o louco filósofo não levou isso em consideração.

O Mal Moral Neste Versículo. O mal moral expressa-se através da opressão dos ímpios contra os justos. As lágrimas escorrem, mas não há ninguém para consolar. Os opressores têm o poder, pelo que os inocentes sofrem sem recurso e sem defesa. Estamos falando sobre a *impotência desesperada.* Pode Deus estar por trás de todas essas coisas? "Sim!", responde o filósofo, embora não o diga neste parágrafo. Ele apenas nos permite dar uma boa espiada no que está acontecendo. Os vss. 1-3 desenvolvem a idéia de Eclesiastes 3.16, pelo que, naturalmente, devemos ter a mesma resposta para esse problema que naquele versículo. A resposta se constitui das declarações pessimistas dos vss. 18-22.

4.2

Pelo que tenho por mais felizes os que já morreram. O *triste filósofo* continua aqui a descrever o mal moral. Durante todo o tempo ele vinha trabalhando a respeito da questão, falando-nos sobre ela em sua doutrina de "Deus como a Causa Única". Os homens e os animais irracionais terminam ambos no pó, portanto que diferença se faz entre *o pó e o pó* (3.20)? Seja como for, os sofrimentos são tão terríveis nesta vida, e o filósofo invejava os mortos que já estavam livres de seus sofrimentos e "descansavam" em seu eterno nada, o que é muito melhor que a morte em vida. Este versículo é outra reafirmação da convicção do autor, de que não existe vida para além do sepulcro (3.18,19). Ademais, ele havia abandonado toda a esperança que tivesse visto em alguma alegada pós-vida (3.21). Certamente, ele não estava falando de paz, em algum melhor pós-vida, que alguns intérpretes, insensatamente, forçam no texto. Ele estava falando do aniquilamento total.

4.3

Porém mais que uns e outros tenho por feliz aquele que ainda não nasceu. A vida é tão má e os sofrimentos são tão grandes que bem-aventurado é o homem "potencial", que ainda não nasceu. Ele evitava a terrível farsa da qual consiste a vida inteira. O triste filósofo não estava falando sobre alguma alma que ainda não tivesse encarnado. Falava de *não-entidades*, que poderiam existir se as circunstâncias tivessem contribuído para tanto. Ao autor sagrado, parecia melhor ser uma absoluta não-entidade do que estar vivo no momento, ou, então, estar morto, que ter de passar pelo pesadelo da vida mortal.

Nunca ter existido de modo algum
É mais excelente do que toda a fama;
Mas o melhor de tudo é
Passar rapidamente para o lugar
De onde todos viemos.

(James Shirley)

Buda observou que, se todas as lágrimas já vertidas pudessem ser recolhidas, elas encheriam os oceanos. Buda buscava escapar na cessação dos desejos. O triste filósofo buscava escapar no *nada.* Jó, em seus momentos mais tenebrosos, chegou à mesma conclusão. Ver Jó 3.11,16,21. Ver também Pro. 6.3.

Os expositores judeus posteriores esforçavam-se por provar, por meio deste texto, a *preexistência da alma.* A igreja cristã oriental, como um todo, tem advogado essa doutrina, que parece fazer mais sentido que as teorias do *criacionismo* e do *traducionismo.* Ver esses três assuntos na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.* Não há a menor chance de que a doutrina judaica, nos dias de nosso filósofo, ou a doutrina defendida por ele mesmo, contemplasse a idéia da *preexistência da alma.*

Competição e Cooperação (4.4-12)

4.4

Então vi que todo trabalho, e toda destreza em obras... A *rivalidade* e a *competição* explicam o labor de muitos homens. Esses homens não produzem por razões nobres, mas apenas para ultrapassar outros homens. Portanto, muito trabalho humano está alicerçado sobre *motivos ignóbeis.* Outra maneira possível de compreender este versículo é que alguém labora arduamente, mas tudo quanto obtém é a agressão de outras pessoas, que o invejam e querem derrubá-lo. Trabalha-se arduamente para ultrapassar outrem e ser invejado por aquilo que se faz e, assim, recebem-se críticas; pior ainda, tudo é vaidade e vexação de espírito, ou é seguir o vento que não se pode conter na mão; tudo isso é inútil e destituído de esperança. Cf. este versículo com Eclesiastes 1.14,17.

4.5

O tolo cruza os braços, e come a própria carne... Um homem, percebendo toda a confusão que o trabalho cria (vs. 4), e também sabendo que o labor é tão infrutífero e vão (1.3), pode decidir nada fazer, como alternativa razoável ao trabalho, o que também é loucura vã. Isso acontece porque o indivíduo que cruza os braços e nada faz, na realidade, "está comendo a própria carne". Em outras palavras, ele se reduziu à pobreza e sofre muitas privações. Ou, então, isso poderia significar que o homem está reduzido a viver à custa de seus *parentes* (que são a sua própria carne, pelo que ele os está consumindo figurativamente).

"Os intérpretes usualmente tomam essas palavras metaforicamente, tal como se vê em Sal. 27.2; Isa. 49.3; Miq. 3.3, compreendendo-as como condenação da conduta *suicida* do preguiçoso" (Ellicott, *in loc.*).

4.6

Melhor é um tanto de descanso do que ambas as mãos cheias de trabalho. Entre a loucura do trabalho excessivo e não trabalhar de maneira alguma, há o meio-termo da moderação. Trabalhe o bastante para obter aquilo de que você necessita. Não desperte o ódio de outras pessoas, que lhe perturbarão a paz, com todo o seu trabalho duro. Além disso, não seja um idiota preguiçoso que acabe vivendo à custa de outras pessoas. Contente-se, pois, o leitor com um pouco, que é modesto, mas suficiente. O homem moderado poupa-se de muito trabalho e não termina "correndo atrás do vento", conforme faz o superdiligente. "A calma (tranqüilidade que flui de um trabalho moderado) é o meio feliz entre a indolência ruinosa, por um lado (vs. 5), e a aquisição laboriosa de riquezas que engendra invejas, por outro (vs. 4; Pro. 15.16-17; 16.8)" (Fausset, *in loc.*).

O Labor Algumas Vezes é Motivado pela Ganância (4.7-12)

4.7

Então considerei outra vaidade debaixo do sol. O triste filósofo nunca desistiu. Suas investigações continuavam. Ele seguia observando intermináveis manifestações de vaidade "debaixo do sol", onde os homens vivem e lutam com as vicissitudes da vida. Aben Ezra fala sobre os diferentes tipos de insensatos que nosso homem encontrava. Ele tinha abundância de materiais para fazer suas pesquisas.

4.8

Um homem sem ninguém, não tem filho nem irmã. Ele não tinha laços familiares imediatos. Não tinha esposa, irmão ou filho, mas vivia sempre trabalhando, amealhando cada vez mais para si mesmo. Ele se levantava cedo para trabalhar e permanecia acordado, trabalhando, até altas horas da noite. Era um fanático total, mas por uma razão apenas: a *ganância.* Esse homem tinha "febre de trabalho". Nunca parou para perguntar por que se estava privando de tudo, incluindo pequenos prazeres da vida. Ele se submeteu a uma *enfadonha ocupação* e *vaidade,* somente para obter mais e mais bens e riquezas para si mesmo. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Ganância. O negócio dele era miserável,* conforme alguns definem o seu labor (no hebraico, *inyan ra, tarefa desagradável*). Ele carregava uma *carga inútil,* que vinha consumindo a sua vida.

4.9-10

Melhor é serem dois do que um. É melhor viver e trabalhar aos pares, e sem inveja (contrastar com o vs. 4). O *companheirismo,* se for amigável e compartilhador, é melhor que o caso do solista louco do vs. 8. Os lucros podem ser divididos e, no tempo da necessidade, tem-se um amigo próximo para ajudar (vs. 10). Por outra parte, se um homem estiver sozinho e falhar (chegar ao ponto de calamidade ou não alcançar sucesso em sua tarefa), não será ajudado por ninguém. Antes, terá uma longa, e talvez final, reversão da fortuna. Kipling obser-

vou que toda a corrida é ganha "pelo próprio sujeito" que corre, e não pelas pernas de outrem. Assim acontece no caso das corridas a pé, ou no caso de muitos empreendimentos; mas essa tende a ser uma corrida fútil e solitária, quando estão envolvidas as questões da vida. A *amizade* é importante em todos os labores e empreendimentos humanos. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Amizade*. O tema continua nos vss. 11 e 12, com ilustrações. "Laços de união, casamento, comunidades de família ou religiosa, são melhores do que a solidão egoísta do miserável (ver Gên. 2.18), porquanto há vantagens no esforço combinado. Por isso mesmo, diz o Talmude: 'Um homem sem um companheiro é como a mão esquerda sem a mão direita'" (Fausset, *in loc.*). Jesus enviou os trabalhadores do evangelho de dois em dois (ver Luc. 10) e, onde dois ou três estiverem reunidos, em nome Dele, Ele estará no meio deles (ver Mat. 18.20).

4.11

Também, se dois dormirem juntos, eles se aquentarão. O autor ilustra aqui sua teoria de que "dois é melhor do que um só", começando pela relação do matrimônio, pois duas pessoas, deitadas na mesma cama, se mantêm aquecidas, entre outras vantagens. O casal deitado gera *calor*, mas uma pessoa deitada sozinha fica fria. O calor estende-se a todas as coisas boas que um bom casamento pode prover. É conforme Adam Clarke disse: "Quase qualquer esposa é melhor que nenhuma". Cf. este versículo com I Reis 1.4. A idéia do *calor* pode ser aplicada a toda boa relação humana, pelo que costumamos falar sobre o "calor da bondade humana", que todos precisamos dar e receber. Cf. Luc. 24.32 e Atos 28.15.

4.12

Se alguém quiser prevalecer contra um, os dois lhe resistirão. Em tempos de tribulação e oposição, uma luta entre duas pessoas deixa o resultado na dúvida. Mas, em uma luta onde um só tem de lutar contra dois, a vitória dos dois está assegurada. O "inimigo" pode ser outra pessoa ou qualquer circunstância. O inimigo, pois, sempre poderá ser enfrentado com maior confiança quando dispomos de um amigo. Mas, assim como dois é melhor que um, também três é melhor que dois. Os três formam uma corda de três dobras, que não pode ser rebentada com facilidade. É melhor contarmos com laços sociais mais amplos; a comunidade inteira é melhor que dois companheiros. Talvez a aplicação primária seja representada pela família, formada por pai, mãe e filho. As três cordas estão bem apertadas uma à outra, e nisso consiste a força da corda de três dobras. Mas, se as dobras forem separadas, então a *fraqueza* será a palavra do dia.

Este versículo tem sido cristianizado para falar sobre o Pai, o Filho e o Espírito Santo, a unidade celestial que é fonte originária de toda a força e benefício. Mas isso já é uma aplicação fantasiosa deste texto. "Calor, consolo, segurança e proteção fluem da nossa associação com outras pessoas" (O. S. Rankin, *in loc.*).

A Inutilidade de Buscar a Fama (4.13-16)

4.13

Melhor é o jovem pobre e sábio do que o rei velho e insensato. A idéia deste versículo parece ser aquele antigo e romântico tema, de como um pobre jovem, por meio de sua sabedoria e esforço incansável, subiu até o trono. Tais narrativas eram comuns nas escolas de sabedoria. Cf. Eclesiástico 11.5-6.

> *Muitos espezinhados têm sentado em um trono,*
> *E aqueles que nunca pensaram nisso,*
> *Têm terminado por usar uma coroa. Muitos exaltados,*
> *De antemão, têm sofrido grandes humilhações.*

Esse homem substituirá o rei velho e insensato, que se mostrara indigno do cargo. Muitos têm subido ao poder, mas o poder permanente depende do apoio popular. O povo quer ver-se livre de maus reis, buscando um substituto digno para um rei indigno. Todavia, a aclamação popular é algo vão, e todos os monarcas fracassam quando o povo esquece quem fez o bem, ou quem não fez o que é correto. Tudo termina na mesma vaidade (vs. 16). Este parágrafo, portanto, ilustra a "natureza transitória da fama e do prestígio, mas a interpretação e significação exata destes versículos ficam um tanto obscuras, por causa da ambigüidade das expressões" (Donald R. Glenn, *in loc.*).

4.14

Ainda que saia do cárcere para reinar. Um dos sentidos deste versículo é que o homem que se tornara rei saiu "da prisão para subir ao trono", ao passo que o homem que nasceu no reino que estava governando caiu em desgraça, foi destronado e terminou na pobreza. Nesse caso, estão em pauta as reversões da sorte. Ou talvez o homem que "saiu da prisão para reinar" tenha sido, em sua própria pátria (ou no mesmo reino do rei anterior), alguém pobre e sem influência. Nesse caso, o sentido seria expresso pelo ditado popular: "dos trapos para as riquezas".

Consideremos o caso de José, filho de Jacó. Ele saiu diretamente da prisão para tornar-se o primeiro-ministro da mais poderosa nação da terra. Além dele, consideremos o caso de Jeroboão, o qual tomou de Roboão as dez tribos nortistas, a nação de Israel. Tais relatos são impressionantes, mas sempre terminam da mesma maneira. Subiu ao trono do Egito um faraó que não conhecera José. E Jeroboão caiu na desgraça, diante de Deus e dos homens. O final de todos esses empreendimentos humanos é a vaidade e a perseguição do vento (vs. 16). Isso é ilustrado mediante um antigo provérbio persa: "A estrela brilhante transformou-se em uma lua (uma luz maior), mas a noite futura escurecerá a lua". Alguns rabinos aplicavam este versículo a Abraão, o qual veio de longe e preparou para si mesmo um novo lugar.

4.15

Vi todos os viventes que andam debaixo do sol. O jovem substituto do idoso rei, entretanto, era apenas outro ser humano que sofreria sorte similar. Outro sucessor acabará ficando com o seu trono. O homem que "saiu da prisão para o trono" e "dos trapos para as riquezas" terá o mesmo fim inglório de outros, que foram homens menos ambiciosos e alcançaram menos êxito. O redemoinho da nulidade haverá de arrebatá-lo e às massas sobre as quais ele reinou, bem como a todas as massas populares. Isso demonstra a vaidade inútil da busca pelo prestígio e pela fama. Salomão, o homem que guindou Israel à época áurea, murchou, e o insensato Roboão dividiu o reino, por causa de seu conflito com Jeroboão. Roboão ficou somente com duas tribos, ao passo que Jeroboão ficou com dez. Mas ambos eram homens débeis e, em breve, foram reduzidos a nada, arrastando seus respectivos reinos. Herodes Agripa saiu da prisão a fim de governar (Josefo, *Antiq.* xviii, cap. 6), mas a *confusão* foi a palavra-chave de tudo o que ele fez. Seu trajeto foi "da prisão para o trono e do trono para a desgraça", e isso conta bem a história dos reis e de todos quantos se esforçam por alcançar a fama.

4.16

Era sem conta todo o povo que ele dominava. *Conclusão do "Jogo da Fama".* O rei que saiu "da prisão para o trono", durante algum tempo, desfrutou autoridade sobre as massas e caminhou por altos escalões. Mas as massas vão e vêm, e a nova multidão não favorecia o homem. Ele não tinha mais razão para continuar a regozijar-se com sua riqueza e poder. Na realidade, tudo terminou em vaidade e perseguição ao vento. Os homens vêm e vão, dançando e saltitando no palco da vida, como se tivessem de ser reis do "terreiro", para sempre. Porém, assim que a maré do tempo os leva embora, fica demonstrado quão fúteis e vãs são as suas vantagens temporárias. Tudo era apenas uma farsa, pois estavam somente perseguindo o vento (Eclesiastes 1.14,17; 2.11,17,26; 4.4,6; 6.9).

Capítulo Cinco

As Riquezas para Nada Servem (5.1-20)

Votos Precipitados Anulam os Frutos do Labor (5.1-7)

Um homem sábio mostrar-se-á cauteloso quanto às práticas religiosas e devoções. Terá cuidado em realizar votos, mas também será cuidadoso em não fazer votos insensatos que o prejudiquem.

"*Eclesiastes 5.1-7.* Estes versículos são freqüentemente interpretados como um interlúdio no argumento de Salomão. São geralmente compreendidos como um trecho que fornece conselhos sobre a adoração, incluindo a atitude de adoração apropriada (vs. 1); a prática apropriada da oração (vss. 2 e 3); e o pagamento apropriado dos votos (vss. 4-7). Na realidade, entretanto, fazem parte importante do argumento de Salomão, advertindo contra seguir votos precipitados, o que leva uma pessoa a perder os frutos de seu trabalho, quando Deus destrói o trabalho de suas mãos (vs. 6). Foi assim que Salomão advertiu contra a insensatez dos votos precipitados que ele chamou de 'sacrifícios de tolos' (vs. 1). Ele advertiu contra proferir um *voto* precipitado e mal considerado para com o Senhor. 'Não sejas precipitado com a tua boca. Não te apresses em teu coração' (vs. 2)" (Donald R. Glenn, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Votos*, e também sobre o campeão dos votos maus, *Jefté*, em Juí. 11.1-12.7.

5.1

Guarda o teu pé, quando entrares na casa de Deus. Cuida bem do que fizeres quando fores ao templo de Jerusalém realizar os teus sacrifícios, rituais e

votos. Quando estiveres ali, poderás ser arrebatado com um falso entusiasmo e terminar oferecendo um *sacrifício de tolos*, isto é, um *voto errado*, que não possas cumprir, ou que, se for cumprido, te prejudicará. O triste filósofo não estava degradando os sacrifícios de animais como se fossem tolos. Mas alguns considerariam sanguinários esses sacrifícios, e os que os oferecem, insensatos, já que eram bons apenas na aparência, pois tinham a toda espécie de perversões e corrupções no coração. "Esses oferecem sacrifícios por seus pecados, mas, como tolos, não se afastam deles" (Adam Clarke, *in loc.*).

Chegar-se para ouvir. Ou seja, é melhor obter instruções dos ministros que estão nos templos, o que já seria razão suficiente para evitar votos tolos.

5.2

Não te precipites com a tua boca. Como fica claro, temos aqui um homem estulto que se entusiasma e faz um voto precipitado. O homem imaginário fala na *presença* de Deus, porquanto está fazendo uma promessa ou um voto no templo. Ele exagera e promete aquilo que não pode cumprir. Os hebreus levavam muito a sério a questão dos votos. No caso de Jefté, ele acabou sacrificando a própria filha, a fim de cumprir uma promessa que fizera em campo de batalha, "caso Yahweh lhe desse a vitória". Ele prometeu que, se obtivesse a vitória sobre o inimigo, sacrificaria a primeira coisa que viesse em sua direção, quando se aproximasse de casa. E, então, aconteceu o inconcebível: sua *filha* se aproximou. O insensato Jefté sentiu que tinha de cumprir o voto tolo, temendo que Yahweh nunca mais o favorecesse em seus empreendimentos. Ver Juí. 11.1–12.7.

Este versículo não se declara contra o *muito falar* (como fazem os pagãos) em suas orações, conforme alguns comentadores supõem. Ver Mar. 12.40. O versículo também não increpa as orações superficiais e tolas, nem o fato de se familiarizar com Deus, proferindo palavras superficiais diante do Todo-poderoso. Para dizer a verdade, esses também são erros comuns entre os homens, mas não é o erro aqui combatido. Deus, estando no céu, considera o homem à face da terra, humilde e pequeno, responsável pelo que acontece no templo. Por conseguinte, o conselho do versículo é o de que o leitor se mostre moderado e respeitoso quando estiver ali, controlando a própria língua, que costuma inclinar-se em proferir palavras insensatas. Que o leitor falasse poucas e humildes palavras ali, já que não era o proprietário do lugar nem do que dali se derivava.

5.3

Porque dos muitos trabalhos vêm os sonhos. As muitas atividades durante o dia provocam uma noite repleta de sonhos, mas tudo não passa de vaidade. Os sonhos excessivos consistem apenas na tentativa de aliviar a mente das ansiedades do dia. Por isso mesmo, os insensatos tornam-se conhecidos por *outros excessos*, como falar em demasia e fazer votos precipitados mediante palavras ousadas, que não se baseiam na realidade, da mesma forma que os sonhos também não são a vida real. Naturalmente, o triste filósofo não sabia muita coisa sobre a teoria dos sonhos, considerando-os todos triviais e vãos (vs. 7). Mas sabemos que muitos sonhos têm profundo significado; podem ser nossos juízes e jurados quanto a questões morais, e alguns são precognitivos. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Sonhos*, quanto a um sumário do que se sabe sobre os sonhos. Não obstante, o ponto foi bem fixado: o homem precipitado, que faz muitos votos, é apenas um sonhador que nunca verá o que quer ser realizado na vida real. Ademais, ele pagará pelas promessas precipitadas que tiver feito. Os sonhos podem ser incoerentes, mera bagagem mental, e o insensato que faz votos precipitados é um homem incoerente. Algumas pessoas religiosas exageram quanto aos sonhos e os transformam em mensagens místicas, regular e constantemente. Pensam que Deus vive a falar com elas por meio de seus sonhos, mas são apenas *tolos místicos*. Assim sendo, o homem que entra na casa de Deus e fala demais, por estar entusiasmado com este meio ambiente santificado, também pode não passar de um tolo místico.

5.4

Quando a Deus fizeres algum voto, não tardes em cumpri-lo. Os votos são *questões sérias* e devem ser feitos com toda a sinceridade, seletivamente, em harmonia com a capacidade de se cumprir aquilo que se prometeu. Um homem deve pagar seus votos assim que puder. O pagamento dos votos, quando excessivamente adiado, não é válido. Um homem fez um voto e descobriu que não podia cumpri-lo, assim adiou o pagamento, na esperança de que houvesse uma mudança de circunstâncias que o capacitasse a cumprir suas promessas. Por conseguinte, ele espera e espera, mas nada sucede. porquanto ele prometeu para além de seus meios. Esse homem mostrou ser um insensato, mas Deus não se apraz com tais homens nem favorece tais indivíduos na administração diária de Sua providência.

Conclusão. Faze teus votos com moderação; cumpre os teus votos, o mais imediatamente possível. Se assim o fizeres, poderás esperar o favor de Deus. Cf. Deu. 23.21-23, que diz essencialmente a mesma coisa. Cf. Eclesiástico 18.22 e Isa. 62.4. A tendência dos homens é fazer promessas em algum momento de teste ou necessidade, para, em seguida, esquecer prontamente as promessas feitas, uma vez que as coisas se desanuviem. A lei mosaica não *requeria* que os filhos de Israel fizessem votos; eles eram feitos voluntariamente. Portanto, uma vez feitos, eles tinham de ser cumpridos prontamente.

5.5

Melhor é que não votes do que votes e não cumpras. É prático, moral e espiritualmente melhor não nos envolvermos na questão dos votos, se não podemos cumprir nossas promessas. Fazer votos não era requerido na lei de Moisés; eles podiam ser uma adição valiosa à piedade básica, mas tinham de ser aplicados com cautela. A "autoconsagração" pode ser boa. Um homem pode acrescentar algo à sua espiritualidade, impondo algumas coisas a si mesmo, embora a lei básica de Moisés não requeresse tais coisas. Esse compromisso, entretanto, é algo sério, e não devemos abusar. Está o leitor lembrado do homem que se lançou ao projeto de construir uma torre, mas acabou ficando sem dinheiro? Ele terminou sendo ridicularizado por todos (ver Luc. 14.28). Se você se impuser ao castigo de uma cruz auto-infligida, então deverá ter certeza de que é forte o bastante para transportá-la. Consideremos o desastre dos votos tomados por Ananias e Safira (ver Atos 5.1-11). A calamidade deles foi acrescida pela desonestidade na questão. Eles doaram algum dinheiro, mas terminaram perdendo a própria vida.

5.6

Não consintas que a tua boca te faça culpado. A boca pode levar uma pessoa a cair em pecado. Ver quanto ao uso próprio e impróprio da língua, em Pro. 8.21 e 11.9,13. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Linguagem, Uso Apropriado da*. O pecado especial da presente passagem consiste em permitir que a língua faça promessas tolas que só resultam em vexação. O insensato poderá dizer, mais tarde, quando alguém, como um ministro do templo, estiver pronto para colher o que fora prometido: "A promessa foi um equívoco, um erro de cálculo, algo que prometi inadvertidamente". O coletor, entretanto, não dará ouvidos a tal conversa. Ele há de querer seu dinheiro, verificando se você fez o devido pagamento, mesmo que isso o reduza à pobreza, pois ele tem a lei do seu lado; por conseguinte, você não terá escolha. Os tribunais talvez tenham de decidir a questão, e o precipitado fazedor de votos por certo perderá a causa. O próprio Deus reduzirá esse homem a nada, destruindo as obras de suas mãos. Suas possessões lhe serão confiscadas, ele perderá seu gado e sua casa. Talvez até seus terrenos sejam perdidos no ano do Jubileu, depois que ele morrer. E sua família sofrerá por causa de sua loucura.

Diante do mensageiro de Deus. Isto pode significar que o homem fará seu discurso de desculpas e mentiras na presença do Senhor; o mais provável, porém, é que se trate de um *mensageiro* encaminhado para fazer a coleta do dinheiro, como um sacerdote enviado da parte do templo. Ver Mal. 2.7. Além de desagradar ao mensageiro, o homem se poria sob o desprazer divino, pelo que seu empreendimento começaria a falhar. Ele perderia tudo quanto tivesse trabalhado para ganhar, e os seus projetos futuros cairiam por terra. Aprendemos aqui algo sobre a santidade das palavras. "As palavras têm um poder além de nosso conhecimento. Elas servem de pontos para toda a amizade. Podem curar ou ferir, mobilizam exércitos e lançam couraçados, ou podem lançar bombas dos céus. Podem aumentar ou aliviar tensões entre os homens e as nações. Elas tocam no divino" (Gaius Glenn Atkins, *in loc.*, com algumas adições).

5.7

Como na multidão dos sonhos há vaidade. Assim como uma multidão de sonhos traz vaidades à mente humana, também o muito falar, na formação de votos, leva um homem ao nada, conforme explicado nos comentários sobre o versículo anterior. Além disso, o ato, em *si mesmo*, é próprio dos insensatos e vaidade. "Na multidão dos sonhos há futilidade e ruína no dilúvio das palavras" (possível tradução do versículo).

Teme a Deus. Poderíamos interpretar o "temor ao Senhor", a piedade padronizada dos hebreus, que é a essência da espiritualidade do Antigo Testamento (ver Pro. 1.7; Sal. 119.38; e ver no *Dicionário* o verbete chamado *Temor*). Ou, então, devemos pensar no *terror real* imposto pelo Ser divino, que pode reduzir um homem a nada, se ele cometer certos pecados, que podem feri-lo, meramente porque ele é um homem, não melhor que um animal. Quanto ao *temor* dessa sorte, ver Eclesiastes 3.14. O trecho de Eclesiastes 12.13 tem a expressão em seu uso tradicional.

A Vaidade das Riquezas (5.8-20)

As Extorsões de Oficiais Corruptos Podem Reduzir uma Pessoa a Nada (5.8-9)

5.8

Se vires em alguma província opressão de pobres... As riquezas materiais, de uma pessoa ou de uma nação podem excitar a ganância dos dirigentes corruptos. Os pobres são, com freqüência, oprimidos, e os que têm um pouco mais de dinheiro inevitavelmente excitam a cobiça. E também há a *hierarquia do poder*. Todos os oficiais da ordem social são corruptos, e cada um deles espera poder cobrar do oficial inferior alguma coisa de valor, através de atos injustos. Desde o menor até o rei, encontramos homens gananciosos e extorsivos, que formam um bando de lobos e exploram as pessoas, cada qual roubando seus inferiores e dependentes. Confere tudo isso, com a avaliação de Samuel, do que acontece quando um povo escolhe um rei (ver I Sam. 8.10-18).

Salomão, em sua loucura pela ostentação e por obras públicas cada vez mais suntuosas, cobrou pesados impostos do povo de Israel e empobreceu muitos súditos; assim, nem mesmo esse sábio rei pôde escapar da observação que encontramos nos vss. 8-9. Ver I Reis 4.7,22-23. Alguns intérpretes vêem Deus como se estivesse acima de todos os governantes. É verdade que o triste e louco filósofo não fazia idéia muito digna da divindade, promovendo seu Deus brutal, sem coração e voluntarista (ver Eclesiastes 3.16,18-20). Portanto, é possível que o autor esteja apresentando Deus aqui como o maior dos exploradores e opressores, embora eu pense que isso é altamente improvável. Jó, entretanto, não deixava de falar de Deus nesse sentido. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Voluntarismo*. Os homens têm inventado e lançado sobre as pessoas alguns conceitos bastante estranhos sobre Deus, como se fossem "verdades de Deus". Mas a pior de todas as coisas é que alguns homens levam a sério esses pontos de vista distorcidos sobre Deus, como é o caso do deus destruidor do calvinismo radical.

5.9

O proveito da terra é para todos. No topo do grande número de oficiais gananciosos acha-se o próprio rei, que encabeça a alcatéia de lobos. É o rei quem controla um país inteiro, de onde provêm as riquezas do país. Ele é igualmente o chefe dos oficiais menores, corruptos, fazendo com que todos o sirvam com impostos exorbitantes (cobrados do povo em geral), presentes e subornos. Os verdadeiros perdedores são as pessoas que têm de pagar essa horrível conta da corrupção. Como é usual, a *política* é o tema do triste filósofo. O próprio grande Salomão, que levou Israel à época áurea, fê-lo mediante a exploração do povo (I Reis 4.7,22-23).

Os vss. 6-9 têm um hebraico obscuro, pelo que têm recebido diferentes interpretações. Uma delas diz que Deus, que julga os votos precipitados dos homens (vss. 6-7), cuidará para que os oficiais corruptos paguem por terem explorado o povo. Mediante essa interpretação, Deus não aparece como o maior dos exploradores, mas, antes, é o Juiz de todas as autoridades humanas que atuam debaixo Dele. Porém, para chegarmos a essa interpretação, temos de vincular os vss. 8-9 aos vss. 4-6, como se prometessem vingança contra os governos humanos corruptos; mas tal conexão é duvidosa.

Um Homem Pode Perder os Frutos de Seu Trabalho pela Própria Ganância (5.10-12)

5.10

Quem ama o dinheiro, jamais dele se farta. A tendência das autoridades gananciosas é querer mais e mais. Os verdadeiramente ricos juntam quantias cada vez maiores de dinheiro, como se isso fosse um esporte; e, para eles, sem dúvida, assim a questão parece ser. Ainda recentemente, li sobre um homem que apostava 20 mil dólares por dia em jogos, pois indubitavelmente essa era a sua noção de diversão. Todos somos testemunhas de como os homens são capazes de perder vastas fortunas mediante atos de imprudência. O dinheiro lhes dá um falso senso de segurança, pelo que eles arriscam, com freqüência na esperança de conseguir mais dinheiro ainda, embora não tenham necessidade de coisa alguma e, talvez, nunca venham a ter necessidade de nada (se ao menos forem levemente prudentes). Um homem da antiguidade, que tinha muita prata, deveria ter ficado satisfeito, visto que a prata, depois do ouro, é o mais nobre e precioso dos metais. Mas o proprietário de tanta prata quis tornar-se proprietário de maior quantidade do metal e, assim, aventurou-se com as suas riquezas. E acabou querendo ser um grande proprietário de ouro e jóias e, mais tarde, quis ser o maior proprietário de terras do país. Aquele homem nunca se dava por satisfeito. Ele punha as mãos em tudo quanto seu coração desejava. Ora, essa é uma grande demonstração de *vaidade*. Caso ele não conseguisse apossar-se de tudo, só faltava enlouquecer, outra demonstração de extrema *vaidade*. O negócio do dinheiro, independentemente de vencer ou perder, nessa luta, é um jogo vão.

O triste e enlouquecido filósofo percebeu isso com clareza, mesmo que tivesse errado em suas crenças a respeito de outras coisas. Por outra parte, em harmonia com sua teoria básica, "ter dinheiro ou não é tudo uma mesma vaidade" (como em tudo mais; ver Eclesiastes 1.3). Nosso homem gostava de falar sobre diferentes tipos de vaidade, pelo que o dinheiro foi um de seus tópicos.

A *principal afirmação* aqui é que as riquezas materiais não *satisfazem*. Mas mesmo que satisfizessem, o triste filósofo em breve nos informaria que essa satisfação também é uma forma de vaidade. A maré do tempo, algum dia, haverá de varrer isso. O triste filósofo não podia encontrar valor real em nada. Ele era um *niilista:* não existiam valores verdadeiros. Portanto, poderíamos dizer:

> *A inutilidade do dinheiro aumenta com o seu volume; e a inutilidade da pobreza aumenta conforme vamos empobrecendo. A satisfação é uma farsa; e por certo o dinheiro não é suficiente para que haja satisfação. Mas, afinal, que diferença faz tudo isso? O nada espera por todas as coisas. Não importa o que eu tenha escrito neste livro, e não faz a mínima diferença se você o leu ou não.*
>
> (O triste, louco e mau filósofo)

5.11

Onde os bens se multiplicam, também se multiplicam os que deles comem. Quando um homem obtém mais e mais, crescem em número e virulência os gananciosos, desejos de ficar com aquilo que ele tem. Eles criarão toda a espécie de esquemas para separar o homem de seu dinheiro. Ele perderá o sono e, provavelmente, também o dinheiro, por fim. Isso posto, qual a vantagem de ter todo aquela riqueza? Ele chegou a ver todo aquele dinheiro, mas este *desapareceu* diante de seus olhos. Este versículo é similar a Eclesiastes 4.4. Portanto, o que usualmente sucede, quando os homens obtêm grandes riquezas, é que eles nunca atingem o aprazimento total. Apenas obtêm mais tribulações *internas* (na ansiedade, procurando conservar e aumentar o que possuem), e também *externas* (mediante os ataques de indivíduos gananciosos). "Todo aquele que obtém riquezas passa a devorar" (Lutero). Parte do significado do versículo pode ser a de que o homem rico também aumenta suas despesas, mediante uma família numerosa, muitas propriedades para cuidar e muitos servos que ele põe a trabalhar. Em suma, embora tenha muito mais dinheiro, ele também tem muito maiores despesas do que quando era pobre. O nosso triste homem também viu o dinheiro passando diante dos seus olhos. Ele não conseguiu poupar muito para seu próprio uso.

5.12

Doce é o sono do trabalhador. O trabalhador diário e comum, pelo menos, pode dormir bem à noite. Ele ganha aquilo de que necessita dia após dia, e não tem grandes responsabilidades sobre os próprios ombros. Mas o rico, que vive sobrecarregado de dinheiro, também fica sobrecarregado com toda a espécie de cuidados e ansiedades. O "pobre" homem nem ao menos pode obter uma boa noite de sono. Enquanto isso, o pobre pode desfrutar dos seus sonhos, que compensam sua pobreza. Mas o rico só tem sonhos de ansiedade (vs. 7), nem ao menos tem uma vida agradável de sonhos. Sendo rico, provavelmente ele também é opressor, pelo que poderá haver crimes em sua mente, ferindo-lhe a consciência.

"A menos que haja riqueza na alma, os homens descem ao sepulcro de mãos vazias. Os prazeres corretos são simples. O contentamento nesses prazeres é um dom de Deus, mas todos os contentamentos são fugidios. Vivemos e morremos com desejos insatisfeitos. Omar Khayyan disse algo similar:

> *Não somos outra coisa além de uma fileira em movimento*
> *De formas de sombras mágicas, que vão e vêm.*
>
> (O *Rubaiyat,* estrofe xviii)

Tanto para o Koheleth (pregador) quanto para Omar, haveria uma porta para a qual nenhuma chave pode ser encontrada" (Gaius Glenn Atkins, *in loc.*).

O Labor para Acumular Frutos do Trabalho Pode Resultar em Miséria (5.13-17)

5.13

Grave mal vi debaixo do sol. O triste filósofo chama-nos a atenção para um grave e terrível mal que ele tinha observado em suas investigações: os homens obtêm riquezas que terminam por prejudicá-los, em vez de ajudá-los, precisamente o oposto daquilo que muitos têm imaginado. A futilidade do trabalho e do que ele pode produzir é demonstrada pelos frutos que podem ser envenenados e, conseqüentemente, destruir o seu cultivador. O *fazendeiro rico* termina a sua carreira em uma colheita venenosa, capaz de destruir-lhe a vida. Esse é um *infortúnio depressivo*, conforme pode ser traduzido o original hebraico deste versículo.

A palavra aqui traduzida por *grave*, no original hebraico é *holah*, e significa primariamente *enfermo.* O que acontece torna a pessoa enferma, apenas em contemplar o sucedido. Comparar as palavras "o próprio dano" deste versículo com Eclesiastes 6.2; Jer. 14.17; Naum 3.19. O homem tem seus bens roubados, ou os desperdiça, em sua insensatez, devorados que são por seu alto estilo de vida. Ou então alguém o ataca fisicamente para ficar com o seu dinheiro, ou mesmo para tirar-lhe a vida. Ato contínuo, Deus o julga por ter obtido ilegalmente os seus bens, ou por ser ganancioso demais; talvez isso tenha sido decidido por Deus, pois o homem, afinal, não é melhor que um animal testado pelo desastre (ver Eclesiastes 3.18-19). O desastre é a sorte do ser humano, predestinado por Deus, e isso deve estar correto, porquanto assim Deus o quis. Afinal, Deus é a Causa Única de tudo. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Voluntarismo.*

5.14

E se tais riquezas se perdem por qualquer má aventura. Uma das maneiras pelas quais as riquezas podem ser perdidas é através de *más aventuras nos negócios.* Um homem perde o seu dinheiro e, exatamente naquele momento errado, começa a constituir família, tem um filho e assume maiores responsabilidades. Mas, como perdeu o dinheiro, sua mão está *vazia.* As coisas vão de mal a pior, e a vida daquele homem se debate em dificuldades. Cf. Juí. 14.6, quanto a ter nada na mão, uma expressão de desespero. O homem, antes abastado, torna-se um pobretão, e isso é realmente um *grave mal* (vs. 13). Aquele homem, cujos filhos confiavam ser cuidados por ele, foi despido de seu potencial financeiro. Sua família necessita dele, mas ele não tem recursos.

5.15

Como saiu do ventre de sua mãe, assim nu voltará. Finalmente, o homem é reduzido ao nada absoluto, à *nudez,* o estado em que ele veio ao mundo. Assim, quando morrer, sairá daqui nu, tal e qual chegou. Ele não poderá levar nada consigo, mesmo porque tinha muito pouco, e suas longas horas de planejamento e trabalho serão reduzidas a nada. Sua mão estará vazia, conforme já vimos no vs. 14, e o momento de sua morte confirma esse veredicto. "Visto que uma pessoa não pode levar consigo nenhum fruto de seus labores, ao morrer, na realidade ela nada ganhou com a vida no mundo. Todo o seu labor se desperdiça como se ela tivesse perseguido o vento (vs. 16)" (Donald R. Glenn, *in loc.*).

Este versículo repete o veredicto tenebroso sobre a vida, conforme se vê em Eclesiastes 1.3. O autor não olha para cima, não pode ver a vida para além-túmulo, pois não acreditava nisso (Eclesiastes 3.19-20). Qualquer indivíduo que não ver a vida além-túmulo, após a morte biológica, não pode deixar de ser um niilista; se não há vida no além, nem recompensa nem retribuição, é muito difícil defender "valores reais", porquanto tudo se reduz a nada, no momento em que se morre e se deixa de existir no sentido absoluto do termo.

É provável que o triste filósofo tenha emprestado de Jó 1.21 a idéia de vir a este mundo e sair dele *nu*; parece quase certo que ele também emprestou parte do seu pessimismo do mesmo livro. Ou, então, ele já era um pessimista declarado, e aquele livro apenas o ajudou a confirmar seu pessimismo. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete denominado *Pessimismo.*

5.16

Também isto é grave mal: precisamente como veio, assim ele vai. Ver as notas expositivas sobre o vs. 13, quanto a explicações. Isso é capaz de deixar qualquer um *enfermo.* Em vez de repetir que um homem veio nu e sairá deste mundo nu, temos a declaração generalizada: "precisamente como veio, assim ele vai", ou seja, com absolutamente nada. Portanto, temos aqui um truísmo: "Todos entramos no mundo sem nada e saímos do mundo da mesma forma". Para dizer algo que ultrapasse isso, é preciso falar sobre uma alma que sobreviva à morte biológica, mas o autor sagrado não disse isso, porquanto não acreditava em tal doutrina. Visto que o homem vem do nada e volta para o nada, que proveito obtém de todo o labor de sua vida? O homem laborioso somente correu atrás do vento, procurando retê-lo em suas mãos. Em outras palavras, ele foi um tolo trabalhador e não um tolo preguiçoso, mas na morte não importa se ele foi um trabalhador ou não. Isso, naturalmente, reflete um ponto de vista pessimista da vida, afinal supomos que o ato de trabalhar seja honroso e seus frutos, dignos do trabalho. Porém, o filósofo triste diz que estamos errados quando cremos nisso, porquanto seu ponto de vista heterodoxo é o correto.

5.17

Nas trevas comeu em todos os seus dias. Cada dia que aquele homem vive é como uma noite escura, igual ao próprio alimento que ele consome: é a sua porção diária de tristeza, consternação e ressentimento. Seria difícil alguém inventar declaração mais pessimista. O homem vivia uma morte em vida. Sua vida era intolerável. O sol brilhava no firmamento, mas em seu coração fazia-se noite. Ele comia refeições suntuosas, mas tudo se parecia com uma noite tenebrosa. "Ele passava os seus dias em trevas e em tristeza" (Septuaginta, seguida pela Revised Standard Version e pela tradução portuguesa da Imprensa Bíblica Brasileira).

O Melhor que se Pode Fazer em Meio à Miséria (5.18-20)

5.18

Eis o que eu vi: boa e bela cousa é comer e beber. O autor sagrado retorna agora ao seu tema de prazeres moderados como o *summum bonum* da vida. Compreendemos que ele estava descrevendo um *falso valor*, a única coisa "positiva" que se poderia dizer sobre a vida humana, embora tal declaração não seja grande coisa. Este versículo se parece muito com Eclesiastes 2.24-25, onde há notas expositivas detalhadas. Ver também Eclesiastes 3.12,22 e 8.15, quanto a declarações similares. O autor não abandonou sua "teoria de que não existem valores reais" (o niilismo); ele diz tão-somente que o melhor que o homem pode fazer, sob circunstâncias geralmente desesperadoras (a noite na qual consiste a vida, vs. 17), é divertir-se um pouco, o que não tem valor real. Ao ser humano foram dados apenas poucos dias, para logo deixar de existir. Deus determinou que ele teria apenas *poucos dias de vida*, para, em seguida, ser reduzido a nada. Essa é a sua *porção predestinada.* Deus é a Causa Única, e Ele determinou que a vida humana fosse algo miserável. Por conseguinte, em uma espécie de "auto-defesa", desfruta um pouco do que tens, em meio à tua vida de trabalhos cansativos. Perdemos de vista o ponto do livro, quando supomos que nosso triste filósofo supusesse existirem valores reais na vida. Ele estava meramente falando sobre o *menor dos males*, e fazia desse mal o *summum bonum* da existência humana. Quanto à *sorte* (porção) do homem, cf. Eclesiastes 3.22; 5.19 e 9.9.

5.19

Quanto ao homem, a quem Deus conferiu riquezas e bens... isto é dom de Deus. Um homem rico tem sua porção determinada por Deus. Se Deus não tivesse determinado que ele seria um insensato rico, "dançando e saltitando através da vida", ele não o seria. Portanto, ele é um homem feito por Deus e não pode fazer na vida coisa melhor que usufruir de pequenos prazeres, embora esses, na verdade, não valham nada. A vida inteira e aquilo que os homens fazem com ela são *dons* de Deus e seguem exatamente o que Deus planejou (o ponto de Eclesiastes 3.1-11, "os tempos e as estações estão todos em suas mãos").

O homem, entretanto, não é melhor que os animais irracionais e logo se ajuntará a eles em seu pó final. Isso posto, que o leitor não fique excitado acerca de qualquer tipo de vida que Deus lhe concedeu. Todas as vidas determinadas por Deus são dons "tenebrosos". O triste filósofo era um pessimista confirmado, e ver nele qualquer outra coisa nos faz perder o ponto do livro. Os capítulos 1-3 interpretaram cuidadosamente a sua "filosofia de vida", e apenas arruína a mensagem do livro tentar torná-lo mais brilhante. Deus dá aos homens o poder de *gozar a vida.* Isso figura entre os dons de Deus, é apenas o desfrute dos insensatos, o que todos os homens são, enquanto tateiam na noite que é esta vida. Eclesiastes 6.2 nos dá a verdadeira declaração: "Mas Deus não lhe concede que disso coma". Esse é o sentido absoluto das palavras de nosso filósofo, enquanto em um sentido relativo o homem pode desfrutar essas coisas, pelo dom de Deus. Tudo termina em *vaidade e grave aflição*, conforme afirma aquele versículo.

5.20

Porque não se lembrará muito dos dias da sua vida. O homem consegue esquecer todos os males de seus poucos dias determinados, porquanto sua mente deles se desvia, mediante seus breves prazeres. Mas a questão inteira é um procedimento enganador. Na realidade, ele nada tem pelo que viver, mas vive *como se* houvesse algum valor em sua lúgubre vida. Ademais, é Deus quem está por trás do ludíbrio, dando-lhe, por assim dizer, alguma espécie de bebida intoxicadora que o leva a esquecer suas misérias. As misérias são reais, e o aprazimento é enganador.

Capítulo Seis

A Brevidade e a Futilidade da Vida do Homem Provam a Inutilidade das Coisas. A Frustração dos Desejos e das Esperanças (6.1-12)

6.1

Há um mal que vi debaixo do sol. Esta passagem prova a tese que venho defendendo (que é a tese do autor, tão magnificamente declarada nos capítulos 1-3): não existem valores reais. Por algum tempo, pode parecer ao homem ter encontrado, nos pequenos prazeres, alguma razão para viver, como se *esse fosse* o *summum bonum* da vida (Eclesiastes 5.18-20; cf. notas em Eclesiastes 2.24-25). Mas obter prazer na vida, crendo que há algum bem na vida, é um procedimento enganador.

O que o homem realmente descobre, quando investiga a questão "debaixo do sol" (aqui, nesta terra miserável), é bastante diferente disso. Há somente o mal que *pesa muito* sobre um homem (Revised Standard Version, Atualizada). Essa vida vã e pesada foi determinada pelo próprio Deus, pois Ele é a Causa Única de tudo quanto acontece. A teologia dos hebreus era fraca quanto às causas secundárias, pelo que o mal foi determinado por Deus, e planos divinos sinistros tornam a vida dos homens miserável. Os versículos que se seguem fornecem alguns detalhes sobre o desespero que constitui a vida do homem, tudo por decreto divino. Isso, gostemos ou não, é a doutrina do triste e louco filósofo. É inútil tentar corrigir a posição dele, como é inútil acreditar em coisas como essas que distorcem qualquer teoria sã do que constitui a vida humana. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Problema do Mal*, quanto a idéias que ajudam a ilustrar a questão.

6.2

O homem a quem Deus conferiu riquezas, bens e honra. Um homem que possui riquezas, poder, saúde, honra (coisas boas da vida, aparentemente) não pode desfrutá-las, porque Deus determinou *todas as coisas*, incluindo o poder de desfrutar ou não dessas coisas. Com uma das mãos, Deus dá a um homem o que, *aparentemente,* é valioso, mas com a outra, Ele tira todas essas coisas, porquanto também determinou que o homem não poderá desfrutar das coisas boas que lhe foram dadas. Isso contradiz o trecho de Eclesiastes 5.18-20, onde o homem usufrui aquilo que possui. A contradição, porém, é apenas aparente. Em sentido relativo, um homem desfruta de seus prazeres, mas, em sentido absoluto, não há valor algum que ele possa desfrutar. O filósofo niilista é igualmente um relativista, pelo que pode variar sua expressão, sem alterar sua tese. É ridículo interpretar as declarações do autor sagrado de maneira que esse herege se transforme em um rabino ortodoxo. Na realidade, ele é um filósofo especulativo pessimista.

Outra pessoa obterá as vantagens materiais do homem, e isso serve somente para aumentar a sua miséria. Mas *essa* não é a razão verdadeira pela qual o homem não pode usufruir de suas riquezas e de seus prazeres. Ele é inerentemente incapaz disso, por força de um decreto divino. E, então, *circunstancialmente,* ele não pode desfrutar dessas coisas para não *perder* as suas vantagens. Deus também determinou as circunstâncias das perdas do homem. Portanto, conforme dizemos em uma moderna expressão: "Uma pessoa não pode ganhar sem perder". Em outras palavras, a vitória não pode ser obtida por causa de *toda* a perda. "Riquezas, bens ou honras" são coisas que os homens muito valorizam, e foram usufruídas, juntamente, no caso de Salomão (II Crô. 1.11).

6.3

Se alguém gerar cem filhos, e viver muitos anos. O autor sagrado apresenta um caso radical, a fim de ilustrar sua tese de que "não existe bem, afinal". Temos aqui um homem que vive longamente (e aparentemente bem); ele tinha cem filhos, e uma prole numerosa era muito valorizada na sociedade dos hebreus (Sal. 127.5), no entanto, ele *não* desfrutava todas as coisas boas que possuía, porquanto Deus resolveu que ele seria incapaz para tanto; além disso e de sua "calamidade por ter nascido um homem", ele também não recebeu sepultamento decente (tão importante para os hebreus e para outras raças antigas). Teria sido melhor se a mãe desse homem tivesse sofrido um aborto e ele não tivesse vindo à luz. O fato de ele não ter recebido sepultamento decente não deveria desviar nossa atenção da *declaração central:* mesmo que um homem tenha uma vida excelente, ainda assim, por decreto divino, ele não pode desfrutar dela. Deus fez dele o tipo de criatura que é incapaz do verdadeiro aprazimento. Na verdade, nada existe para ser desfrutado, embora existam falsos aprazimentos.

Era melhor ser um natimorto (ver Jó 4.15), ou seja, ter nascido morto, que viver numa morte em vida. Quanto ao infortúnio de não ser apropriadamente sepultado, ver Isa. 14.19; Jer. 22.19. Sepultar os mortos era um dever piedoso (Tobias 1.18; 2.4-5). Os gregos imaginavam que, se o corpo não fosse devidamente sepultado, isso impediria o avanço da *alma* em sua transição para a vida além. Os hebreus, naturalmente, não adicionavam essa noção à idéia geral.

6.4

Pois debalde vem o aborto e em trevas se vai. Na ocorrência da morte, até mesmo um homem de vida *excelente* chega à vaidade e às trevas. O nome do homem é ofuscado pelas trevas. A história termina em uma melancolia que não pode ser redimida nem modificada. O homem é uma criatura que veio do pó e ao pó voltará (ver Eclesiastes 3.20). Por conseguinte, quer um homem nasça, quer seja abortado sem nunca ter visto a vida, é tudo a mesma coisa: nada. Tudo se reduz à mesma miséria, à mesma noite escura. Se um homem não tem um pós-vida, então a única questão realmente vital é se ele cometeu suicídio ou não. Um homem entra na vida em meio à vaidade, e sai da vida em uma noite escura: seu nome se perde; a memória de qualquer ser humano, que foi abortado ou chegou a viver, se perde (Eclesiastes 2.16). Ao longo do caminho, vemos alusões a Jó. Ver Jó 4.15, que é paralelo dos vss. 3-4 deste capítulo, na questão da natimortalidade e do aborto.

6.5

Não viu o sol, nada conhece. O indivíduo abortado tem uma vantagem sobre aquele que chegou a viver: ele nunca viu o sol, pelo que não teve uma vida de miséria "debaixo do sol", conforme sucede aos outros homens. Portanto, ele teve mais *descanso* do que outros, gozou de repouso relativo, ou seja, ficou livre da labuta e da miséria que é a vida humana. Essa é a tese do pessimismo: *a própria vida é um mal,* e seria melhor nunca tê-la vivido. Também seria melhor que Deus quisesse modificar a vida dos homens, para que todas as coisas deixassem de existir e passassem, de uma vez por todas, para o *nada*. Isso seria a redenção, a única forma de experiência que um homem poderia viver. Assim, enquanto no cristianismo a esperança da vida é um glorioso pós-vida, a esperança para o pessimismo é a não-existência, final e absoluta. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Pessimismo*. O pior "crime" que nosso homem cometeu foi ter nascido.

6.6

Ainda que aquele vivesse duas vezes mil anos. Este versículo é um forte reforço do pessimismo que encontramos no vs. 3. Agora, o homem não viverá cem anos, mas ridículos mil anos, e isso duplicado para dois mil! Mas qual seria o bem de vida tão longa, se o homem, na realidade, nunca vivesse nenhum bem duradouro? Afinal, todos os homens vão para o mesmo lugar, o *pó*, e isso os reduz a nada, quer tenham sido natimortos, quer tenham vivido poucos anos, ou até dois mil anos. Cf. Eclesiastes. 3.18-20, onde os homens são retratados como meros animais que sofrem a mesma sorte de todos os irracionais. Este versículo é uma declaração franca dos verdadeiros sentimentos do autor acerca da vida; todas as demais declarações, que parecem modificar esta afirmativa, permitindo que os prazeres simples da vida tenham algum bem (conforme se vê em Eclesiastes 5.18-20), devem ser compreendidas à luz desse incansável pessimismo.

6.7

Todo trabalho do homem é para a sua boca. Este versículo significa uma dentre duas coisas: 1. O *homem médio* vive tão carente, que tudo quanto faz é alimentar-se; ele nada possui de extra, não conta com pequenos prazeres que o mantenham feliz. 2. Ou, então, *todos os homens* realmente trabalham somente para sua *boca*. No caso presente, a *boca* é a representação metafórica de todos os apetites e desejos dos homens, e não meramente sua necessidade de alimento. Seja como for, todo o trabalho é aqui apresentado como uma tentativa para somente satisfazer os apetites, o que não é um objetivo muito nobre. Embora esse objetivo seja tão baixo, nem mesmo isso é plenamente cumprido a ponto de dar satisfação. A satisfação é *ilusória*, como é ilusório o trabalho do homem para obter satisfação, já que só existem itens de futilidade geral na vida humana. O homem rico, que tem muito mais do que simplesmente o alimento necessário, não está em condições muito melhores que o homem que trabalha arduamente, apenas para comer. Ambos ficam insatisfeitos e para ambos a vida é fútil e destituída de sentido. O filósofo pessimista deixou completamente de fora qualquer idéia de um labor digno ser recompensado na outra vida, fato que é tão importante para o cristianismo (ver I Cor. 15.58).

6.8

Pois que vantagem tem o sábio sobre o tolo? Todos os homens são estultos: existem estultos pobres, preguiçosos, ricos, sábios, laboriosos, estultos que quebram a lei, estultos que guardam a lei, mas todos eles são apenas estultos e terminam no pó de onde vieram. Eles sofrem a mesma sorte que os animais, e foi Deus quem os predestinou para o nada final. Ver Eclesiastes 3.20. Espera-se que os ricos tenham valores distorcidos e caminhem nas veredas da iniqüidade. Talvez os pobres, não sofrendo as tentações que atacam os ricos, andassem em consonância com os ditames da lei mosaica. Os pobres têm uma espécie de sabedoria que escapa aos ricos, mas que bem isso lhes traz? Eles estão a caminho do mesmo zero final que é o alvo dos ricos. Mediante tal convicção, esse triste e pessimista filósofo nega qualquer valor nos ensinos da escola de sabedoria. "Que vantagem tem o sábio sobre o estulto, o homem de compreensão sobre aquele que vive impensadamente?" (Galling, em *den Tag laben*), que é um sentido possível deste versículo. O autor fez uma pergunta retórica para a qual esperava uma resposta negativa: "Não há nenhuma vantagem no caso do sábio!".

6.9

Melhor é a vista dos olhos do que o andar ocioso da cobiça. Este versículo parece levar-nos de volta ao tema de Eclesiastes 2.24-25 (ver as notas expositivas). O que um homem *pode ver*, o que pode ser realizado (em vez de apenas desejado), são os prazeres simples da vida. Portanto, que o leitor se ocupe deles, e não da busca de grandes desejos. Seja como for, você terminará na mesma vaidade e na perseguição do vento, que não se pode apanhar com as mãos; o autor enfatizou a segunda possibilidade como a mais aparentemente fútil.

Esta declaração sobre o *correr atrás do vento* é usada nove vezes no livro de Eclesiastes, e o presente versículo é a nona ocorrência (ver também Eclesiastes 1.14,17; 2.11,17,26; 4.4,6,16). "Essa frase abre apropriadamente e conclui a primeira metade do livro sobre a futilidade das realizações humanas" (Donald R. Glenn, *in loc.*). O homem sábio reconhecerá a vantagem da *inquirição simples*, embora, no fim, nenhuma inquirição signifique coisa alguma. Desenvolvi este tema *niilista* em Eclesiastes 2.24-25. O vs. 6 deve ser mantido diante de nossos olhos como chave para a interpretação do texto. Embora a maneira simples pareça a melhor, pelo que deve ser seguida, na realidade não há valores, nenhuma busca é frutífera. O triste filósofo deixou suas avaliações relativas, passando para as absolutas; mas as avaliações relativas não deveriam enevoar o verdadeiro significado de sua filosofia. Ocasionalmente, o autor sagrado recomendou *males menores* em vez de grandes males. Para ele nada há de inerente e verdadeiramente bom, nem *qualidade alguma* que perdure.

6.10

A tudo quanto há de vir já se lhe deu o nome. O autor sagrado volta aos seus eternos e repetitivos ciclos de vaidade, divinamente decretados, o que os torna *inevitáveis*. Cf. Eclesiastes 3.15, onde há notas expositivas sobre o conceito. Temos sido condicionados a pensar que Deus predestinou os bons (ver Rom. 8.28 ss.), mas nosso louco filósofo acreditava que isso era uma farsa. Todo o mal que se vê lá fora, sempre se repetindo, é obra de Deus! O calvinismo radical, com seu Deus que é a Causa Única, cai na mesma armadilha. O mais poderoso de todos, com o qual um homem não pode disputar, certamente é Deus. O capítulo 3 elabora longamente essa teoria, colocando todos os tempos e estações nas mãos de Deus, sem folga para nenhuma causa secundária. Os homens disputam sobre esse fato, constroem seus vãos argumentos com muitas palavras, mas é inútil. *Deus age conforme melhor Lhe parece, sem se importar em nos agradar. Por* isso, diz o Targum: "Tudo é decreto da palavra do Senhor".

6.11

É certo que há muitas cousas que só aumentam a vaidade. Este versículo expande a *vã argumentação* dos homens e o amontoado de palavras vazias, na tentativa de *disputar* com Deus, já mencionados no vs. 10. Quanto mais palavras um homem conseguir amontoar, mais vaidade estará gerando, pelo que é melhor *manter-se calado e aceitar o terrível poder absoluto que o condenou à vaidade* absoluta. Quanto mais o homem argumentar com o Deus voluntarista, menos realizará (cf. Eclesiastes 10.12-15). Ver, na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*, o verbete denominado *Voluntarismo*.

6.12

Pois quem sabe o que é bom para o homem durante os poucos dias da sua vida...? Somente Deus sabe o que é *melhor* para o homem *nesta vida*. Mas, no contexto da filosofia do enlouquecido autor, o que é *bom* não foi definido da maneira conforme o homem o define. De fato, o que é bom, assim o é porque Deus o quis, e não por ser bom em si mesmo, de acordo com as definições humanas. Isso reflete um voluntarismo puro, segundo o qual a vontade é suprema e a razão não pode chamar a questão à responsabilidade; nem os valores humanos podem chamá-la à prestação de contas. Mediante tais definições, Deus é a Causa Única e a Vontade Pura. O que Deus faz é bom, embora possa significar sofrimento, desastre, destruição e o nada final para o homem. O homem não seria melhor que os animais irracionais e terminaria, juntamente com eles, no esquecimento (Eclesiastes 3.18-20). De acordo com essa teoria, todos os males que Deus preordenou para o homem servem somente para mostrar-lhe que criatura miserável ele é, e como não merece nem obtém consideração alguma. O homem ímpio foi criado por Deus a fim de que o Senhor possa julgá-lo. Justiça e opressão são obras de Deus (Eclesiastes 3.16)!

O homem passa seus poucos dias de vida como uma sombra e em sofrimento constante. Os homens não compreendem essas coisas nem deveriam entendê-las. Quanto à vida como uma sombra, ver Eclesiastes 8.13 e Jó 14.2. É inútil tentar reconciliar essa triste e insana filosofia do autor sagrado com qualquer sã filosofia de outras Escrituras.

Capítulo Sete

A Inescrutável Providência Divina Prova a Inutilidade das Coisas (7.1 - 9.18)

O Aprazimento do Bem Relativo (7.1-22)

"Na seção anterior, as palavras 'o que é bom para o homem durante os poucos dias da sua vida'...? (6.11) aparecem em conexão com a crença de que todas as coisas estão determinadas, o que nega a possibilidade do bem moral em sentido absoluto. Mas o Koheleth (o pregador) admitiu que existem *bens relativos* que um homem pode desfrutar e que um homem sábio procurará obter" (O. S. Rankin, *in loc.*). Do ponto de vista absoluto, não existem coisas melhores nem piores, porquanto Deus preordenou todas as coisas, todas as estações, todos os acontecimentos, todos os destinos. Portanto, só podemos falar relativamente sobre coisas *melhores*. O triste filósofo *condescendeu* em aceitar todos os tipos de declarações que uma pessoa poderia ouvir nas escolas de sabedoria, conferindo-lhes falso reconhecimento. Pode-se supor que se tenha aqui uma espécie de sarcasmo condescendente, e não uma real apresentação de coisas boas em torno de um destino pessimista. Inevitavelmente, nos próximos versículos, ele fará *algumas observações práticas sobre o que os homens pensam que sejam coisas* boas e até melhores, mas não acreditará realmente nelas.

Se fosse convidado a uma discussão, o filósofo acabaria falando sobre a futilidade de todas aquelas coisas relativamente boas que ele havia mencionado. Alguns críticos chegam a pensar que o capítulo 7 não foi essencialmente composto pelo triste filósofo; antes, representa uma série de adições feita por um homem sábio, que injetou no livro as coisas que *ele* gostaria de ter dito. Por meio de tais adições, ele esperava tornar o livro menos radical e mais aceitável aos ouvidos dos judeus, o que se verá também no capítulo 12, o qual, na verdade, promove *um ponto de vista ortodoxo sobre a vida. Mas nosso filósofo não era um sábio* ortodoxo.

7.1

Melhor é a boa fama do que o ungüento precioso. Um homem sábio *valoriza a boa reputação*, evitando coisas que o derrubem no conceito de outras pessoas. Se o triste filósofo disse isso, então, quando muito, ele estava recomendando um *valor relativo*, visto que seu determinismo absoluto não lhe permitiria *confessar que existe um valor real, do ponto de vista humano. Portanto, é possí*vel, conforme insistem alguns eruditos, que este capítulo seja formado por uma coletânea de declarações de sabedoria, injetadas por algum editor no livro de nosso filósofo. Ver a introdução ao presente capítulo, com especulações que seguem essa linha, e também quanto à tentativa de *situar* esta seção dentro da discussão geral do livro. Cf. a primeira linha deste versículo; ver Pro. 15.30 e 22.1, onde há declarações similares; isso mostra que se trata de declarações comuns de sabedoria, repetidas pelo filósofo, e não criadas por ele. Se o filósofo escreveu realmente esta seção, então sua série de coisas *melhores* por certo é composta *de coisas relativas. Ele não estava defendendo valores verdadeiros, pois sua* filosofia niilista não promovia tal coisa. Seja como for, um bom nome é melhor que ungüentos preciosos, usados pelos homens nos banquetes, para se saudarem uns aos outros.

Ungüento. No hebraico, *shemem*. Mas o original hebraico diz aqui *shem* ("nome"). Portanto, o autor produziu um bom jogo de palavras, usando letras e sons semelhantes. Nos banquetes, a pessoa adquiria um bocado de *shemem*, "ungüento", ao mesmo tempo que perdia seu *shem*, "nome".

O dia da morte melhor que o dia do nascimento. *Antítese*. Em contraste com alguma coisa *melhor* na vida, temos a idéia de que o dia da morte é melhor que o do nascimento de uma pessoa. *Essa declaração* realmente parece uma afirmação do triste filósofo. Por ocasião da morte, quando a pessoa passa para o *nada*, ela terá terminado seu curso de "terror" e descansará para sempre. Não há aqui nenhuma idéia sobre um pós-vida que dê recompensa e felicidade aos homens, noção que alguns intérpretes injetam no texto, a fim de suavizar o seu pessimismo. Eclesiastes 3.18-20 mostra que o filósofo não acreditava na alma ou *na vida após a morte. Estamos informados de que o povo que habitava na Trácia*, na região dos montes Cáucasos, onde os nascimentos eram lamentados e as mortes eram celebradas, acreditava que a vida humana se caracterizava pelo sofrimento, e que escapar da vida era melhor que entrar nela (Heródoto, *Terpsichore*, 1.5, cap. 4).

7.2

Melhor é ir à casa onde há luto do que ir à casa onde há banquete. Este *versículo reforça a segunda linha do vs. 1 do capítulo. Visto que o fim de tudo é a* morte, e nela está o descanso dos sofrimentos e das excentricidades da vida, é *melhor* ir a um lugar onde as pessoas estejam lamentando a morte de um amigo ou parente, do que ir a um salão de banquete, onde há excessos e folguedos insensatos. Na casa da lamentação, um homem é mais autêntico, porquanto ele vê em que realmente a vida consiste: *nada*. Dessa maneira, ele obtém uma espécie de sabedoria que não há na ingestão de bebidas e alimentos e em meio aos cânticos; tal homem obtém maior clareza sobre a vaidade da vida. Tendo conseguido sabedoria superior, ele se contentará com alguns prazeres simples *que acompanharão sua triste viagem através da mortalidade (ver Eclesiastes* 2.24-25); no entanto, se fosse indagado acerca desses prazeres, ele não os defenderia como valores reais. O autor sagrado criticava o *hedonismo* e recomendava, por implicação, o *epicurismo*. Ver as notas do vs. 4.

7.3

Melhor é a mágoa do que o riso. A tristeza é melhor do que o riso, porquanto é mais *autêntica*, refletindo com maior realismo o que a vida realmente é, ao passo que o riso põe uma *máscara* na vida. Um sábio deve refletir sobre a vida de modo realista, não se deixando envolver por excessos. Ele pode voltar aos prazeres simples, como algo dotado de valor relativo, e escapar de toda a conduta sem sentido dos estultos. Cf. Sal. 90.12, que também nos convida a uma atitude séria em relação à vida. Uma sociedade hedonista esquece essa atitude e continua sua maneira frívola e distorcida de viver.

Quando uma atitude séria penetra o coração do indivíduo, ele abandona seus excessos, o que lhe garante a atitude apropriada. Isso pode ser chamado de *alegria*, mas não levemos muito a sério essa palavra. Os prazeres simples da vida podem dar ao homem uma espécie de alegria, mas finalmente mostram ser totalmente *vãos*, já que, na total extinção, que importarão algumas alegrias simples que ele tenha desfrutado enquanto viveu? Mas, pelo menos, enquanto estiver a caminho do nada, ele terá sido menos estulto que aqueles que costumam freqüentar os banquetes e seu falso riso. Ao longo da vida, pois, tal homem se elevou um pouco acima dos outros homens, mas, por ocasião da morte, ele é nivelado na mesma futilidade.

7.4

O coração dos sábios está na casa do luto. Um homem sábio tem o *coração* preso na casa da lamentação pelos mortos. Os insensatos, entretanto, sempre podem ser encontrados em alguma festa. Este versículo diz a mesma coisa que o vs. 3, embora de maneira levemente diferente. Devemos recuar ao vs. 2, às duas casas, uma de lamentação pelos mortos e a outra, a casa da festividade. O autor sacro criticava o *hedonismo*, o qual ele tinha experimentado longamente e rejeitado; ver Eclesiastes 3.1-11. Ele recomendou a moderação e o contentamento com os pequenos prazeres (Eclesiastes 2.24-25), *por implicação*. Ele contrastou o *epicurismo* com o *hedonismo* (ver esses termos na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*) e recomendou o *epicurismo*, não como um verdadeiro valor, mas como o menor dos males que um homem encontra nesta vida.

7.5

Melhor é ouvir a repreensão do sábio. A primeira linha deste versículo, que fala em tirar proveito da repreensão de um sábio, era uma declaração comum das escolas de sabedoria. Ver Sal. 141.5; Pro. 13.18; 15.31,32. Por certo, é melhor que ficar ouvindo as canções insensatas dos bêbados que se reúnem nas festas. "As reprimendas piedosas ofendem à carne, mas beneficiam o espírito; os cânticos dos insensatos, na casa da alegria, agradam a carne, mas injuriam o espírito" (Fausset, *in loc.*).

7.6

Pois qual o crepitar dos espinhos debaixo duma panela, tal é a risada do insensato. O riso dos estultos é qual o crepitar de espinhos que queimam sob uma panela. Há um esperto jogo de palavras, aqui, onde a palavra hebraica *sirim* (espinhos) é paralela à palavra hebraica *sir* (panela). Os tradutores alemães tentam equiparar esse jogo de palavras usando as palavras *nettle* (um tipo de espinho) e *kettle* (uma panela). Plumbtre dá ao versículo um ritmo de *stubble* com *bubble:* "o crepitar do *stubble* (restolho) que faz a panela *bubble* (borbulhar). Seja como for, os *espinhos* não são bons para ninguém (embora tenham por finalidade proteger a planta que os produz), nem produzem um fogo bom. Isso posto, o riso dos insensatos não é somente inútil, mas também irritante, tal como são todos os espinhos. Todo aquele falso regozijo não passa de vaidade, ao passo que a repreensão de um homem sábio (vs. 5) pode produzir algum bem, embora "aquecido". Estrume seco de vacas era um combustível comum, desagradável, mas de longa duração. O fogo de espinhos queimava rapidamente e era fácil de ser usado, mas bastante ineficaz. "As chamas de espinhos fazem grande *ruído*, são altas, mas se extinguem dentro de poucos momentos. Assim, também as alegrias da vida são ruidosas, refulgentes e transitórias" (Adam Clarke, *in loc.*).

7.7

Verdadeiramente a opressão faz endoidecer até o sábio. Se um homem sábio for *oprimido* o bastante, pode ficar irado (King James Version) e passar a agir como um insensato. Isso também pode deixá-lo *enlouquecido* (Atualizada) e, então, ele começará a fazer coisas não características que mancharão sua reputação. Por igual modo, um *suborno* corrompe a mente daquele que o recebe, e ele terminará por fazer coisas que normalmente não faria. Ver Êxo. 23.8; Deu. 16.19 e Pro. 15.27. Ver também, no *Dicionário*, o artigo intitulado *Suborno*. Duas ou três testemunhas podiam condenar um homem inocente ou libertar um culpado, e esse era o número mínimo de testemunhas requeridas pela lei mosaica (ver Deu. 17.6). Por conseguinte, era fácil influenciar o resultado de um caso, ou mesmo criar um caso falso, mediante um suborno bem colocado. Além disso, havia juízes corruptos, disponíveis para fornecer decisões perversas. Por certo, esses juízes dariam boas-vindas a um suborno para se enriquecerem.

7.8

Melhor é o fim das cousas do que o seu princípio. O autor sacro já nos havia dito que o dia da morte é melhor que o do nascimento (vs. 1). Agora, esse conceito foi expandido para ser aplicado a todos os começos e fins. Zélia Gattai, a esposa de Jorge Amado, afirmou que a coisa que mais a deixava descansada no mundo era entregar um livro terminado ao editor. O produto final de qualquer processo é a *fruição* do labor, enquanto o começo de um grande projeto nos espanta. Além disso, há aquela ansiedade: "Posso fazer isso? Terei tempo para fazer tal coisa? Minhas energias serão suficientes para o projeto?".

Começa teu trabalho com mente paciente,
E verifica se foi inspirado por Deus.
Ele não faz coisa alguma, nem tolera
Que qualquer coisa seja feita, exceto que Ele vê
Desde o começo o seu bendito fim.

(Russell Champlin)

A segunda linha contém um provérbio comum que louva a humildade e a paciência, e condena o espírito impaciente e orgulhoso. Ver esse contraste em Pro. 11.2; 13.10; 14.3; 15.25; 15.5,18; 18.12; 21.4 e 30.12,32. Ver sobre os *olhos altivos* em Pro. 6.17. Em seguida, ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Orgulho* e *Humildade*. Se essa segunda linha tem por propósito responder à primeira (sem ser um pensamento distinto e não-relacionado ao primeiro), então aprendemos que um homem deve começar seu projeto com espírito paciente e mente humilde. Se um projeto for iniciado com orgulho e impaciência, acabará prejudicado e provavelmente nunca será concluído. Ademais, a segunda linha pode estar convocando para a submissão humilde à vontade de Deus. Deveríamos ter o cuidado em não criticar o Ser divino por projetos mal planejados ou por resultados desfavoráveis, como se isso fosse falha de Deus. Alguns vinculam a segunda linha ao vs. 5: é sábio sofrer, com paciência e humildade, a repreensão do sábio, e não com impaciência e espírito altivo, o que anularia o provável benefício a ser recebido. Outro tanto pode ser dito sobre o modo como devemos aceitar ou não a providência divina em nossa vida, de cuja decisão resulta qualquer empreendimento.

7.9

Não te apresses em irar-te. Esta recomendação contra a ira procede do teor comum às declarações de sabedoria. O homem que facilmente perde o próprio controle mostra a atitude própria de um insensato cheio de má vontade e pouca paciência. Cf. Pro. 14.17; 16.32 e Tia. 1.19. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Ira*, quanto a detalhes. A ira é um fogo no peito que o sábio já aprendeu a apagar; mas os insensatos com freqüência nela são consumidos, com a boca flamejando vitupérios. Muitas são as vítimas *queimadas* pela ira, uma das quais será o próprio iracundo.

A ira do louco o destrói, e o zelo do tolo o mata.

(Jó 5.2)

"O peito ou seio são comumente representados como a sede da ira, por outros escritores (Claudiano, *de 4 Consul.* Honor. *Panegry*, vs. 241)" (John Gill, *in loc.*).

Irai-vos, e não pequeis; não se ponha o sol sobre a vossa ira.

(Efésios 4.26)

7.10

Jamais digas: Por que foram os dias passados melhores do que estes? É comum ouvirmos alguém dizer: "Os bons e antigos dias", porquanto o passado, mesmo quando não foi "tão bom assim", é relembrado com *saudades*. Mas o triste filósofo, com sua doutrina de Deus como a Causa Única, vê como blasfêmia toda a conversa dessa natureza, visto que Deus predeterminou tanto o presente como o passado. Portanto, *caluniar* o presente por meio de comparações desfavoráveis com o passado é, para dizer a verdade, caluniar a Deus. O homem que fala assim não fez investigação adequada sobre as *razões* das condições do presente. Tal homem estará demonstrando rebeldia para com a determinação divina. "Não ponhas em dúvida as maneiras de Deus fazer os dias antigos melhores que os dias presentes, conforme aconteceu com Jó (29.2-5). Cf. os queixadores de Jud. 16" (Fausset, *in loc.*).

7.11

Boa é a sabedoria havendo herança. A *prosperidade* é uma coisa boa quando acompanhada pela sabedoria. É bom obter uma herança que dá um impulso financeiro súbito. Este versículo não chama a sabedoria de herança. O triste filósofo, repetindo certas máximas das escolas de sabedoria, não chama aqui todas as coisas de vaidade; simplesmente ele falou favoravelmente dos prazeres simples, como o de ter dinheiro. Ou, então, conforme alguns estudiosos supõem, este capítulo tem muitas "inserções" de provérbios comuns, para tornar o ponto de vista do filósofo, bastante lúgubre, um pouco mais aceitável aos ouvidos dos judeus. Essas "inserções" foram feitas por um editor ortodoxo. Isso, quase certamente, foi o que aconteceu no capítulo 12, que é um apêndice ortodoxo do livro. Obter um pouco de dinheiro inesperado é uma *vantagem* para o sábio, mesmo que não afaste a atmosfera geralmente lamentável da vida humana. O dinheiro é uma defesa contra problemas vexatórios, pelo que é apreciado pelo indivíduo que o obtém. Ter dinheiro faz uma pessoa sentir-se mais *confortável* em suas misérias.

7.12

A sabedoria protege como protege o dinheiro. A sabedoria e o dinheiro são *defesas*. Essas coisas (em conjunto) podem resolver certos problemas que causam vexação. Mas a sabedoria, que aqui serve de sinônimo de *conhecimento*, confere vida. Essa é uma afirmação sábia extremamente comum. Ver a questão anotada em Pro. 4.13, onde outras referências dizem a mesma coisa. Ver em Deu. 4.1; 5.33; 6.2 e Eze. 20.1 como a lei dá vida. Essa vida é física e temporal, a boa vida, com prosperidade, saúde e bom desempenho, em contraste com a morte prematura. A teologia judaica ainda não havia avançado até uma "vida pós-morte", e certamente essa não era a doutrina do triste filósofo (ver Eclesiastes 3.18-20). Este versículo parece ser outra inserção feita por um editor ortodoxo. Certamente não soa como as idéias do filósofo pessimista. Por outra parte, ele pode ter escorregado para certas afirmações ortodoxas, a fim de preencher o seu espaço. Ele queria publicar um bom livro, de volume respeitável, para que outros homens não o acusassem de nada ter para dizer.

A sabedoria cria um *abrigo* de proteção que, no hebraico, é literalmente *sombra*. O homem era protegido do sol quente dos eventos adversos, em seu *trecho sombreado* (sabedoria combinada com dinheiro). Um homem de vida sábia e moderada viverá por mais tempo que um insensato estragado pelos vícios (cf. Eclesiastes 7.17 e Pro. 13.14). O vs. 12 expande a idéia do versículo anterior.

7.13

Atenta para as obras de Deus. Agora, o autor do versículo quase certamente é o filósofo pessimista. Ele volta à doutrina densa do *determinismo absoluto*, um mundo assim criado por Deus, a Causa Única. Todas as coisas foram determinadas por Deus, e tudo o que acontece a um homem sucede por necessidade, tanto o que é bom quanto o que é mau. Temos, aqui, o *torcido* e o *reto*, definições humanas das obras que Deus impõe aos homens. Ambas as possibilidades são inevitáveis, pelo que os homens simplesmente devem submeter-se e parar de queixar-se. "Tudo quanto ocorre foi predestinado, ninguém pode alterar nada, tendo em vista melhorar as coisas. Ver Eclesiastes 1.15 a; 3.15 e 6.10" (O. S. Rankin, *in loc.*). Sua disposição é imutável (Eclesiastes 3.14). E se dissermos "é injusto" ou "é errado", somente terminaremos com uma rebelião insensata. O autor não levou em consideração a possibilidade de *causas secundárias* que, por certo, nos trazem todas as espécies de coisas desagradáveis, bem distantes da vontade de Deus. Ele foi obrigado a chegar a más conclusões, porquanto suas premissas básicas eram más. Portanto, o mal se origina do mal, mas o filósofo disse que estava prestando um serviço a Deus e, repetindo a terrível doutrina de que Deus é a causa do mal, ele dizia somente a verdade.

O capítulo 3 muito se esforça por provar a armadilha de blasfemar contra Deus. Outro tanto faz o calvinismo radical, e ambos caem no ardil de blasfemar contra Deus. Não faz bem algum que essa tese equivocada fale sobre *propósitos inescrutáveis*, além da compreensão finita (cf. Eclesiastes 8.17). Sabemos que isso existe, mas também sabemos que qualquer doutrina sã, sobre a vontade de Deus, negará que Ele seja a causa do mal. Jarchi chegou a supor que nem mesmo no pós-vida uma coisa torta se endireitasse, porque o propósito condenador não respeita a divisão artificial entre a vida antes e depois da morte.

7.14

No dia da prosperidade goza do bem. Deus é um especialista nos opostos, conforme o capítulo 3 deste livro demonstrou tão bem. Portanto, hoje você pode prosperar, para amanhã estar lançado no desespero. Na insensatez, você diria: "Ontem foi um dia bom, mas o dia de hoje é mau". Do ponto de vista divino, entretanto, falar assim é insensato, porque Deus fez tanto o ontem como o hoje, e ambas as coisas são "boas", por definição divina. Nunca se pode confiar no futuro, que está nas mãos de Deus. Portanto, se hoje as coisas são "boas", por sua avaliação, então se valha do presente momento, cultive os pequenos prazeres da vida (Eclesiastes 2.24-25 e notas expositivas), porque isso é o melhor que um mortal pode fazer. Mas tudo é vaidade e correr atrás do vento, pois não existem valores reais e duradouros do ponto de vista humano. "Se você receber dádivas temporais da parte de Deus, desfrute e seja agradecido ao Doador. Lembre-se, entretanto: a luz do sol não perdurará para sempre. Deus equilibrou as doses de prosperidade e adversidade, igualmente" (Adam Clarke, *in loc.*).

As *últimas palavras* deste versículo são obscuras: 1. Os opostos de Deus não permitem que um homem prediga o futuro ou nele confie, pelo que mantenha o futuro em abjeta sujeição ao plano de Deus e não como se você pudesse controlá-lo.

1. O Targum diz que nenhum homem pode encontrar falta naquilo que ele é ou será, visto que Deus é o autor de ambas as coisas.
2. A Vulgata Latina e a versão siríaca fazem dessa declaração uma reprimenda contra a queixa humana sobre os ditames injustos da sorte.
3. A transformação da prosperidade em necessidade mantém um homem confiante em Deus, e não em seus dons *temporais*. Por conseguinte, ser rico e vir a tornar-se pobre, de repente, é bom para o seu humano!
4. Ou, então, desfrutar o presente com seus prazeres é o melhor que se pode esperar da vida. O amanhã será negro.

7.15

Tudo isto vi nos dias da minha vaidade. O triste e pessimista filósofo agora se opõe a uma das máximas mais comuns das escolas de sabedoria. Diz-se: "Sê bom e terás dinheiro e boas coisas. Sê mau e sofrerás adversidade e terminarás morrendo prematuramente". Mas eu digo: "Minhas observações têm demonstrado que essa máxima está equivocada. Na verdade, com grande freqüência, o oposto é que é a verdade. O homem bom enfrenta adversidades e morre ainda jovem; o homem mau continua pecando e corrompendo-se por todo o caminho e, no entanto, vive por longo tempo e tem muito dinheiro. Ambos morrem como animais e são reduzidos ao mesmo nada (Eclesiastes 3.18-20); portanto, onde está a famosa justiça na qual você continua a falar?" (Cf. Eclesiastes 8.14. Ver Jó 2.10).

Nosso homem, em seu pessimismo, falou como o triste filósofo, queixando-se, em altas vozes, de que suas expectações, como homem bom, não se cumpriram. Ver Eclesiástico 21.7. Por que os homens sofrem, e por que sofrem conforme sofrem? Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Problema do Mal*, quanto a algumas tentativas respostas. O trecho de Sal. 1.3,4 contém as expectações piedosas do judaísmo comum, que muito freqüentemente fracassam. Apelamos para um pós-vida, para resolver esse problema, e dizemos coisas que serão endireitadas ali. O louco filósofo, entretanto, não abria a porta da esperança. Antes, conservava os homens encerrados no desespero.

7.16

Não sejas demasiadamente justo, nem exageradamente sábio. Como o filósofo pode ter-nos advertido para não sermos por demais piedosos? Consideremos o cenário. Aqueles orgulhosos homens da escola de sabedoria continuavam proferindo, o dia inteiro, suas declarações santas. Além disso, continuavam estudando a lei para descobrir mais e mais detalhes, e usavam sua capacidade de escrever para ajuntar um número cada vez maior de declarações piedosas, máximas e regras para que os homens obedecessem. Eles conservavam suas classes e infeccionavam seus alunos com *exagerada piedade*, pois não pensavam em mais nada. Se eram sinceros acerca disso tudo, então eram *insensatos sinceros*, que tinham exagerado. Portanto, que o leitor não imite *essa piedade exagerada*.

Além disso, os exageradamente piedosos também eram exageradamente sábios. Era somente nisso que pensavam, eram pessoas saturadas pela lei. Comiam e dormiam a lei. Os extremos de conduta podem levar um homem à morte prematura, e não afastá-lo dela. A palavra "destruirias", da segunda parte desta afirmação, é paralela à palavra do vs. 15, "perece", que se refere aos que perecem relativamente jovens. Alguns supõem que o autor sagrado estivesse advertindo contra o tipo farisaico de autor-retidão, e isso pode ser em parte verdadeiro, mas esta assertiva volta-se principalmente contra a falta de moderação, na qual ele via um poder prolongador da vida. Por outra parte, com um ponto de vista tão pessimista, de que lhe aproveitava prolongar tão miserável vida? O homem, pois, caiu em incoerência.

7.17

Não sejas demasiadamente perverso nem sejas louco. Agora o triste filósofo instrui os ímpios a ser moderadamente ímpios! Eles também não deveriam ser exageradamente ímpios; nem deveriam os insensatos ser exageradamente insensatos. Essas coisas também podem provocar a morte prematura. Foi Deus quem criou os ímpios e os justos; ambos são *produtos de Deus*, pelo que o oposto da bondade foi feito por Deus! O falso sábio, esse louco filósofo, convidou os homens a serem moderados dentro das condições estabelecidas por Deus.

Adam Clarke (*in loc.*) queixou-se de um sermão que ouviu de um erudito doutor, que levou esse texto a sério demais, e chocou os ouvintes ao pregar que essa declaração deveria ser posta em prática. Por outro lado, é estúpido distorcer o que esse filósofo pessimista dizia, tentando transformá-lo em um porta-voz da ortodoxia.

Seja como for, os mártires fiéis e os criminosos são sepultados no mesmo cemitério. Na Greyfriars' Churchyard em Edimburgo, Escócia, há uma inscrição pessimista no sepulcro de um homem bom:

> *Ele jaz aqui misturado aos assassinos e outros homens semelhantes, aos quais a justiça perseguiu justamente até a morte.*

De acordo com a avaliação do filósofo, isso é tudo quanto terminaram obtendo, os bons e os maus, igualmente.

7.18

Bom é que retenhas isto, e também daquilo não retires a tua mão. "O mundo tem um aspecto justo e outro injusto, e um homem simplesmente deve levar ambas as coisas em consideração, sabendo lidar com elas. Ele deve aceitar o mundo conforme o encontra" (O. S. Rankin, *in loc.*), porquanto esses opostos são criados por Deus. Ele é a Causa Única de todas as coisas. E como poderia ser diferente? Assim seguia o raciocínio do filósofo, que continuava a promover seu *determinismo pessimista*. Todavia, até hoje, o calvinismo radical promove a mesma doutrina, mas até *piora* as coisas, porquanto estende essa situação até o mundo além-túmulo; e, mais ainda, já que ele é *eterno e imutável!* Sinto-me triste em dizê-lo, mas essa é uma doutrina insana, independentemente de quem a tenha ensinado.

A última linha é obscura, se tomarmos o versículo palavra por palavra. Mas a Mishnah nos ajuda neste particular. Estamos abordando uma expressão idiomática que não pode ser traduzida literalmente. O homem que teme a Deus "de tudo isto sai ileso", frase que significa: "cumprirá os seus deveres em qualquer caso". Ele "preservará uma atitude digna" (Odeberg), realizando seu dever. Aplicará cautela e moderação em seus atos e não ficará ofendido por *excessos* (ilustrado nos vss. 17-18). Mas John Gill (*in loc.*) afirma que a frase "de tudo isso sai ileso" significa "livre de excessos".

O Temor de Deus. Podemos ter aqui uma menção ao tradicional "temor do Senhor", que exprime a espiritualidade do Antigo Testamento, comentada em Pro. 1.7 e Sal. 119.38, bem como, no *Dicionário*, no artigo chamado *Temor*. Ou, então, podemos ter o *terror* do filósofo, comentado em Eclesiastes 3.14. Seja como for, o homem temente a Deus terminará cumprindo os seus deveres, se tratar com respeito os opostos da vida, determinados por Deus, e não praticar excessos.

7.19

A sabedoria fortalece ao sábio. Na *era helenística*, era comum haver cidades governadas por um conselho de *dez homens*. No número há força, e esperava-se que esses homens fossem fortes. Mas o sábio tinha mais força que eles. A afirmação é similar à que louva o homem que governa a si mesmo como mais forte que aquele que conquista uma cidade. Ver Pro. 16.32b. Vemos no vs. 16 que é um costume destruidor ser justo demais ou ser ímpio demais. Portanto, contra esse pensamento, existe outro que diz que a sabedoria dá a proteção que falta ao excesso. Por conseguinte, este versículo torna-se uma simples declaração de sabedoria, em harmonia com as declarações feitas pelas escolas de sabedoria; e o autor sagrado não a distorceu, para afirmar algo pessimista. Ou teria o editor piedoso acrescentado este versículo ao texto? Seja como for, retornamos às assertivas do vs. 12, onde a sabedoria e o dinheiro atuam como defesas, e a sabedoria confere a vida. Talvez Pro. 21.22 seja um trecho paralelo. Nesse caso, a principal idéia do texto pode ser a sabedoria aplicada à guerra, ou no planejamento das batalhas, ou no fabrico de armas e defesas superiores, que levam os homens a vencer batalhas. Eclesiastes 9.8 cria outra afirmação, uma metáfora militar, que contém sabedoria comparada ao poder militar. O Targum lembra-nos a história de José, que em sua sabedoria, tornou-se mais forte que seus dez irmãos.

7.20

Não há homem justo sobre a terra, que faça o bem e que não peque. A observação de que todos os seres humanos são pecadores (cf. I Reis 8.46; II Crô. 6.36; Pro. 20.9; Rom. 3.23 e I João 1.8) é mais que uma observação contra o *perfeccionismo* (ver a respeito no *Dicionário*). Antes, parece uma *justificação* da doutrina pessimista do filósofo, de não ser santo demais, nem ímpio demais. O verdadeiro significado, pois, talvez seja: "Não há sentido em *não* se comprometer com o mundo, em não ficar no meio-termo; não existe homem absolutamente bom, sem nenhum defeito moral" (O. S. Rankin, *in loc.*). Em outras palavras, sê um pecador moderado, transige com o mal, não espera demais de ti mesmo. Expectações muito elevadas, como aquilo que acontecia nas escolas de sabedoria, apenas levam à loucura. É melhor ser um pecador moderado que ser um louco. Seja como for, é isso o que *são* todos os seres humanos, sem importar as pretensões contrárias. Talvez não apreciemos o conselho do filósofo, mas é isso o que ele estava dizendo.

Tudo isso assume uma grande lógica se acreditarmos que Deus é a Causa Única, que criou o mundo para possuir esses opostos, bons e maus. Seja bom e seja mau, mas mantenha a moderação em ambas as coisas. Dessa maneira, você estará cumprindo a vontade de Deus. É inútil (conforme fazem algumas de minhas fontes informativas) tentar transformar esse autor herético em um mestre ortodoxo. O versículo diz que Deus fez os homens como pecadores moderados, pelo que isso é bom! O que será feito de todos os *pecadores excessivos?* Porventura Deus também os criou? O louco filósofo teria de responder com um "sim!". E não é exatamente isso que certas passagens da Bíblia dizem acerca do faraó? Quando não admitimos causas secundárias, e quando eliminamos o livre-arbítrio humano, inevitavelmente terminamos tornando Deus a causa do mal. É a isso que o determinismo absoluto nos força a chegar; e o louco filósofo era um determinista absoluto.

7.21

Não apliques o teu coração a todas as palavras que se dizem. Um sábio não tentará espionar, para ouvir conversações; ele não investigará para saber quem disse o quê. Se insistir em fazer isso, inevitavelmente ouvirá os homens a despedaçá-lo com suas palavras. Você pensa que as pessoas "lá fora" estão falando bem de você? Nesse caso, mantenha-se em sua ignorância. Não tente descobrir o que, realmente, outras pessoas estão dizendo a seu respeito, porquanto a maior parte do que dizem sobre você não é boa. É melhor conservar-se desinformado. Você aprenderá que até os *escravos* (seus inferiores) falam mal de você. E quanto mais falarão mal de você seus iguais e superiores? Em outras palavras:

> *Onde a ignorância é uma felicidade,*
> *É loucura ser sábio.*
>
> (Thomas Gray)

7.22

Pois tu sabes que muitas vezes tu mesmo tens amaldiçoado a outros. Se você realmente quiser saber o que as pessoas estão dizendo a seu respeito, consulte o seu coração e seja honesto: O que você costuma dizer sobre os outros? O que você diz sobre outras pessoas é essencialmente o que elas dizem sobre você. Se ocasionalmente os outros o elogiam, na maioria das vezes o estarão criticando e destacando as suas faltas. E, sejamos honestos, você tem muitas faltas a serem criticadas. E também tem-se mostrado ansioso para criticar o próximo. Você chega a apreciar as bisbilhotices, que revolvem a sujeira. Ver sobre *Mexerico*, em Pro. 11.13 e 18.8, e ver o verbete com esse nome, no *Dicionário*.

"Quem está isento de falar mal ou de falar descarinhosamente? Quem está livre de detalhar as faltas do próximo? Quem está livre dos mexericos e das calúnias, dos murmúrios e das tagarelices? Não penses que é maravilhoso Deus permitir que aconteça contigo o que costumas fazer contra as outras pessoas. Você, com freqüência, tem caluniado outros. Ver Sal. 15.1-5" (Adam Clarke, *in loc.*). Quanto ao uso perverso da linguagem, ver Pro. 11.9,13 e 18.21, onde ilustro o ponto com declarações apropriadas e com poemas. Ver também, no *Dicionário*, o artigo intitulado *Linguagem, Uso Apropriado da*.

7.23

Tudo isto experimentei-o pela sabedoria. Este versículo introduz as *observações para seguir*. O filósofo fez investigações e chegou a certas conclusões, mas confessou não ter atingido a sabedoria. De fato, a sabedoria estava muito distante dele, ele a havia buscado, mas não conseguiu encontrá-la. Ele estava destituído de sabedoria e suas investigações mostraram-lhe que somente um, em cada mil homens, é sábio, e entre tantas mulheres, ele não encontrou uma que fosse sábia (vs. 28)! O Targum restringe aqui a sabedoria àquela que pertence à legislação mosaica, mas na verdade a declaração é mais ampla. Tudo quanto poderia ser chamado de sabedoria, neste mundo, fugiu das pesquisas do filósofo.

7.24

O que está longe e mui profundo, quem o achará? Se realmente existe algo a que se possa chamar de sabedoria, então está muito *distante*, excessivamente *profundo;* e quem pode dizer-nos algo sobre essa coisa? O triste filósofo fracassou no encontro da sabedoria, e supôs que outros homens não tivessem sido mais bem-sucedidos que ele; conforme aconteceu a Sócrates, que buscou no

mercado um homem sábio, e ficou amargamente desapontado. Esse filósofo só descobriu insensatos, até mesmo entre aqueles que aparentemente eram mais sábios que outros, como os poetas, com suas observações profundas; Sócrates descobriu que eles falavam mais por inspiração do que por saberem, realmente, o que estavam dizendo. Portanto, pode-se perceber que a sabedoria é algo muito mais profundo do que um homem pode perscrutar. Todos os homens são superficiais.

Alguns estudiosos pensam que não devemos falar em sabedoria neste versículo e, sim, nos mistérios da vida, que estão ocultos. Mas este texto, quase certamente, leva adiante a idéia contida no anterior, onde a sabedoria é o assunto central. Por outra parte, sem dúvida, temos aqui a busca para descobrir qual é a constituição básica e o significado do mundo. A expressão "o que está" denota a constituição do universo, tal como se vê em Eclesiastes 1.9; 3.15 e 6.19. Ver também Eclesiastes 8.17, que é bastante revelador sobre esse assunto. Seja como for, o filósofo não atingiu uma sabedoria que pudesse resolver esses, e nem mesmo os problemas menores, que podemos observar na vida diária. O autor estava definitivamente falando aqui como os filósofos, e não como os rabinos judeus.

7.25

Apliquei-me a conhecer, investigar e buscar a sabedoria e meu juízo de tudo. Este versículo refere-se à sabedoria de buscar "a razão das coisas", que já tinha sido mencionada no vs. 24. Ele queria conhecer a razão das *coisas*, mas também as *razões por trás* da iniqüidade, da insensatez e da loucura. Por que os homens são assim? De onde vêm o mal moral, o pecado e todas as suas ramificações? Cf. Eclesiastes 2.12-17, onde encontramos algumas afirmações similares. Ele já nos havia dado tais respostas, ou seja, que tudo provém de coisas secundárias, do bem e do mal. Deus é o autor delas! Mas não sabemos dizer *por qual motivo* Deus criou um universo alicerçado em princípios opostos (ver Eclesiastes 3.1-11). Talvez a resposta esteja na tentativa de descobrir por que as coisas foram assim ordenadas por Deus, o qual é a Causa Única. Talvez o triste filósofo quisesse descobrir *quão* estúpidos e ímpios os homens realmente são e, não tanto, as razões para isso, o que uma de minhas fontes informativas sugere.

7.26

Achei cousa mais amarga do que a morte. O filósofo pessimista não estava levando a si mesmo muito a sério. Ele tinha atingido os elevados alvos de que algumas pessoas falam. Mas não era um sábio. O pouco que ele tinha conseguido provava tão-somente que a busca por sabedoria está entre as vaidades. Ver os capítulos 1 e 2. Ramificando suas pesquisas, ele quis ver se havia *homens* sábios e/ou bons. E, novamente, ficou desapontado. E, então, buscando *uma mulher sábia e/ou boa, não encontrou nem uma em mil, mas encontrou a* mulher de costumes frouxos (vs. 26), parecida com uma caçadora que faz muitas vítimas na sociedade. A descrição dessa mulher é vívida: ela é mais amarga que a morte; o coração dela é como um ardil ou armadilha onde caem suas vítimas, que de nada suspeitam e não mais podem escapar; suas mãos prendem um homem como correntes de ferro. Algumas pessoas, que se inclinam por agradar a Deus, escapam dela, mas muitos insensatos acabam prisioneiros da mulher de costumes frouxos e, por causa disso, sofrem. O discurso contra as mulheres de costumes frouxos era o favorito das escolas de sabedoria. Ver sobre *Prostituta,* em Pro. 22.4; sobre *Dama Louca*, em Pro. 9.13 e ss., e sobre *Adultério,* em Pro. 5. Quanto às cadeias da mulher de costumes frouxos, ver Pro. 2.18,19; 5.3-6; 7.24-26, que têm descrições similares às do presente versículo, além de muitas outras. Um homem dotado de espiritualidade razoável, que tenha aprendido a obedecer à lei de Moisés, pode escapar dessa mulher. Cf. Eclesiastes 2.26.

Este versículo, concernente à mulher de costumes frouxos, serve de *exemplo conspícuo* sobre a insensatez da qual o autor sagrado queria tomar maior conhecimento, ao tentar conhecê-la por suas causas e por seu caráter real (vs. 25).

7.27

Eis o que achei, diz o Pregador. O homem sábio, ou seja, o homem que pelo menos tentou obter alguma sabedoria, adicionou seus experimentos e informes um por um, acumulando um corpo de evidências. Cf. Eclesiastes 3.1-11, onde ele é visto a investigar o problema dos prazeres, e se estes têm ou não valor real. Dos informes acumulados, ele poderia extrair algumas tentativas de conclusões. Pelo menos, isso *lhe permitiu ter mais a dizer do que se não houvesse investigado. Ele continuou em* sua "inquirição para descobrir o esquema das coisas" (Donald R. Glenn, *in loc.*). Alguns se referem às palavras "uma cousa com a outra" como específicas ao homem sábio/bom ou à mulher sábia/boa que ele estava procurando (vs. 28). Mas este versículo pode ser uma descrição geral do "método científico" do homem em recolher informações, quanto a qualquer caso no qual estivesse trabalhando.

7.28

Juízo que ainda procuro, e não o achei. A exemplo de *Diógenes*, o homem que queria ser sábio procurava por um homem bom e sábio. O nosso filósofo já tinha examinado 999 candidatos antes de descobrir um que se ajustasse ao seu ideal. Talvez ele estivesse exagerando, mas, ao menos, podemos dizer que um homem verdadeiramente bom e sábio é uma grande raridade. O filósofo encontrou muitos fanfarrões e pretensiosos, mas bastou um pouco das indagações socráticas para que se descobrisse que esses casos eram mentiras deslavadas. Ato contínuo, o filósofo repetiu o programa entre mil mulheres, mas não achou uma só que fosse boa e sábia! Ele encontrou muitas mulheres, como aquela de costumes frouxos do vs. 26; mas não achou uma única semelhante, mesmo que de leve, à mulher do capítulo 31 do livro de *Provérbios. Já sabemos que poucas* pessoas são tão boas quanto pretendem ser, que a hipocrisia é o nome do jogo, mas, mesmo assim, não teríamos antecipado o triste resultado obtido pelo filósofo. Sabemos que as coisas são ruins, mas não tão ruins como demonstraram ser.

O Targum aumenta o negativismo radical deste versículo, asseverando que a pesquisa vem desde Adão até Abraão, e por milhares de reis que se reuniram para construir a torre de Babel, mas nem um homem bom foi encontrado. A busca não demonstrou a existência de uma única mulher como Sara. Fausset ressalta isso, ao dizer-nos que nenhuma mulher foi escolhida para escrever nenhum dos livros da Bíblia, e somente um homem apareceu como perfeito: Jesus, o Cristo, pois naturalmente ele é o "mais distinguido entre dez mil" (Can. 5.10).

7.29

Eis o que tão-somente achei. Este versículo quase certamente é uma glosa do editor piedoso, que tentou fazer o tratado pessimista do triste filósofo ajustar-se melhor ao judaísmo ortodoxo. Agora, encontramos menção a *causas secundárias:* Deus criou o homem como um ser reto, contudo o próprio homem, mediante sua livre vontade corrupta, distorceu a boa obra, desviando-se para veredas tortas e buscando maus esquemas. Esses sentimentos contradizem declarações anteriores. Deus, como a Causa Única, chegou a criar o homem mau para Seu próprio prazer, a fim de reduzi-lo a nada, no fim (ver Eclesiastes 3.6,18-20). Cf. Pro. 16.4.

A declaração também contradiz as palavras deste mesmo capítulo, que mostram que o filósofo não conseguiu achar nenhum homem bom (exceto algum raro homem, aqui e ali). Ademais, ele exortou as pessoas a serem pecadoras, mas não pecadoras exageradas. Ver os vss. 16,18-20. Na realidade, o vs. 29 transmite um sentimento típico e ortodoxo de literatura de sabedoria. Há aqui um jogo de palavras: um homem mau usa a sua *razão* para inventar *esquemas* (no hebraico, *heshbon,* que tem como paralelo o termo hebraico *hishshebhoneth,* o qual em II Crô. 26.15 é traduzido por "máquinas"). O filósofo usou a razão em sua busca (vss. 25 e 27). Portanto, encontramos aqui uma razão corrompida que termina criando más maquinações. O filósofo pessimista diria: "O homem mau opera dessa maneira, porque Deus o fez tolo e ele finge não o ser. Contudo, não fique o leitor desanimado diante dessa situação. Deus *também sentirá prazer em destruir aquele vaso corrupto que ele formou,* tal como o oleiro despedaça seu vaso defeituoso e não se arrepende disso". Somente esse tipo de raciocínio justifica a doutrina de que Deus é a Causa Única.

Capítulo Oito

Continuamos aqui a explorar o mesmo tema geral de que a inescrutável providência divina prova a inutilidade das coisas (ver Eclesiastes 7.1–9.18).

Ignorância Humana do Enigma da Retribuição Divina. Necessidade de Transigência (8.1-9)

"A falha da retribuição, que não atinge os ímpios, é uma *anomalia* que a pessoa deve aceitar. Se Deus é amigável ou hostil, ninguém sabe" (Oxford Annotated Bible, na introdução ao capítulo 8).

Temos aqui o exemplo prático de como um homem deve agir neste mundo longe de ser perfeito. Um rei, por exemplo, tem muito poder; as questões da vida e da morte estão debaixo de sua autoridade. Portanto, se alguém estiver servindo a um homem assim, deverá ser cuidadoso. Os monarcas, em sua maioria, viviam inchados com seu poder, eram injustos e manipuladores. Suas ações eram, com freqüência, arbitrárias. Como se poderia servir a um homem assim? O próprio servidor teria de ser manipulador em seus compromissos. Via de regra, é sábio obedecer ao rei, mas a manipulação às vezes é uma necessidade de sobrevivência. *O rei, se fosse brutal, feriria e mataria a outros. Talvez alguém pensasse que* deveria defender o homem justo contra a ira do rei, mas sua própria sobrevivência viria em primeiro lugar. Por conseguinte, o melhor seria transigir e fazer o possível para sobreviver, sem envidar nenhum esforço heróico autodestruidor; em outras palavras, falar como um idealista, mas agir como um pragmático. Esse tipo de conselho está em harmonia com o ponto de vista pessimista e niilista do nosso filósofo. "A sabedoria capacita um homem a evitar a ira do rei (vss. 2-9), mas nem mesmo um sábio pode calcular os enigmas da tribulação da justiça divina (vss. 10-17)" (Donald R. Glenn, *in loc.*). E com a palavra *sabedoria,* aqui usada, queremos dar a entender uma *manipulação pragmática.* O triste filósofo já nos havia dito que um homem não é capaz de atingir a verdadeira sabedoria (Eclesiastes 7.23-24).

8.1

Quem é como o sábio? E quem sabe a interpretação das cousas? Quando é que um homem age como um sábio? Como ele pode resolver graves problemas, especialmente se é uma pessoa humilde, a serviço de um rei potencialmente perigoso e arbitrário? Ele é o homem das *manipulações práticas*, que sabe interpretar as situações. Ele conhecia a *solução* para as coisas: ... *interpretação*... no hebraico, *pesher* (palavra tomada por empréstimo do aramaico). *Solução* é melhor, aqui, do que "interpretação". O sábio manipulador "sabe qual é o caminho de saída" (Graerz, *in loc.*).

Esse manipulador pragmático tinha o rosto reluzente. Havia nele certo encanto que resolveria problemas difíceis, mais facilmente que a força bruta. Talvez ele fosse um homem de má catadura, mas não o demonstrava. Talvez ele fosse *ousado*, mas preferisse uma *abordagem suave*, quando isso lhe prometesse soluções vantajosas. Os intérpretes erram, quando falam sobre um gracioso homem bom que procura ser honesto. Pelo contrário, esse homem era um "bom homem de frente", esperto operador, falador suave, exatamente o tipo de homem que se esperaria encontrar no serviço de um rei brutal e arbitrário.

8.2

Eu te digo: Observa o mandamento do rei. A primeira regra de sobrevivência quando se serve a um rei perigoso, que pode ordenar a morte em um segundo, é observar estritamente o juramento de obediência feito a ele. Esse juramento é *sagrado*, porque ele obrigou a jurar pelo nome de Yahweh; se ele achar conveniente matar por causa de alguma infração, pode lançar a culpa sobre Yahweh, a quem se teria traído, visto que se traiu o *rei*. O juramento sagrado tem sido explicado como:

1. Um juramento feito a *Deus* de que a pessoa mostrar-se-ia totalmente leal e obediente ao rei.
2. Um juramento feito na *presença de Deus*, afirmando a fidelidade ao rei.
3. Um juramento feito ao rei como se ele fosse uma divindade; seu contexto é o Egito ou outras nações que divinizaram seus reis.

Provavelmente, a interpretação correta é a de número 2. O rei em Israel tradicionalmente era tido como representante de Deus, a quem o Senhor dava poder, sendo possível que até reis ímpios retivessem seu chamado "direito divino dos reis".

Se você fez esse juramento sagrado, não se *desanime* (Revised Standard Version) se ele lhe ordenar ferir ou matar, ou confiscar a propriedade de um homem inocente ou outra tarefa difícil de qualquer espécie. Obedeça! Você não é pessoalmente responsável, não se preocupe com a moralidade; a moralidade consiste em obedecer ao rei. Você sobreviverá por mais tempo, se seguir essa regra.

8.3

Não te apresses em deixar a presença dele. Se o rei ordenar-te que faças alguma coisa desagradável, não corras gritando: "Não! Não farei isso!" e também não resignes teu cargo para escapar da obediência ao monarca. Se agires assim, em breve o rei enviará o executor, e não continuarás fugindo. O original hebraico pode ser traduzido como "Não te apavores!", o que intensifica o significado. O rei diz: "Faz isso agora mesmo!" e isso te enche de temor e precipitação. Alguns vêem aqui o rei a censurar um suboficial, assustando-o com algum tipo de ameaça, por causa de alguma infração; mas isso parece menos provável.

Nem te obstines em cousa má. Se esta é a tradução correta, então obtemos a idéia do servo que, tendo cometido alguma infração, agora argumenta com o rei, tentando justificar-se. Mas a Revised Standard Version provavelmente está correta com sua tradução: "Não te demores quando a questão for desagradável", que significa: "Se o rei te disser para realizares uma tarefa desagradável, avante, cumpre a ordem, esse é o teu dever! Cuida de tua própria sobrevivência, mais que do homem a quem poderás prejudicar se cumprires a ordem do rei".

"A lealdade é a medida mais segura" (Gaius Glenn Atkins, *in loc.*).

8.4

Porque a palavra do rei tem autoridade suprema. Quando um rei fala, eis que fala com seriedade, e ninguém pode duvidar de sua palavra. Ninguém ousará dizer: "Que estás fazendo?". É melhor dizer: "Sim, senhor!", para então cumprir o que o monarca disse. A palavra do rei é como a lei e, se ele te disser para fazeres algo que pensas estar errado, a lei do rei é mais poderosa que a lei de tua consciência. Cf. este versículo com Jó 9.12. Temos visto um bom número de empréstimos aparentes desse livro, e parece que um pessimista se deixou atrair por outro. Jó caiu nessa armadilha mediante grandes sofrimentos, e o nosso filósofo porque se associou demasiadamente a uma filosofia má.

8.5

Quem guarda o mandamento não experimenta nenhum mal. Um suboficial do rei deverá obedecer à ordem do monarca, para, assim, não sofrer dano. Ele será sábio o suficiente para executar as ordens, mesmo que desagradáveis. "Ele saberá qual o melhor curso de ação e quando deverá aplicá-lo" (Donald R. Glenn, *in loc.*). Os intérpretes continuam a pensar que a ordem, aqui, foi dada por um bom rei, ou mesmo pelo *Rei*. O Targum chega a falar em cumprir os "mandamentos do Senhor", para que a pessoa não sofra dano no mundo por vir; mas essas interpretações não acertam diretamente o alvo, embora possam servir como *aplicações* do que foi dito.

Os julgamentos dos criminosos de guerra, e de outros criminosos, igualmente, que agem sob a autoridade alheia, sempre produziram a situação que aparece nestes versículos. Coisas ousadas têm sido feitas por aqueles que "obedecem ordens". Se alguém recebeu ordens de um poder mais alto, cumpre essas ordens e faz algo de terrível, de quem será a culpa? Pode alguém ser chamado à responsabilidade, por haver obedecido a ordens superiores? Na maioria dos casos, fica entendido que a desobediência significaria execução ou outra penalidade severa. Quase sempre, os que estão sob ordens fazem o que lhes é ordenado e pleiteiam inocência, porquanto "não tiveram escolha", senão agir obedientemente. Mas, tão tradicionalmente quanto isso, os tribunais de justiça têm rejeitado esse tipo de desculpa pelo erro cometido.

Sócrates experimentou exatamente esse tipo de situação. Foi-lhe ordenado pela democracia ateniense que buscasse um homem para ser julgado e, talvez, receber a sentença de morte. Ele partiu em busca do sujeito, mas seu guia espiritual lhe disse internamente que voltasse, e ele voltou! Quando foi julgado por essa mesma democracia (e logo foi executado por certo número de razões falsas), ele relembrou àqueles homens perversos que, em *outra* ocasião, eles tinham agido mal, mas ele não tomara parte no ato!

Determinismo Novamente (8.6)

8.6

Porque para todo propósito há tempo e modo. Este versículo é um minúsculo sumário do que foi explicado em Eclesiastes 3.1-11: o determinismo absoluto de Deus como a Causa Única. Todos os tempos e todas as eras estão adrede determinados, e tudo acontece inevitavelmente. Essa é a temível (e falsa) explicação dada pelo triste e louco filósofo para o *Problema do Mal* (ver a respeito no *Dicionário*): Por que os homens sofrem e por que sofrem como sofrem? A resposta dada pelo filósofo foi: Deus assim fez as coisas. É Deus quem faz os homens sofrer como sofrem. Essa é uma decisão de Sua *vontade*. Não há razão alguma para esperar uma resposta racional, nem deveríamos esperar alguma razão moral. Esse conceito, obviamente, é niilista e voluntarista. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* os artigos chamados *Niilismo* e *Voluntarismo*, quanto a amplas explanações.

Porquanto é grande o mal que pesa sobre o homem. O homem tem pesado sofrimento nesta vida mortal, porquanto *Deus* o predestinou exatamente para isso. Ato contínuo, o homem descerá ao sepulcro, sem redenção, para o nada final, como se fosse um animal (Eclesiastes 3.16,18-20).

Alguns estudiosos tentam forçar este versículo a continuar a idéia sobre o rei e o servo, já mencionados, colocando o rei a impor tempos difíceis sobre o servo, quando este obedecia às suas ordens; mas, na verdade, o versículo passa a explorar uma nova idéia. O pensamento anterior tem de ser combinado com o deste versículo, como uma miséria geral. Ver as notas expositivas na introdução ao capítulo 3 deste livro, bem como Eclesiastes 3.1, para maiores explicações.

8.7

Porque este não sabe o que há de suceder. O *futuro constitui um grande peso* para a mente humana, porquanto, tal como o passado e o presente, está determinado por um ato gigantesco da vontade divina. A experiência ensina-nos a não esperar nenhum alívio ou esperança. De fato, sabemos que o futuro nos trará total extinção, provavelmente antecedida por intensos sofrimentos, enfermidades, calamidades etc. Há tristeza na antecipação do que poderá acontecer, bem como tristeza no conhecimento do que de fato acontecerá, a saber, o que temos descrito em Eclesiastes 3.16,18-20. O homem é pó e ao pó voltará, mas enquanto não voltar é candidato a todos os tipos de terrores. É ridículo e anacrônico falar aqui sobre o homem, ignorante de seu tempo de oportunidade, que negligencia a salvação e cai em ruína. O louco filósofo, porém, não tinha tais pensamentos em sua mente. Para ele, a *redenção* era aquele bendito *nada* para onde o sofrimento humano, finalmente, leva a pessoa.

8.8

Não há nenhum homem que tenha domínio sobre o vento para o reter. Alguns intérpretes supõem que o triste filósofo tenha aliviado seu próprio progra-

ma pessimista, com um olhar para cima, vendo o espírito do homem (que teria sobrevivido à morte biológica) na volta para Deus (conforme a declaração de Eclesiastes 12.7). Pode ser atrativo esperar nesses termos e tentar ler tal coisa no texto presente, mantendo esse tipo de esperança; provavelmente, tudo quanto o versículo diz é que essa *animação* da estátua de argila, que Deus inspirou em um homem, mediante a criação, quando de Seu *sopro*, é removida por ocasião da morte, de tal modo que o homem retorna ao pó de onde procedeu (Eclesiastes 3.20). A referência é a Gên. 2.7, onde o hálito divino dá vida ao homem, partindo do pó. É um anacronismo ver, nesse ato, a colocação de um espírito imaterial e imortal no homem, que sobreviveria à morte biológica, conforme a doutrina de muitos intérpretes cristãos. Isso simplesmente não combina com a doutrina do judaísmo primitivo. Esse tipo de pensamento começou a aparecer entre os hebreus, nos salmos e nos profetas. Desenvolveu-se nos livros pseudepígrafos e apócrifos do período intertestamentário e, mais ainda, no Novo Testamento.

A Vida é como uma Guerra. Nesta vida miserável, que leva ao nada, na morte, quando a respiração nos é retirada, somos como soldados que vivem em um conflito desesperado e fútil. Dessa guerra da vida, nenhum ser humano é dispensado, nem um ser humano é isentado. Os poderes malignos e destruidores da vida são avassaladores, como um inimigo que não pode ser derrotado. De fato, o inimigo nos destruirá. Esse é o ponto de vista pessimista, para o fim da humanidade, que era asseverado pelo triste e louco filósofo. Ser bom ou mau não livra o homem do golpe final da morte. Tanto o homem bom quanto o mau estão igualmente sujeitos à matança final do inimigo, que os deixará totalmente destruídos, no fim da guerra da vida. Por conseguinte, o homem é uma criatura feita de pó, que ao pó voltará, e é inútil lutar contra esse caminho determinado por Deus.

8.9

Tudo isto vi quando me apliquei a toda obra que se faz debaixo do sol. O *triste filósofo viu coisas melancólicas quando tomou sobre si a tarefa de descobrir no que a vida realmente consiste, e quando se pôs a investigar as coisas profundas da vida, seus mistérios e suas misérias (ver Eclesiastes 7.24-25). Ele viu homens dominando outros e tornando-lhes a vida miserável, tal como no caso do rei mencionado em Eclesiastes 8.2 ss. Mas todos esses males temporários acabarão reduzidos ao nada, no descanso final. Este versículo naturalmente reforça a interpretação dos vss. 2-5, como o mau rei que forçou seu servo a fazer coisas más. Tudo quanto acontece "debaixo do sol" é miserável e fútil, o tema dominante do triste filósofo (ver Eclesiastes 1.3). Os opressores, no fim, sofrerão a Grande Opressão, mas nem por isso os oprimidos terminarão de forma melhor.

8.10

Assim também vi os perversos receberem sepultura e entrarem no repouso. Os ímpios eram louvados por todos, até pelos sacerdotes e ministros do templo de Jerusalém. Eles tinham uma impressionante forma externa de piedade. Atendiam a seus deveres nos sacrifícios e nos rituais do templo, realizavam atos atrevidos na cidade e, no entanto, eram louvados por aqueles que os temiam. Mas o filósofo estava ali para ver homens tão miseráveis sendo sepultados, passando assim para o seu merecido nada. Não há, aqui, nenhuma idéia de sofrer algum julgamento no além-túmulo. Aqueles ímpios eram homens de pó, que voltariam ao pó, e, embora agitassem muita poeira entre os dois pontos, seriam totalmente extintos, no fim de sua história agitada. Eles terminariam, como a vaidade em geral, no nada a que toda a vida leva os homens. Esse era o ensinamento heterodoxo do filósofo, pelo menos, para os antigos hebreus, que, apesar de não acreditarem na sobrevivência da alma, pelo menos acreditavam na retribuição divina nesta vida terrena. Isso nem sempre acontece, contra as expectações dos piedosos, mas o nada da morte nivela todos os problemas.

8.11

Visto como não se executa logo a sentença sobre a má obra. *Os vss. 11-13* são tentativas forçadas do editor piedoso, o qual tentou tornar o texto do filósofo mais aceitável aos ouvidos judeus. O vs. 10 deixa implícito que os ímpios não eram punidos, mas chegavam à morte acompanhados pelos elogios e aprovação dos homens. Esse aspecto definitivamente era contra o ponto de vista ortodoxo de que os ímpios têm de sofrer o desfavor divino, na forma de calamidades, aqui mesmo na Terra, ou algo estaria faltando na justiça de Deus. No entanto, o triste filósofo não via isso acontecendo, pelo menos em muitos casos de iniqüidade. Na realidade, ele via exatamente o oposto. Os bons sofriam e os ímpios ficavam em liberdade. Mas o editor piedoso insistiu que, embora a retribuição divina pareça demorada, ela é *certa*. Além disso, o editor piedoso também propôs uma *causa secundária*, que combate a doutrina do louco filósofo, de que Deus é a Causa Única. Ele via a iniqüidade humana, inspirada pelas vontades corruptas, como o *agente* que faz o relâmpago de Deus atingir em cheio os ímpios. A posição do triste filósofo foi a de que homens bons e maus assim foram feitos por Deus, por Sua vontade inescrutável e propósito insondável, mas acabam sofrendo a mesma sorte lúgubre. O que acontece ao longo do caminho, se os ímpios prosperam e se os bons sofrem, entre os dois extremos do pó, é responsabilidade de Deus e não está aberto à inquirição. Porém, o editor piedoso abre uma inquirição e vê demora no julgamento divino, embora esse julgamento, inevitavelmente, venha a ocorrer. É ridículo cristianizar estes versículos e ensinar que a longanimidade de Deus com o mal tem por intuito conduzir os homens ao *arrependimento* (ver Rom. 2.4). Esse é um bom princípio cristão, mas não foi antecipado pelo louco filósofo.

8.12

Ainda que o pecador faça o mal cem vezes. O pecador continua repetindo o mesmo pecado ou crime por *cem vezes;* e, no entanto, não sofre a morte prematura que os homens bons supõem que devesse acontecer a ele. A despeito disso, algo de ruim haveria de ocorrer com ele (segundo o editor piedoso deixou entendido). Basta que fiquemos a observá-lo, para vermos a vingança divina atingi-lo. Em contraste, o triste filósofo pensava que poderia avançar o caminho inteiro até a morte, sem ser atingido (vs. 10). Ele poderia ser louvado no fim. O editor piedoso também nos assegurou que "tudo iria bem" com o homem bom, finalmente, embora ele sofresse toda a espécie de reversão, enquanto esperava a recompensa divina por sua bondade. Mas essa idéia, com sua noção de "deve acontecer", é contra o que se lê em Eclesiastes 3.16,18-20. O homem só obterá o bem se assim o determinou a inescrutável vontade de Deus. Mas talvez a vontade do Senhor *determine justamente o contrário: esse homem bom só receberá calamidades* em sua vida e voltará ao pó.

O editor piedoso agora apresenta aquele pensamento padronizado da fé hebraica: o "temor do Senhor" fará uma diferença agora mesmo, nesta vida. O homem bom que exercitar esse temor terá uma vida longa, próspera, saudável e feliz. O nosso filósofo, em seu pessimismo e através de suas observações astutas, viu que essa "bela esperança" por muitas vezes foi despedaçada por aquilo que realmente acontece "lá fora". Ver sobre o "temor do Senhor" em Pro. 1.7; Sal. 119.38, bem como no artigo chamado *Temor,* no *Dicionário.* O caso de Jó era uma prova de que a regra geral, com freqüência, não tem aplicação. O filósofo não via as coisas sendo fixadas por ocasião da morte, numa existência pós-vida; e, por essa razão, permitia que a história inteira do homem terminasse no pessimismo. Mas é isso o que obtemos quando insistimos na teoria de "Deus como a Causa Única". O calvinismo radical termina no mesmo pessimismo, e pela mesma razão, mas aumenta a dor, por não permitir que a morte traga o descanso final a todos os homens.

Emanuel Kant arquitetou um argumento em favor da existência de Deus e da existência e sobrevivência da alma, ante a morte biológica, com base na própria observação de que, "nesta vida", a justiça raramente é feita. Os ímpios prosperam, enquanto os bons sofrem. Mas Kant insistia na justiça e, assim, propôs o pós-vida como o tempo em que Deus providencia que a justiça real seja feita. A alma tem de existir e sobreviver para receber recompensa ou punição apropriada, depois desta vida; e Deus também tem de existir, porquanto Ele é o Deus *Todo-poderoso* e *Todo-sábio,* capaz de fazer justiça. Esse argumento é chamado de *Argumento Moral* de Kant (ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*).

Contra o pensamento judaico ortodoxo, não era exigida justiça nesta vida. Contra o triste filósofo, é aplicada justiça à vida pós-túmulo. Kant, como é natural, foi influenciado pelo pensamento cristão, mas basta a razão para fornecer-nos esse discernimento. Se a justiça não for feita, finalmente, em algum ponto, prevalecerá *o verdadeiro deus deste mundo, o caos. Do ponto de vista humano,* essa era a divindade do filósofo. Ao aplicar o conceito dos *mistérios,* o filósofo tenta salvar o seu deus da crítica humana. Ver as notas no vs. 13, quanto a outros raciocínios.

8.13

Mas o perverso não irá bem, nem prolongará os seus dias. Nem sempre o ímpio será tão feliz e próspero como ele é visto agora. Seu dia mau já se aproxima, nesta vida. Pode parecer-lhe estar prolongando sua vida, tal como as sombras do fim da tarde se esticam, mas essas sombras têm de parar em algum lugar. Sua noite de sofrimento, *nesta vida,* cortará essas sombras. Isso se dá porque ele não tem temor ao Senhor, tal como acontece ao homem bom (vs. 12). Assim sendo, apesar de parecer que as sombras se esticariam indefinidamente, na verdade a vida daquele homem era como uma sombra fugidia que logo chegou ao fim. Cf. Eclesiastes 6.12; Sabedoria 2.6; 4.8; Sal. 102.11; 144.4.

A igreja cristã oriental postula a preexistência da alma, para explicar as desigualdades desta vida, e alguns estudiosos postulam a reencarnação como resposta possível a essas desigualdades. Estamos vendo aqui somente *um capítulo* de uma vida. Os capítulos precedentes poderiam explicar por que os homens sofrem da maneira como sofrem, e por que alguns prosperam, enquanto nós supomos que eles devessem sofrer. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* os artigos chamados *Preexistência* e *Reencarnação.*

O Targum, nesta passagem, em consonância com o judaísmo posterior, transferiu a justiça para a vida vindoura.

8.14

Ainda há outra vaidade sobre a terra. O triste filósofo retorna agora, após o interlúdio do editor piedoso, e diz-nos o que ele realmente pensava, o que ele tinha observado quando fizera as suas investigações. Homens retos recebem o castigo merecido pelos ímpios, e ímpios recebem a recompensa que cabe aos justos. Isso parece ultrajante, até que lembramos que Deus, na qualidade de Causa Única, determinou que as coisas acontecessem dessa maneira. Por conseguinte, a vida é caótica e injusta, caso se aplique a razão humana a esse enigma. O poder divino, entretanto, é voluntarista, e não está sujeito aos rótulos que os homens lhe aplicam. O triste filósofo negou o valor da verdade deste excelente poema:

Embora os moinhos de Deus moam lentamente,
Eles moem excessivamente fino.
Embora com paciência ele fique esperando,
Com exatidão mói a todos.

(Longfellow)

Para que isso seja verdade, tem-se de incluir o pós-vida na questão, porquanto a observação, por certo, não verifica as coisas por esse prisma. O mau filósofo não incluiu o pós-vida na questão; ele simplesmente negou que sentimentos tão esperançosos reflitam o que realmente acontece na vida humana. Se não mais se tentar fazer desse filósofo pessimista um mestre ortodoxo, então não haverá problema na compreensão do que ele estava dizendo. Como é que terminamos? Como sempre: *Tudo é vaidade.* Que o leitor não tente extrair algum sentido desses enigmas; eles estão ocultos em Deus, a Causa Única. A vida humana não tem sentido (Eclesiastes 1.3). Esse é o tema constante e muito ilustrado dos capítulos 1-3 deste livro. O filósofo não se tornou ortodoxo conforme o tempo avançava.

8.15

Então exaltei eu a alegria. Que podemos aproveitar de toda essa futilidade? Podemos aproveitar os pequenos prazeres da vida como um tipo de *falso valor*, que na verdade nada é, mas, *aparentemente*, é um pouco mais que nada. Disso deriva a afirmação do autor sacro: "A vida, se tiver poucos prazeres, vale mais que nada". Isso ainda não é muita coisa, embora possa ser o *summum bonum* da vida. Contudo, o pensamento real do filósofo era niilista. Ele não era um autêntico filósofo epicurista. Era um niilista: não existem valores verdadeiros e duradouros. Tudo é fútil (vaidade). Ver notas expositivas em Eclesiastes 2.24-25, onde esse falso epicurismo foi introduzido pela primeira vez. Ver também Eclesiastes 3.12,22; 5.17 e 9.7-10. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* os verbetes denominados *Epicurismo* e *Niilismo.* O filósofo encontrou algum consolo ao desfrutar prazeres moderados, como comer e beber, regozijar-se em festa, e outras coisas dessa natureza, o que acrescentava um pouco de "pimenta" à sua vida normalmente cheia de trabalhos. Disse ele, tristemente: "Isso é tudo quanto existe". Aceita-se isso, porquanto não se pode obter outra coisa que possa ser rotulada de *valor.*

8.16

Aplicando-me a conhecer a sabedoria, e a ver o trabalho que há sobre a terra. A busca da sabedoria, que é uma atividade vã, não foi capaz de encontrar mais do que esta descoberta melancólica, desencorajadora e fútil: desfruta um pouco os pequenos prazeres da vida, porquanto nada mais existe, e até mesmo isso é absorvido pela morte, quando os homens entram no nada, para sempre. O filósofo havia feito uma investigação honesta da natureza das coisas, procurando verificar a razão pela qual elas acontecem da maneira que acontecem. Mas sua busca diligente não o levou a lugar algum. Ele se tornou um falso estudante da escola de Epicuro, e um falso adepto daquele falso valor: prazeres moderados. Mas ele era realmente um *niilista:* não existem valores verdadeiros e duradouros.

Entrementes, um resultado constante de toda essa questão pessimista é que o indivíduo não pode dormir e descansar, nem durante o dia nem durante a noite, pois fica pleno de ansiedades, e essa futilidade se mistura aos sofrimentos. Como pode um homem dormir com tudo isso em sua mente? Cf. Sal. 132.4 e Pro. 6.4. Ver também Gên. 31.40. Um homem pode ter tanta intensidade em seus estudos e investigações, que nem ao menos encontra tempo para dormir, mas o resultado de sua diligência não o levará a nenhuma conclusão decente. O fruto de sua diligência será a futilidade.

8.17

Então contemplei toda a obra de Deus. O homem bom realmente queria saber a verdade. Por conseguinte, não poupou esforços para fazer um exame completo daquilo que realmente acontece no mundo, das razões para os acontecimentos e da verdadeira natureza das coisas. Sua mente foi despertada pela observação de que existem grandes injustiças, se definirmos as coisas de acordo com a razão humana. Ademais, existe toda a labuta na qual as pessoas se deixam envolver. E, finalmente, há a finalidade da morte. Por conseguinte, ele indagou: "O que está acontecendo no mundo?". Mas os seus ingentes esforços para descobrir algum ritmo e razão para as coisas falharam completamente. Ele nem chegou a compreender os enigmas e mistérios de Deus, nem a acreditar que *nenhum outro homem*, sem importar quão diligente fosse em sua investigação, pudesse apresentar melhor solução: não há solução alguma.

"... ninguém pode compreender os caminhos de Deus (Eclesiastes 3.11; cf. Isa. 55.9 e Rom. 11.33), mesmo que gastasse todas as suas energias e poder mental e afirmasse que poderia fazê-lo" (Donald R. Glenn, *in loc.*). Naturalmente, haverá quem pretenda, com falsa sabedoria, conhecer essas coisas, pondo-se a explicar tudo, a partir de seus pequenos dogmas.

Nossos pequenos sistemas têm sua época,
Eles têm seu dia e logo passam.
São apenas pequenas lamparinas que bruxuleiam
Ao lado de Tua Luz, ó Senhor.

(Russell Champlin)

Tem piedade de nossa ânsia por saber
De onde viemos e para onde estamos indo;
Como chegamos a este mundo, e por quê;
O pecado e sua filha, a miséria.

(Schiller)

Capítulo Nove

A seção de Eclesiastes 7.1–9.18 (ver a introdução a essa seção) trouxe à nossa atenção a "inescrutável providência de Deus, que prova a inutilidade das coisas". Agora repassaremos uma instância dessa inutilidade:

A Morte como Sorte Comum. O Homem Não Sabe O Que Acontecerá. O autor continuava repetindo suas palavras desanimadoras: "Ninguém sabe" (Eclesiastes 9.1,12; 10.14); e também: "Tu não sabes" (Eclesiastes 11.2,6). O homem não pode predizer o que acontecerá em sua vida, embora saiba que a morte o aguarda. Mas, nessa morte, nada existe que anule o valor que pode haver na vida humana. As fórmulas que dizem: "ninguém sabe" e "tu não sabes" introduzem subseções, e levam avante a lamentável filosofia deste homem triste, não-ortodoxo e "sábio". É inútil tentar achar alguma ortodoxia em seus discursos. Ele simplesmente não fazia parte do rebanho dos homens sábios normais, já que escreveu especificamente a fim de descobrir buracos em suas teorias e negar o valor de sua sabedoria. O bom caráter não é necessariamente recompensado com algo bom (vss. 1-6); a habilidade e a aptidão obterão o que um homem busca, mas o que ele obtém é apenas futilidade (vss. 11-12); a sabedoria obterá sua própria recompensa, honra e fama, mas de que isso adianta (vss. 13-16)? O melhor que um homem poderá esperar são os pequenos prazeres da vida, para apimentá-la com tudo o que há de mais lamentável (vss. 7-10).

9.1

Deveras me apliquei a todas estas cousas para claramente entender tudo isto. *Deus, como a Causa Única*, tem tudo sob o controle de Suas mãos e fará exatamente como quiser, sem importar se os homens gostem ou não, chamem isso de bom ou mal, de justo ou injusto. "Todos os feitos dos homens estão nas mãos do Senhor", e até suas motivações. Ele está controlando todo o amor e ódio que há "lá fora". O homem não passa de um miserável boneco, a dançar e saltitar através dos poucos dias que tem para viver debaixo do sol. O homem costuma levar a si mesmo e à sua vida tão a sério, mas só existe uma coisa com a qual ele deve importar-se: *Deus* – o qual faz tudo de acordo com a Sua vontade. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* os verbetes chamados *Voluntarismo: Determinismo* e *Pessimismo.*

E se é amor ou se é ódio. Muitos estudiosos pensam que temos, aqui, menção ao amor e ao ódio de Deus (ver Mal. 1.1-3; Rom. 9.13), que determinam a natureza e o resultado de toda a vida humana. Deus favoreceria alguns e desfavoreceria outros, pelo que, até quando todos compartilham da mesma sorte (o nada, por ocasião da morte), os homens percorrem um curso desigual, não por causa do que são, mas porque Deus o quer, à parte da vontade e dos feitos humanos (ver Rom. 9.16):

Assim, pois, não depende de quem quer, ou de quem corre,
mas de usar Deus de sua misericórdia.

O triste filósofo tinha uma teologia defeituosa e deficiente, porquanto não permitia espaço para *causas secundárias*, as quais, por certo, existem. Outro tanto se dá no caso do capítulo 9 da epístola aos Romanos e no caso do calvinismo radical. O pessimismo é o resultado conseqüente dessa maneira de pensar. Na maior parte do Novo Testamento, a idéia de Deus como a Causa Única é uma doutrina não-ortodoxa.

"Os homens não são os donos de sua própria sorte. Aquilo que eles fazem e são está sujeito à vontade soberana de Deus" (Donald R. Glenn, *in loc.*).

9.2

Tudo sucede igualmente a todos. Este versículo é uma declaração extremamente certa do determinismo e da futilidade da vida humana. É como Eclesiastes 3.1-11, com uma série de oposições. *Uma sorte* ocorre a todos os homens, sem importar o que estejam praticando ou por quem estejam sendo governados. Essa sorte consiste no aniquilamento da morte, que ocorre tanto ao homem bom quanto ao mau, indiscriminadamente. Tudo que o homem faz depende da Causa Única, Deus. É inútil tentar fazer esse triste, louco e mau filósofo transformar-se em um homem da escola ortodoxa de sabedoria. De fato, ele se lançou à tarefa de demonstrar que era um homem diferente. Ele simplesmente não acreditava nos dogmas das escolas judaicas ortodoxas de sabedoria. O que há de mais ridículo em tudo isso é que os intérpretes cristãos insistem em tentar "salvar" o homem da sua heresia, distorcendo suas declarações, para que se tornem uma ortodoxia aceitável.

Os Princípios Opostos:

1. O ímpio e o justo.
2. O limpo e o imundo. Aquele que cumpre seus deveres, oferecendo sacrifícios, e aquele que negligencia seus deveres.
3. O homem bom e o pecador.
4. O homem que jura e faz promessas piedosas, e o homem que negligencia esses detalhes das práticas religiosas.

Todos esses, entretanto, esperam a mesma sorte lamentável: o nada da morte, onde os homens se parecem com os animais irracionais (Eclesiastes 3.15,18-20). O homem é uma criatura feita de pó e ao pó voltará; mas, tendo dito isso, ainda não se disse coisa alguma importante. Cada indivíduo tem sua própria parte predeterminada a desempenhar no drama da vida. Ele assim o faz, porque Deus já determinou para ele a sua parte. Mas a vida humana é apenas uma tragicomédia, sem propósito que possa ser discernido. E se existem propósitos nisso, eles estão ocultos na inescrutável vontade de Deus. Nenhum acúmulo de investigações pode dizer os *porquês* envolvidos em tudo isso, e, de fato, não pode afirmar se existem razões na *vontade inexorável de Deus.*

9.3

Este é o mal que há em tudo quanto se faz debaixo do sol. O fato de que todas as coisas terminam da mesma forma lamentável é rotulado de *mal*, pelo filósofo, mas ele estava falando de maneira humana. Ele estava consternado, mas não tinha nenhuma declaração de alívio a respeito. Ele simplesmente rotulou isso de *mal.* Parte desse mal é que o coração de alguns homens está repleto de pecados, crimes e loucura, mas sua situação é igual à do homem bom, por ocasião da morte; ou, em outras palavras, estão todos sujeitos à mesma inutilidade final, o aniquilamento do sepulcro. Assim, o espírito volta a Deus, mas não há julgamento do homem mau após a morte, nem recompensa para o homem bom. "... não somente todos, incluindo o justo e o sábio, compartilham da mesma distribuição inescrutável e prosperidade *durante* a vida, mas também compartilham da mesma sorte final, *por ocasião da morte,* pois estão todos *mortos"* (Donald R. Glenn, *in loc.*). "... o nada da morte é um fim apropriado para eles" (O. S. Rankin, *in loc.*).

9.4

Para o que está entre os vivos há esperança. A despeito da triste realidade de tudo, os homens apegam-se à esperança como a última coisa que morrerá, pois calculam que é melhor ser um cão vivo que um leão morto. Naturalmente, todo esse raciocínio também é vão. O filósofo nada acrescenta a essa declaração, como se, realmente, nela houvesse alguma esperança. Ele estava apenas observando quão tolamente os homens continuam esperando, a despeito das infelizes evidências contrárias. O leão era o rei dos animais, temido e honrado pelos homens e pelos animais irracionais. O cão selvagem do Oriente (onde não se criavam cães como animais domésticos) era um predador imundo e desprezado. Mas um cão daquela natureza desprezível, se estivesse *vivo,* seria melhor que um nobre leão em adiantado estado de putrefação. Alguns estudiosos reduzem, aqui, essa *esperança* aos pequenos prazeres da vida (vss. 7-10), o falso *summum bonum* da vida humana; mas isso parece distante demais da realidade dos fatos. Os vivos sabem que morrerão e, quando essa esperança morre (vs. 5), eles continuam a esperar por algo melhor. Existem coisas melhores que isso, mas nosso filósofo não acreditava em nada que trouxesse deleite. Ele foi um pessimista do começo ao fim. Não tinha asas para voar, era como um réptil a rastejar pela lama.

> *O tempo, como uma corrente sempre a rolar,*
> *Arrasta consigo todos os seus filhos.*
>
> (Isaac Watts)

> *Abandonai toda a esperança, todos vós*
> *Que entrais aqui.*
>
> (Dante)

Não obstante,

> *A esperança mana eterna, no peito humano. O homem nunca é, mas sempre quer ser abençoado.*
>
> (Alexander Pope)

9.5

Porque os vivos sabem que hão de morrer. Este versículo tem sido erroneamente interpretado como se dissesse que é bom estar vivo, porquanto há real esperança na vida, e aqueles que estão vivos têm expectativas, o que não acontece com os que já morreram. Mas é o contrário que exprime a verdade: esta vida é desesperada e miserável, com uma miséria adicional, "o temor da morte". Mas os mortos pararam de temer, ou pararam com qualquer outra coisa, pelo que têm ao menos essa vantagem. Saber que se deve morrer é um pensamento solene e causa de muita ansiedade. O temor da morte escraviza os vivos (ver Heb. 2.15). Quando minha mãe foi afetada por sua doença final (ela era, então, uma paciente de câncer terminal), disse-me: "Saber que se tem de morrer algum dia não é a mesma coisa que saber que se vai morrer em breve". *Nós* sabemos que existe esperança para além-túmulo, mas o triste filósofo não sabia. Por conseguinte, ele pensava que os mortos, havendo passado para o nada, tinham vantagem sobre os vivos, que viviam em miséria e ansiedade, uma das quais era: "Um dia você terá de morrer".

Os mortos *nada* sabem e não mais recebem recompensas por fazer algo, como sucedia quando estavam vivos. Os mortos estão realmente *mortos* e não ganham mais proveitos. Por outra parte, não há nada que possam perder, porquanto tudo já se perdeu de maneira absoluta. Acrescentando-se insultos à injúria, nenhum homem ao menos lembra aqueles que já morreram. A morte nada é, mas é melhor que viver uma morte em vida.

9.6

Amor, ódio e inveja para eles já pereceram. Este versículo fomenta o pessimismo do vs. 5, adicionando alguns detalhes. Os mortos não fazem nada do que caracterizava sua vida; eles não amam, não odeiam, não promovem outra pessoa, não invejam nem praticam males contra o próximo. Em suma: não compartilham nada que está envolvido na vida humana, pois não têm vida. Este versículo nos leva de volta a vários princípios opostos do vs. 3, isto é, todas as coisas más que os homens fazem, porquanto assim estão *predestinados* pela vontade divina, a qual não pode ser perscrutada. Mas este versículo não pretende injetar, neste quadro lamentável, nenhuma idéia de que o amor e o ódio dos *homens* determinam as coisas, como se essas fossem *causas secundárias* a operar neste mundo. Pelo contrário, toda a seqüência de causa e efeito é obra de Deus. O fim de todas as coisas, entretanto, decreta o nada. Os mortos param de engajar-se naqueles opostos fúteis que governam a vida humana. Ver Eclesiastes 3.1-11, quanto a esse tipo de raciocínio, com maiores detalhes.

A Melhor Coisa (Miserável) que Esta Vida Oferece (9.7-10)

9.7

Vai, pois, come com alegria o teu pão e bebe gostosamente o teu vinho. Temos aqui a conclusão do pessimismo precedente. Os vss. 7-10 reiteram o triste *summum bonum* do filósofo: desfrutemos os pequenos prazeres da vida, porquanto esses prazeres também são vaidade e não têm valor real, ou seja, são o melhor que podemos fazer nesta vida miserável. Esses prazeres ordinários podem aliviar um pouco a agonia da existência humana. Portanto, avancemos e tiremos vantagem deles. Nada mais existe pelo que se deva viver. Há notas expositivas detalhadas sobre esse ponto de vista em Eclesiastes 2.24-25. Ver também Eclesiastes 3.12,22; 5.17 e 8.15. É um equívoco pensar que o mau filósofo terminou como um epicurista. Ele era um niilista que balançava a cabeça na direção do epicurismo (prazeres moderados) como o *summum bonum* da vida, como o *menor dos males* que o homem encontra na vida. Ele já havia demonstrado que o hedonismo (busca desenfreada pelos prazeres) é fútil (Eclesiastes 2.1-

11). Ele valorizava mais o epicurismo (os prazeres moderados), mas não afirmava haver valor real nisso. Quanto à plena compreensão, ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*, os verbetes intitulados *Epicurismo; Hedonismo; Summum Bonum; Niilismo* e *Pessimismo*.

O Uso da Filosofia. Todos os ramos do conhecimento humano oferecem algum benefício. A filosofia é especialmente útil àqueles que estudam a Bíblia e a teologia, visto que muitas áreas se justapõem. Aquele que conhece alguma filosofia compreenderá melhor a teologia. O estudo do livro de Eclesiastes demonstra isso, mas outro tanto faz o estudo da teologia geral. Um teólogo que seja apenas teólogo, ao examinar o livro de Eclesiastes, versículo por versículo, perderá muito do significado do autor sacro, que era um filósofo, e não um rabino comum, meramente um sábio. Portanto, o homem que pode compreender melhor este livro é o teólogo-filósofo que sabe tirar proveito dos dois campos, para explicar os meandros dos pensamentos do nosso triste filósofo. Este é um *livro divertido*, que contém muitas declarações absurdas e afirmações heterodoxas. É divertido descobrir que coisas disparatadas o autor dirá em seguida. Ele diz os seus absurdos de maneira alegre e interessante. O homem mostra-se eloqüente e espirituoso. Ele simplesmente não tinha asas, e manteve-se resvalando em seu meio ambiente lamacento. Mas era um resvalador ágil; era um réptil e não um pássaro, pelo que não devemos desperdiçar tempo tentando transformá-lo em um mestre ortodoxo.

O Pessimismo Antigo e o Pessimismo Moderno. O louco filósofo, que escreveu o livro de Eclesiastes, tinha uma espécie de redenção: o nada da morte. Nesse estado, o sofrimento havia sido interrompido. Schopenhauer, o maior porta-voz do pessimismo moderno, acreditava na *reencarnação!* Por isso ele defendia a horrorosa doutrina de que a *Vontade Louca* (sua divindade) nunca deixava o pobre ser humano escapar. O homem experimentava os mesmos sofrimentos por muitas vezes. A *Vontade Louca* decidiria anular tudo, obliterar toda a vida e existência, depois que se cansasse de algum jogo doentio e repetitivo. Se a *Vontade Louca* fizesse isso, então todas as coisas seriam reduzidas a *nada*, e essa era a redenção pela qual Schopenhauer tanto ansiava.

Alguns dos Pequenos Prazeres da Vida. A partir deste ponto, o infeliz filósofo nos diz o que vale a pena buscar, se você *força-lo* a usar tal expressão: *come* muito, mas não tanto a ponto de ficares doente; *bebe* muito, mas não tanto a ponto de ficares embriagado; desfruta a festa, diverte-te, ri. Poderás fazer todas essas coisas sem temor, porque foi Deus quem te deu essas dádivas e te *destinou* a viveres usufruindo delas. Ele já tinha aprovado a maneira epicurista de viver, como o menor dos males; portanto, não temamos viver dessa maneira. E vamos lembrar que os prazeres mentais são superiores aos físicos, pelo que não devem ser negligenciados.

9.8

Em todo tempo sejam alvas as tuas vestes. Entre os pequenos prazeres da vida estão as *vestes finais*, especialmente no caso das damas. É ótimo vestir-se com vestes excelentes. Roupas absolutamente brancas eram cobiçadas pelos freqüentadores das festas, visto que, com essas vestes, eram ali favorecidos. Ver II Sam. 12.20; 14.2; Sal. 65.8; 104.4; Apo. 7.9. Essa parte do versículo tem sofrido várias interpretações metafóricas: pureza moral, salvação em vestes brancas etc.; mas, na verdade, o autor sacro não estava pensando em coisas sérias como essas. Além disso, óleos fragrantes eram usados nas festas, sendo os pés e a cabeça as principais partes do corpo que recebiam esses ungüentos e óleos. As unções também serviam à pureza e à beleza e, se essas coisas nada significam para nós, eram por demais apreciadas pelos antigos. Ver Sal. 23.5; Luc. 7.46 e Mat. 6.17.

9.9

Goza a vida com a mulher que amas. O *sexo* também é uma coisa boa, numa *vida casada* normal; mas a prostituição e o adultério são truques dos hedonistas; portanto, evita esses excessos, a menos, naturalmente, que Deus te tenha predestinado para esse tipo de vida! Se o filósofo fosse coerente, ele não negaria que a vida de uma prostituta foi aquilo que Deus predeterminou para ela. Ele foi coerente (ver Eclesiastes 3.16), mas não quis confundir o quadro aqui. Pode-se viver uma vida jubilosa com uma boa esposa a quem se ama, mas a totalidade da vida é pura vaidade, e *isso* faz parte da vida. Não obstante, uma boa esposa é uma dádiva de Deus, para ajudar resistir a todas as *outras* coisas vãs. A questão resume-se a dizer: toda a tua *porção* te foi predestinada, pelo que deves suportar tudo da melhor maneira, desfrutando os pequenos prazeres da vida. Se estiveres trabalhando muito, pára ocasionalmente para usufruir algum prazer na vida.

9.10

Tudo quanto te vier à mão para fazer, faze-o conforme as tuas forças. O triste filósofo agora iria completar sua lista dos pequenos prazeres da vida, bons para experimentar e aliviar a miséria geral da existência. Até o *trabalho* pode oferecer prazer, embora exagerem os que trabalham demasiadamente. Os prazeres mentais são os melhores, portanto estudemos e trabalhemos com diligência. Mostremo-nos entusiasmados naquilo que fizermos, aplicando todo o nosso poder, e tudo nos parecerá divertido. Pensemos grande e anotemos tudo no papel, publiquemos livros e artigos, conforme fez o louco filósofo. Seu livro continua a entreter-nos até hoje. Não há fim no fabrico de livros e, quando se fica apegado a isso, poderá parecer interminável e cansativo (ver Eclesiastes 12.12). Não obstante, quando se recebe o dinheiro dos direitos autorais, isso traz benefícios.

O Targum diz-nos que devemos *fazer boas obras* e dar esmolas, práticas valiosas conforme o judaísmo. Obras de altruísmo também dão prazer a algumas pessoas. Se a maioria das pessoas apenas *arranja* dinheiro, poucas desfrutam *dar coisas* a seus semelhantes, tanto de seu tempo quanto de seu dinheiro. Portanto, se esse tipo de trabalho lhe dá algum prazer, então ocupe-se desses empreendimentos.

Conclusão. No *seol* (isto é, no sepulcro) cessam todo o labor e prazer. Os pensamentos também tornam-se impossíveis, porque não há ali mentes para pensar. Não existem esquemas nem maquinações no sepulcro; não há conhecimento nem sabedoria. E, não se esqueça disso, porque é para ali que *você* está indo. Portanto, o que você deve fazer é desfrutar um pouco a vida; e não se olvide dos pequenos prazeres, o *summum bonum* da existência humana, embora, estritamente falando, isso também seja vaidade. Algumas vezes, nas páginas do Antigo Testamento, o *seol* parece significar mais que o sepulcro. Essa doutrina passou por uma longa evolução. Ver Pro. 5.5, quanto a uma breve declaração a respeito. Ver, no *Dicionário, Seol* e *Hades*. Não há que duvidar de que o filósofo estava falando sobre o *seol* como o sepulcro, onde termina toda a existência humana. Ele não acreditava em nenhum tipo de pós-vida, mas não era um ser humano especialmente iluminado. Contrastar isso com Dan. 12.2, onde está em pauta um pós-vida. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Imortalidade*.

Despedida do Discurso do Autor:
Ede (come), bibe (bebe), lude (brinca).
Post mortem nulla voluptas.
Após a morte nada desfrutarás.

Come, bebe e brinca
Enquanto puderes fazê-lo aqui
Pois, em breve, quando a morte
Tirar-te o último suspiro,
Nunca mais verás
Um dia animado.

(Adam Clarke)

Isso é o que nosso triste filósofo nos ofereceu na vida, o que não é muito, para dizer a verdade. Nem o seu conselho é o melhor, pois, como podem os prazeres ser o *summum bonum* da vida, a menos que estejamos falando de prazeres espirituais? Quanto a isso, esse mau filósofo nada tinha para dizer.

De Volta ao Determinismo Absoluto (9.11-12)

9.11

Vi ainda debaixo do sol que não é dos ligeiros o prêmio. Do ponto de vista humano, a própria sabedoria está sujeita a um futuro incerto. Falham todas as habilidades humanas; elas não estão em consonância com nossas expectações. *Cinco* dessas habilidades foram enfatizadas pelo filósofo. A razão pela qual os esforços humanos fracassam é porque a Vontade Divina ordenou as coisas de maneira surpreendente. E, visto que todas as coisas foram predestinadas, e que existem reversões surpreendentes, os caminhos humanos são perturbados.

"Sem a menor sombra de dúvida, o *Koheleth* (o pregador) tinha visto a industriosidade ser recompensada e o gênio ser coroado, mas ele estava mais impressionado pelos inúmeros exemplos de habilidade não-reconhecida, ou de excelência que não deixou a sua marca" (O. S. Rankin, *in loc.*). O que surpreendeu o homem foi quando o destino divino produziu resultados inesperados no labor humano. A sorte divinamente orientada continuamente distorce os planos e as lutas humanas. O que parece ser acaso e caos, na verdade, tem por trás a Vontade Divina, assim as coisas que parecem caóticas só o são para a mente humana. Ver a introdução ao capítulo 3 e Eclesiastes 9.1, quanto ao determinismo divino.

Reversões Humanas:

1. A corrida não é vencida pelos ligeiros, metáfora atlética que fala de qualquer esforço humano prolongado, parecido com uma corrida. Em uma corrida haverá apenas um vencedor, e as pessoas já fazem idéia do homem que é o mais forte e mais habilidoso. Ocasionalmente, surpreendemo-nos nas corri-

das literais, mas, na corrida da vida, podemos ver muitas reversões da fortuna. O suposto homem fraco sai-se vencedor, e o supostamente homem forte fracassa. Cf. Rom. 9.16. Deus é o poder por trás daquele que ganha ou perde a corrida. Ele não se surpreende porquanto já predeterminou o resultado da corrida. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Chance.* Cf. II Sam. 18.22,23 e João 20.4-6.

2. Um exército mais fraco pode vencer a batalha, não por causa da força humana, mas porque a Vontade Divina já determinou o resultado. Ver também quanto às batalhas da vida. Cf. I Sam. 17.47; Sal. 33.16; II Crô. 14.9,11,15.
3. Algumas vezes, falta ao sábio até o pão, e ele padece fome, ou sente falta de outras coisas necessárias à vida diária. Além disso, o insensato tem muito para comer e ganha uma grande herança! A *Providência de Deus* (ver a respeito no *Dicionário*) opera de maneiras inexplicáveis.
4. Esperamos que o homem inteligente ganhe muito dinheiro e, de outras maneiras, seja bem-sucedido em seus empreendimentos. Mas algumas vezes o homem inteligente termina pobre e fracassa em seus labores. Entrementes, um estulto obtém boa sorte, e nem ao menos precisa ser inteligente, porquanto a Vontade Divina assim o ordenou.
5. Há pessoas habilidosas que de alguma maneira falham em seus empreendimentos, ao passo que aqueles que não têm talento conseguem juntar as coisas mediante a boa sorte. O que parece ser mero acaso, na realidade é a providência divina em operação, produzindo coisas surpreendentes.

O tempo e o acaso perturbam os planos dos homens; os tempos estão nas mãos de Deus, que contradiz o tempo do homem. Ver Eclesiastes 3.1. Ademais, aquilo que os homens pensam ser mera *chance,* na verdade é algo determinado pela Vontade Divina. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Chance.* Os tempos dos homens estão nas mãos de Deus (Sal. 31.15). "A chance não é um poder independente de Deus" (Fausset, *in loc.*). Os tempos são ocorrências ou eventos específicos, alguns bons e outros maus, mas todos adrede predestinados.

9.12

Pois o homem não sabe a sua hora. Consideremos estes dois pontos:

1. Existem tempos bons e tempos ruins, isto é, coisas que Deus envia ou que o caos aparentemente nos apresenta, boas e más. Mas se os *tempos* estão nas mãos de Deus (Sal. 31.15; Eclesiastes 3.1), não significa que todos os tempos são favoráveis. Esses tempos serão o que a Vontade Divina determinar, e não o que o homem espera que sejam. Os tempos são ocorrências específicas.
2. Alguns tempos são parecidos com os eventos adversos que acontecem aos peixes. A *rede de pesca* apanha o pobre peixe e ele termina na frigideira. Ou o caçador apanha o animal em sua armadilha e logo atravessa o coração do pobre bicho com uma flecha, para dividir seu corpo, a fim de vendê-lo ou usá-lo. Assim também acontece a homens que são apanhados em *ardis* ou *armadilhas* e tornam-se, por assim dizer, bucha para canhão, tão inutilmente destruídos, por nenhuma razão aparente. Entretanto, é Deus quem está manipulando as redes e as armadilhas, e nenhum ser humano é capaz de defender-se. Os desastres ocorrem de súbito, fatalmente. Isto posto, sucede que os tempos nas mãos de Deus são eventos terrivelmente adversos, que estonteiam os homens. Ver por que os homens sofrem e por que sofrem como sofrem, no artigo chamado *Problema do Mal,* no *Dicionário.*

No vs. 11, o triste filósofo informa-nos que as coisas não saem como esperamos, depois de pesarmos as probabilidades. Agora, ele nos diz que, quando as coisas não acontecem conforme esperamos, usualmente algo de sinistro ocorre. Esse é o ponto de vista lúgubre que o filósofo pessimista projetou. Mas, então, devemos compreender que Deus está por trás de tudo. Não nos admira que, para os pessimistas, a redenção se encontre no nada da morte (ver Eclesiastes 3.18-20).

Emerson tinha um pedido muito humilde: "Dá-me saúde e um dia em que eu torne ridícula a pompa dos imperadores" (*Natureza,* capítulo 3). Com isso, ele quis dar a entender que uma coisa supostamente simples, como *gozar* boa saúde e ser capaz de desfrutá-la um dia, é mais do que os imperadores têm, pois eles, inevitavelmente, caem em calamidade. Cf. Pro. 7.23; Eze. 12.13 e Osé. 7.12.

A Sabedoria é Forte, mas por Muitas Vezes é Negligenciada e Não é Recompensada (9.13-18)

9.13

Também vi este exemplo de sabedoria debaixo do sol. A sabedoria era muito procurada, e os que se especializavam nela eram homens bons. Mas, mesmo confessando que a sabedoria, ao que tudo indica, é algo bom, isso não elimina as muitas dificuldades que cercam a questão. O triste filósofo já havia demonstrado a vaidade da sabedoria (ver Eclesiastes 2.12-17). Ele mesmo havia mostrado que seus esforços heróicos por obter a sabedoria não tinham rendido muito, nem recompensaram outros homens que concentraram nela sua atenção (Eclesiastes 8.15-16). Agora, ele apresenta uma série de declarações que mostram quão fraca e geralmente imperfeita é a sabedoria.

A Parábola da Pequena Cidade (9.14-15)

9.14

Houve uma pequena cidade em que havia poucos homens. Sim, a cidade era pequena, mas contra ela se atirou um grande e poderoso rei. O poder do exército da pequena cidade era como nada, mas o do rei era muito grande. Portanto, se a cidade tivesse de sobreviver, precisava de *sabedoria.* Estão totalmente fora de lugar, aqui, as interpretações fantasiosas que dizem que a pequena cidade é o corpo humano, atacado por concupiscências; ou, então, que ela representa a igreja, atacada por inimigos poderosos e ferozes. Ademais, é vão tentar encontrar na história uma situação equivalente. A história tem muitas instâncias em que forças armadas inferiores derrotaram forças superiores, através de planos astutos.

9.15

Encontrou-se nela um homem pobre, porém sábio. O filósofo não se dá ao trabalho de contar-nos qual o estratagema esperto que o homem sábio, mas não humilde e insignificante, usou, e que salvou a cidade, porquanto ele falava sobre um acontecimento histórico. Ele estava meramente ilustrando as fraquezas que circundam a questão da sabedoria. Para nós, basta constatar que a sabedoria se mostrou eficaz, embora não tivesse sido devidamente apreciada. O povo mostrou-se egoísta e negligente. Uma vez que a segurança deles foi garantida pela sabedoria do homem humilde, prontamente o esqueceram. O pobre homem não obteve fama alguma pelo que fizera, nem recompensa; seu exercício de sabedoria fora inteiramente vão, quanto a ele mesmo. Por conseguinte, temos aqui outra ilustração do princípio de que "tudo é vaidade". O valor da sabedoria pode ser anulado pelas circunstâncias e pelas fraquezas humanas.

9.16

Então disse eu: Melhor é a sabedoria do que a força. É verdade que a sabedoria é melhor do que a força física, mas isso não significa que os homens passarão a apreciar a sabedoria, que pode ser *desprezada* e não aplicada por homens insensíveis e ímpios. O autor, pois, falava sobre a *inutilidade* da sabedoria, segundo certo ponto de vista. Ele deixou de lado o fato óbvio de que aquele pouco de sabedoria beneficiou a cidade inteira, que obteve retumbante sucesso. Mas ele acaba mostrando que, para o humilde homem sábio, a sabedoria não teve valor. Esse era o *fato* que ele estava ilustrando. Ele não estava aplicando outros "fatos" possíveis ao caso; ele falava de sua própria experiência pessoal. Para ele, o pobre homem sábio, tinha ficado demonstrado que a sabedoria é apenas outro elemento da vaidade generalizada (Eclesiastes 2.12-17); pessoalmente, ele não tinha conseguido tirar grande proveito da sabedoria (Eclesiastes 8.15-16), e não pensava que outros sábios tivessem tirado melhor proveito que ele. Aben Ezra (*in loc.*) supõe que o fato de outros indivíduos não apreciarem a sabedoria do pobre homem não significa que ele próprio também a desprezasse; mas isso já é o oposto do que o triste filósofo procurava transmitir. Ele não apreciou sua própria sabedoria, se é que tinha alguma. Por que haveria de querer que outros homens a apreciassem?

9.17

As palavras dos sábios, ouvidas em silêncio. Alguns estudiosos fornecem um esboço de mudança aqui, deduzindo que Eclesiastes 9.17–10.20 contenha *diversas máximas* sobre a sabedoria. Esse grupo de intérpretes pensa haver, nesse trecho, várias interpolações feitas por um editor piedoso, que tentou tornar mais aceitável, à audiência judaica, a filosofia pessimista de nosso filósofo. Os versículos de Eclesiastes 9.17–10.1 dizem que o valor da sabedoria pode ser anulado pela insensatez, o que significa que, freqüentemente, a loucura é mais forte que a sabedoria. Isso exibe, uma vez mais, a inerente fraqueza daquilo a que chamamos de sabedoria, e diminui seu valor aparente. Ou, então, podemos considerar Eclesiastes 9.17-18 e 10.1 como máximas distintas e autocontidas sobre a alegada sabedoria.

O vs. 17 informa-nos que a sabedoria, embora insignificante e desprezada pelos homens, é melhor (mesmo quando ouvida no silêncio) que os gritos dos homens profanos, incluindo governantes que se associam aos tolos. Presumivelmente, esse rei está dando a seus súditos instruções e ordens e, mediante gritos, enfatiza o que quer dizer. Henry Ward Beecher, famoso pregador do passado, confessou que, quando tinha pouca coisa a dizer, encobria o fato com um sermão crivado de altas exclamações. O insensato dirige discursos bombásticos a seus seguidores; o pregador que prega aos gritos tenta impressionar seus ouvintes com o volume do som de suas exortações, em vez da grandiosidade de pensamento, como se isso demonstrasse sabedoria. De fato, um pensamento grandioso será como um relâmpago, mesmo que dito tranqüilamente. O Targum fala das *orações silenciosas* dos sábios, que eram ouvidas e se tornavam eficazes, ao passo que os gritos dos estultos não impressionavam a Deus.

9.18

Melhor é a sabedoria do que as armas de guerra. Esta máxima nos reconduz à parábola da pequena cidade (vss. 14-15). A sabedoria é mais poderosa que os armamentos de um grande rei. Foi a sabedoria que deu a vitória à pequena cidade. Mas os pecadores, ou mesmo um único pecador, podem anular as propriedades beneficentes da sabedoria. Esta passa despercebida, sem aplicação, e é até mesmo desprezada pelos insensatos, e tal circunstância ilustra sua fraqueza, colocando a sabedoria dentro da classificação geral de "tudo é vaidade" (Eclesiastes 1.3). Um bom caso ilustrativo deste versículo é o de Acã e sua ganância, que prejudicou a comunidade inteira de Israel e anulou a sua força (ver Jos. 7.1,11-12).

Este versículo tem sido cristianizado para apontar a destruição da alma, e também os atos de Satanás, que prejudicam a igreja; mas tais idéias são, quando muito, meras aplicações do texto. A versão siríaca fala de como o pecado destrói muita coisa, e isso é algo que pode ser observado diariamente. Portanto, onde está a sabedoria? Está sendo anulada pelos pecados e pela insensatez, e isso demonstra sua fraqueza e, com freqüência, sua inconseqüência; isso nos dá razões para identificar a sabedoria com a mesma classe de todas as outras coisas.

Capítulo Dez

As Desordens e Frustrações da Vida Ilustram a Vaidade (10.1-20)

Este capítulo continua a série de máximas de nosso filósofo, algumas das quais concordam com sua filosofia pessimista, e outras que não concordam, podendo ser adições do editor piedoso que tentou fazer os ensinos do filósofo se ajustarem à ortodoxia padronizada dos hebreus. O triste filósofo não era um mestre comum da escola de sabedoria. Ele era um renegado que gostava de ser diferente e dizer coisas grotescas (de acordo com a avaliação da ortodoxia).

10.1

Qual a mosca morta faz o ungüento do perfumador exalar mau cheiro. O óleo da *unção* era usado para ungir profetas, sacerdotes e reis; ou seria aquele óleo muito prezado para ungir as pessoas que iam às festas (Eclesiastes 9.8); ou, então, podia ser usado privadamente, para limpeza, embelezamento ou medicamento. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Azeite*. Seja como for, tanto os ungüentos quanto o azeite de oliveira eram considerados coisas boas.

Perfumes. Tanto os homens quanto as mulheres usavam perfumes nos dias bíblicos. Esses extratos eram feitos de especiarias de vários tipos e pétalas de flores esmagadas. Os elementos básicos eram misturados com azeite, e o produto final era conservado em garrafas feitas de pedra. Ver no *Dicionário* os detalhes do artigo chamado *Perfume*. No entanto, se penetrassem moscas em um vaso de perfume e elas morressem, todo o ungüento precioso se corromperia e já não prestaria para nada. Assim acontece à sabedoria. Ela é tão facilmente corrompida, que se torna inútil, transformando-se em apenas outro elemento do nada generalizado (Eclesiastes 1.3). Os ungüentos tinham excelente odor, mas as moscas mortas, que porventura neles houvesse, os faziam exalar mau cheiro. Assim também, uma vez corrompida, a sabedoria cheira mal e torna-se inútil. O indivíduo pessimista provavelmente estava dizendo-nos que as escolas de sabedoria eram lugares que exalavam mau cheiro, e os mestres que havia nelas com freqüência anulavam todos bons elementos mediante seus defeitos e pecados pessoais. Aqueles que tinham a reputação de homens sábios e honrados podiam cair em desgraça. "Um pouco de insensatez destrói a mais escolhida sabedoria" (O. S. Rankin, *in loc.*). "Não se pode considerar um indivíduo seguro, enquanto ele não chega ao paraíso de Deus" (Adam Clarke, *in loc.*). Um bom nome ou a reputação de alguém eram muito importantes para os homens das escolas de sabedoria. Mas tudo quanto defendiam podia ser reduzido à mera vaidade, por um pouco de estultícia.

10.2

O coração do sábio se inclina para o lado direito. Este versículo pode ser comparado a Mat. 25.33, onde os lados direito e esquerdo simbolizam o homem bom e o homem mau, respectivamente. O *homem interior* do sábio inclina-o para o bem, mas o coração do insensato verga-se para o mal; isso é um truísmo, concorda-se, mas nem por isso deixa de ser verdadeiro. Ver no *Dicionário* e em Pro. 4.23 artigos sobre *Coração*. Está em pauta o caráter de um homem, aquilo que um ser humano é em sua mente e em seu coração: a essência ou ausência de espiritualidade. A mão direita é o lugar da proteção e do poder (ver Sal. 16.8; 110.5; 121.5). Ver sobre a *mão direita de Deus*, em Sal. 20.6. Esse contraste entre a mão direita e a esquerda, sem dúvida alguma, se originou no fato fisiológico de que, usualmente, a mão direita de um homem é mais poderosa, habilidosa e digna de confiança que a mão esquerda. Por certo, se canhoto apenas complica as coisas e é tido como desvantagem. O Targum faz o homem bom inclinar-se para a lei, mas o insensato, para as coisas terrenas, como as riquezas, o poder e a posição social. O manual usado nas escolas de sabedoria, a legislação mosaica, era fomentado e interpretado pelas declarações de sabedoria. A despeito das qualidades superiores da sabedoria, grande parte é anulada pelas inclinações perversas dos insensatos.

10.3

Quando o tolo vai pelo caminho, falta-lhe o entendimento. Um homem estulto, seguindo seu próprio caminho ou apresentando-se como um sábio que segue pelo caminho direito, a vereda da lei, por suas ações, revela aquilo que realmente é, e todos podem perceber claramente seu verdadeiro caráter. Ver Pro. 4.11, quanto à *metáfora da vereda;* ver Pro. 4.27, quanto aos caminhos contrastados do homem bom e do homem mau. Consultar no *Dicionário* o artigo chamado *Caminho*. O estilo de vida de um homem, e muitos de seus atos individuais, revelam seu verdadeiro caráter, e isso mostra que os homens que anularam a sabedoria são insensatos.

10.4

Levantando-se contra ti a indignação do governador. A essência dessa declaração é que, algumas vezes, a transigência é necessária, sendo um ato mais sábio do que "tentar defender os nossos direitos" em todos os casos. Cf. Eclesiastes 8.1-9. O rei é o homem que brande o poder. Ele já havia matado, e mataria de novo. Faria vítimas, daqueles que se opusessem a ele. Não corra dele "para viver e lutar por mais um dia". Pelo contrário, ceda diante do homem e negocie o quanto puder. Se você não puder negociar, a rendição total é melhor que a morte. Seu ato de ceder poderá pacificar o atacante. O conselho é prático e pragmático e seria aplicado às situações da vida de muitas pessoas, e não meramente em tempo de guerra. Esse é o tipo de conselho que Jeremias deu à nação de Judá, quando atacada pela Babilônia. Alguns estudiosos pensam que o rei aqui é o próprio rei do indivíduo, enquanto o homem que cede é um dos oficiais do rei. Se assim realmente o era, então o versículo é paralelo a Eclesiastes 8.1-9. Nesse texto, o pragmatismo é declarado melhor, em alguns casos, que a moralidade. O que funciona é a "verdade", com freqüência melhor que a "verdade pura", que não funciona ou traz algum mau resultado. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Pragmatismo*. O triste filósofo era, sem dúvida, um pragmatista, quando isso lhe prometia melhores resultados que ser um moralista. Naturalmente, a maioria dos homens conduz sua vida dessa maneira, a despeito do que sejam seus códigos éticos. O mais provável é que muitos estudantes das escolas de sabedoria estivessem treinando para o serviço governamental. Eles aprenderiam, mediante a dura experiência, a transigir e ceder diante de poderes superiores, tendo em vista a sobrevivência e o avanço em direção aos objetivos. Sempre será bom agradar poderes que possam prejudicar ou beneficiar. Os idealistas não perdurarão por longo tempo no governo. *Pragmatismo* é o nome desse jogo.

10.5

Ainda há um mal que vi debaixo do sol, erro que procede do governador. O governo também é pleno de acontecimentos e reversões estranhos (ver Eclesiastes 9.11-12). Ali há males paradoxais. O erro se origina no rei, que contradiz todo o bom senso e toda a boa expectação. Existem levantes e acusações acerca de coisas piores que, com freqüência, revelam algo defeituoso no próprio governo. O rei pode ser a fonte dos problemas que vão surgindo, e isso é contra a boa liderança. O oficial, em vez de ser recompensado pelo serviço fiel, pode ser prejudicado, demovido ou removido de seu ofício. Homens inferiores podem tomar o seu lugar. Não há dúvida de que o filósofo havia sofrido tais reversões da sorte, pelo que sabia do que estava falando, com base em sua experiência pessoal. Tais acontecimentos tomam lugar no *não* geral deste mundo miserável, que está cheio de erros prejudiciais. Tudo faz parte da vaidade geral que afeta todas as coisas (Eclesiastes 1.3).

Alguns eruditos interpretam o governante aqui como Deus, o qual, em Sua inescrutável providência, parece cometer erros e ser a fonte do caos. Se esse é *o* sentido (ou *um* dos sentidos possíveis), então o presente versículo é paralelo a Eclesiastes 3.1-11 e 9.2,11-12. Essa pode ser uma aplicação do texto, mas dificilmente é o que ele está ensinando.

10.6

O tolo posto em grandes alturas. Os insensatos, detrimentos para o reino, são exatamente os que terminam sendo exaltados. Mas os ricos, dotados de poder e influência, terminam em lugares inferiores. No governo, qualquer coisa pode acontecer. Não há como predizer essa questão. Algumas dessas reversões podem ser boas, como quando os insensatos caem, mas usualmente a questão se torna cada vez pior. Alguns eruditos pensam que "ricos", neste caso, signifiquem "ricos em sabedoria", ou seja, pessoas dotadas de nível superior. São essas pessoas que terminam humilhadas e ocupando lugares inferiores. Isso fornece um sentido melhor do que uma avaliação pessimista do que acontece nos governos. Os *ricos*, ao que se presume, chegaram a isso obedecendo à legislação mosaica e recebendo recompensa da parte de Deus. Isto posto, em um

sentido bem frouxo, os ricos é que são os sábios. Pelo menos, isso está de acordo com uma situação ideal.

10.7

Vi os servos a cavalo, e os príncipes andando a pé. As *reversões* incluem a exaltação dos escravos a altas posições, pelo que montam em cavalos brancos destinados aos dignitários. Em seguida, os príncipes terminam a pé, ao lado dos cavalos, reduzidos à posição de escravos. A inescrutável providência de Deus é razoável diante dessas mudanças inesperadas e indesejáveis (ver Eclesiastes 3.11-12). Ver Pro. 19.10 e 30.22, passagens paralelas diretas do presente versículo. O que era ultrajante para o livro de Provérbios, para o triste filósofo, eram atos primários da providência divina insondável. "O mundo vira de ponta-cabeça; os indignos são exaltados (ver Jer. 17.25). Lembre-se o leitor de como Davi fugiu de Jerusalém, a pé, enquanto o traiçoeiro Absalão se sentou no trono (II Sam. 15.30)" (Fausset, *in loc.*). *Lição:* A sabedoria dos governantes fracassa.

10.8

Quem abre uma cova, nela cairá. *Ilustrações sobre Outras Situações Inesperadas.* O caçador emprega redes e armadilhas para cumprir seus desígnios. Ele também cava buracos para apanhar os infelizes animais, ao longo dos trajetos que eles tomam para chegar até a água. Porém, em um momento de descuido, o próprio caçador cai no buraco que cavou. Ele morrerá ali, de fome e sede, enquanto os animais irracionais continuarão felizes, por seu caminho, a beber água. Essa é uma vívida ilustração do que pode acontecer na vida de qualquer homem. Seus planos fracassam, ele adoece e morre. Ninguém pode evitar as armadilhas da vida, todos estamos sujeitos à calamidade.

Ou, então, um homem que está derrubando um muro, a fim de construir outro melhor, acerta no ninho de uma serpente e é picado por ela. Ou, ainda, um soldado surge por trás de um muro, mas, em vez da flecha do inimigo, encontra uma serpente! Talvez seja o muro de um vizinho que o homem esteja transpondo, nesse caso merece a mordida da serpente. Não obstante, tudo está predestinado pelo Deus voluntarista, que não sofre surpresas em Seu governo absoluto, mas continua a surpreender o homem humilde, por meio de Seus relâmpagos. Essa é a filosofia que o triste e louco filósofo promovia, sem nunca pensar que causas secundárias provocam confusões neste mundo. Ver a introdução ao capítulo 3. As situações contrárias de Eclesiastes 3.1-11 também foram preordenadas por Deus, que exerce controle absoluto sobre todas as coisas, sendo a Causa Única de tudo, até mesmo do mal. Portanto, a vida humana consiste em pura vaidade; não se pode ter certeza de nada. *Lição:* a sabedoria do caçador fracassa.

10.9

Quem arranca pedras, será maltratado por elas. Também temos o caso do homem que trabalha nas pedreiras. Um dia, ele sai ferido ou mesmo esmagado por uma das pedras que estava cortando, ou seja, ele destrói a si próprio. A mesma tragédia pode acontecer ao madeireiro que é esmagado por dois troncos entre os quais descia corredeira abaixo. Ou, então, o lenhador pode ferir-se brandindo o próprio machado. Há muitas reversões ridículas e tragédias estúpidas, de acordo com as estimativas humanas. Mas Deus está por trás de tudo. Deus pode ter ou não um plano; talvez Ele faça as coisas mediante puro capricho de Sua vontade, sem razão evidente. Quem pode dizer a verdade? Quem pode perscrutar o que Deus está fazendo? Mas podemos ter certeza (conforme diz o filósofo pessimista) de que Deus está por trás de todas essas tragédias aparentes e ridículas. Assim sendo, quando os homens dizem: "Senhor, tem misericórdia de mim", estão dizendo algo bastante significativo. Sem a misericórdia divina, nenhum homem suportaria a vida por muito tempo. Por outro lado, talvez Deus tenha predeterminado a misericórdia em uma situação, mas o desastre em outra. Por conseguinte, a vida humana é vaidade e termina no nada absoluto. O homem saiu do pó e a ele voltará; o que acontece entre esses dois extremos não é muito encorajador. Ver Eclesiastes 3.18-20. *Lição:* vários tipos de sabedoria fracassam.

10.10

Se o ferro está embotado e não se lhe afia o corte, é preciso redobrar a força. A sabedoria é como o fio dos ferros de cortar. Sem um bom fio, é preciso muito mais esforço para que o corte seja feito. Os homens usam um rebolo para afiar machados, a fim de torná-los instrumentos mais cortantes. Portanto, a sabedoria é como um instrumento de bom corte, aplicado a muitas situações. A sabedoria pode facilitar as coisas, mas não resolve grandes mistérios. Ela pode ser pragmática, isso é tudo quanto devemos esperar dela (ver Eclesiastes 8.16-17, quanto às suas limitações). A sabedoria tem a vantagem de conferir sucesso em algumas situações.

10.11

Se a cobra morder antes de estar encantada, não há vantagem no encantador. Um *encantador de serpentes* mostra-se muito confiante em relação à sua cobra; certamente ela não o picará. Muitas vezes ele já encantou a serpente, antes de iniciar sua apresentação. Mas um dia a cobra ataca subitamente, antes de estar encantada, e o pobre encantador de serpentes cai fulminado pelo veneno do réptil. A situação do encantador mordido pela serpente equivale à do homem que trabalha nas pedreiras e morre esmagado por uma das pedras que cortava, ou à situação do lenhador que foi golpeado pelo próprio machado. Coisas ridículas acontecem aos homens, enquanto "viajam do pó ao pó" e desaparecem no olvido. Quando um infeliz encantador de serpentes é picado antes de o animal estar encantado por seu balbuciar ininteligível, em um dia crítico, de nada adiantou sua habilidade.

O Significado: A Sabedoria é Considerada um Bem Valioso. O homem que corta pedras tem sabedoria para tal; o lenhador tem sabedoria para cortar madeira; o encantador de serpentes tem sabedoria para encantá-las; mas todas essas modalidades de sabedoria podem fracassar. Isso ilustra a tese do triste filósofo sobre a vaidade de todas as coisas, inclusive a da sabedoria. Isso posto, o indivíduo, em sua escola de sabedoria, pronunciando grandiosos e sábios ensinamentos, também pode enfrentar o fracasso, pois estará levando a si mesmo muito a sério. Ele não pode solucionar todos os problemas práticos da vida e muito menos sondar os mistérios mais profundos. Cf. este versículo com Eclesiastes 12.13: "Quem terá compaixão do encantador que foi picado pela serpente?". Ver também Jer. 8.17. O encantamento de serpentes era uma habilidade comum no Oriente e nunca deixou de atrair uma multidão de curiosos, que queriam observar a "maravilha". Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Encantamento de Serpentes.*

10.12

Nas palavras do sábio há favor. O *louco filósofo* tinha acabado de demonstrar que a sabedoria pode fracassar, por meio de uma série de ilustrações extraídas de diferentes profissões. O versículo parece tentar impressionar os leitores com essas circunstâncias e pode ter sido a adição de um editor piedoso, que buscou tornar o tratado do filósofo mais aceitável aos leitores judaicos. Se este versículo não é um trabalho de solidificação, então meramente admite que o mestre na escola de sabedoria era realmente melhor do que um estulto, e tinha mais com que contribuir, embora não fosse maior solucionador de problemas. Nem era ele tão grande quanto se julgava. Uma das vantagens das palavras do sábio é que elas "conquistam favor para ele" (Revised Standard Version), enquanto o insensato destrói a si mesmo com seus muxoxos. Os vss. 12-14 dão algumas declarações sobre o uso impróprio da linguagem. Cerca de cem provérbios (no livro de Provérbios) abordam o mesmo tema. Quanto a ilustrações e comentários, ver notas expositivas de sumário em Pro. 11.9,13 e 18.21. No *Dicionário*, ver o verbete denominado *Linguagem, Uso Apropriado da.*

10.13

As primeiras palavras da boca do tolo são estultícia. Em contraste com o uso judicioso das palavras por parte do sábio (vs. 12), o insensato começa e termina com puras bobagens. Assim que começa, já se percebe que ele está derramando tolices de sua boca. Talvez ele esteja falando sobre os deleites dos prazeres, sobre a sua maneira de viver; talvez esteja tentando imitar um sábio e dizer coisas de peso. Sua fala, entretanto, resulta somente em desvario. Se ele tiver falado sobre a solução de problemas, suas sugestões serão destrutivas e inúteis. Ele chega a aconselhar seus semelhantes a fazer coisas moralmente erradas, para obter alguma vantagem. Se ele for um político, ocultará seus verdadeiros sentimentos e tentará iludir os ouvintes com sua conversa enganadora. Essencialmente, ele é um destruidor de si mesmo e de outras pessoas (vs. 12). Essa é apenas outra ilustração da vaidade generalizada que governa todas as coisas neste mundo miserável.

10.14

O estulto multiplica as palavras. Embora cheio de palavras que parecem levar à destruição, o insensato nunca desiste. Ele aumenta mais e mais suas declarações, *multiplica suas palavras,* mas é fraco em suas atitudes. Ele chega a predizer "o que provavelmente acontecerá", embora sem real discernimento. Nenhum ser humano sabe o que o futuro lhe reserva, especialmente o estulto que é um *grande pretensioso.* Nenhum homem pode afirmar, com confiança, o que acontecerá depois que ele for embora, quem governará, quem será derrubado, quem prosperará, quem sofrerá perda. Um insensato fingirá conhecer tudo sobre o presente e o futuro, mas nem um sábio conhece muitas coisas em nenhuma dessas áreas (ver Eclesiastes 8.16-17). O nosso filósofo pessimista poderia afirmar que qualquer indivíduo é insensato, mesmo se tentar grandes coisas ou se tiver a reputação de ser sábio. O insensato afirma que sabe de tudo, do presente e do futuro, e nem ao menos conhece o caminho para a cidade na qual vive (vs. 15). O homem genuinamente sábio dirá poucas palavras, cuidadosamente escolhidas.

10.15

O trabalho do tolo o fatiga, pois nem sabe ir à cidade. Um insensato fala muito, mas, quando se trata de agir, falha miseravelmente. O pequeno esforço

que ele faz o deixa exausto e, assim, ele nem chega a ir à cidade. Ou, então, o sentido dessa declaração é que, apesar de sua grande labuta, ele nem chega à própria cidade ou a alguma outra vila onde pretenda chegar. "Essa é uma expressão proverbial de extrema ignorância, algo parecido com o provérbio moderno: 'Ele não sabe o bastante ao menos para sair da chuva'. Essa é a razão pela qual um estulto acha seu trabalho tão cansativo, esse trabalho *o cansa*" (Donald R. Glenn, *in loc.*). Cf. este versículo com Isa. 35.8. "Ele talvez trabalhe, mas por falta de bom juízo, se cansa sem propósito" (Adam Clarke, *in loc.*). Um homem insensato nunca tem alvos definidos e, mesmo que os tenha, não sabe por qual caminho deve enveredar.

10.16

Ai de ti, ó terra, cujo rei é criança. *Liderança Faltosa.* Consideremos os seguintes pontos:

1. *Pode estar em foco uma criança, literalmente falando, um jovem imberbe* e inexperiente que subiu ao trono prematuramente.
2. Mas também pode estar em foco um homem que age como criança, destituído de sabedoria e desqualificado para a posição de rei.
3. Ou podemos pensar ainda em um homem de berço humilde, como um escravo sem *know-how* para o cargo, que chegou ali pelo poder militar ou por algum outro dessa natureza. Ver Pro. 19.10; 30.22 e o vs. 7 do presente capítulo, "o escravo montado a cavalo". Ai da terra que tem esse tipo de rei. Calamidade seguir-se-á à calamidade. Nesse país as coisas mergulharão em um estado de caos geral.

Ali os príncipes se "banqueteiam já de manhã". Eles farão coisas erradas no tempo errado, transformando dias em noites, e noites em dias. Estarão mais interessados nos prazeres triviais do que em governar bem. Naquele país, todos os governantes serão apenas um bando de idiotas, pelo que ai de qualquer país que for governado por eles, pois fazem parte da vaidade generalizada (ver Eclesiastes 1.3). Esse *rei criança* é contrastado com o nobre bem nascido, referido no vs. 17; e isso pode subentender que estamos frente a frente com um rei-escravo, de humilde nascimento, que chegou à sua posição por algo que não foi a sabedoria. Cf. II Sam. 16.1 ss. O Targum aplica este versículo a Jeroboão.

10.17

Ditosa tu, ó terra, cujo rei é filho de nobres. *Boa Liderança.* Em contraste com o rei criança do versículo anterior, temos o nobre rei que é sucessor na linhagem legítima dos reis, de pai para filho. Esse homem será considerado sábio e terá *know-how*. Então o seu país será beneficiado e será feliz. Seus príncipes não se banquetearão logo pela manhã, como o fazem os suboficiais do rei-escravo. Pelo contrário, eles conservam as coisas em boa ordem; comem no tempo devido; dormem quando é hora de dormir. Usam devidamente suas habilidades e não dissipam suas energias na bebedeira, o que é especialmente desprezível no caso de governantes. Eles fazem as coisas decentemente e em ordem para obter forças e, assim sendo, governam com entusiasmo e aptidão. Comem para adquirir forças, e não para debochar. Os egípcios não permitiam que seus reis fossem beberrões. Eles só podiam beber certa quantidade de vinho por dia (Plutarco, *de Isir,* em princípio). Entre os indianos, um rei beberrão era considerado uma desgraça especial. Uma rainha que matasse um rei beberrão (seu marido) era recompensada, tornando-se a esposa de seu sucessor (Estrabão, *Geografia* 1.15, parte 488). Platão observou que seria uma coisa absurda se um guardador (governante de uma cidade-estado) precisasse de alguém que o guardasse (isto é, cuidasse do governo quando ele estivesse embriagado). Isso seria contrário a toda lei e bom senso (*De Republic.* 1.3, parte 621). Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Beber, Bebida* e *Bebedice.*

10.18

Pela muita preguiça desaba o tecto. *Contra a Preguiça.* Cf. este versículo com Pro. 6.6; 19.15; 24.30-34. Ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Preguiça* e *Preguiçoso.* Você pode ter construído um belo edifício, ou pode estar morando em uma excelente residência, mas, se você for uma pessoa preguiçosa, a edificação se desintegrará, e sua beleza será maculada. E o mesmo se aplica a qualquer condição ou empreendimento na vida. O telhado enfraquecerá e terá goteiras. É por causa de *mãos preguiçosas que acontecem fatos dessa natureza.* É preciso diligência para que as coisas sejam feitas e mantidas com dignidade. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Trabalho, Dignidade e Ética do,* e *Labor.*

10.19

O festim fez-se para rir. Há alguma utilidade nas festas, no riso e na diversão, se tudo for feito no tempo certo (em contraste com o vs. 16b) e da maneira correta. De fato, os pequenos prazeres da vida são o *summum bonum* da existência humana, embora esse valor, como todos os demais, seja um falso valor. Ver notas expositivas em Eclesiastes 2.24-25. Porém, existe um valor maior ainda que o das festas: o *dinheiro!* E esse valor é bom para todos os propósitos. O dinheiro é como um *sexto sentido,* sem o qual não se podem provar os outros cinco. O dinheiro é necessário para promover os pequenos prazeres da vida e quase o tudo que se quiser fazer. A New English Version traduz este versículo como segue: "A mesa tem seus prazeres, e o vinho perfaz uma vida animada, mas o dinheiro está por trás de tudo".

O dinheiro é a resposta para tudo. "Esta declaração tem prevalecido por toda a parte" (Adam Clarke, *in loc.*). Tal afirmação pode referir-se especialmente aos governantes que vivem de acordo com ela: "Tendo dinheiro, eles podem ter o que quiserem. Todas as coisas podem ser compradas com dinheiro, e isso resolve todos os problemas. Portanto, eles aceitam subornos para sustentar suas extravagâncias, e daí derivam-se muitos males (vss. 5-6). Cf. com Isa. 1.23. Lembre-se dos impostos pesados de Roboão, dos quais resultou a perda das Dez Tribos do Norte: Israel" (Adam Clarke, *in loc.*).

10.20

Nem no teu leito amaldiçoes o rei. *Discrição em Todas as Coisas.* O rei é o homem que tem nas mãos as questões da vida e da morte. Até os seus oficiais têm de ser cuidadosos com ele e não se rebelar contra as suas ordens (Eclesiastes 8.1-5). Talvez este versículo seja outro conselho para tais homens, ou, então, um conselho geral. O braço do rei pode estender-se e atingir qualquer um que fale contra ele, no reino. Por conseguinte, não amaldiçoe o homem poderoso, nem mesmo em pensamentos. Alguém poderia captar essa mensagem telepaticamente ou, em um momento de descuido, você poderia falar para si mesmo em voz audível. Então, mesmo na privacidade de seu dormitório, você não deve falar contra o rei ou contra homens ricos e poderosos que poderão prejudicá-lo. Não *amaldiçoe,* não faça críticas pesadas. Se você fizer esse tipo de crítica, um pássaro poderá ouvir e contar ao rei. Ou esse pássaro esperto poderá informar autoridades menores que o rei. "As aves são consideradas, desde a antiguidade, possuidoras de conhecimento sobrenatural. Elas podem propiciar acontecimentos iminentes" (G. H. Box, comentando sobre Esd. 5.6). Assim sendo, apesar de o autor sagrado exagerar o papel dos pássaros, ele estava dando conselhos práticos e sérios. O autor sagrado não estava pensando literalmente em um pássaro, como se estivesse falando da jumenta de Balaão. Ele falava, poeticamente, sobre algum transmissor *inesperado* de informações, alguma fonte desconhecida que pudesse repetir coisas indiscretas ditas por alguém. Um *informante* poderia estar *ouvindo as suas palavras-chave. Ele seria essa "criatura alada" que sairia voando* para contar o que você disse.

Capítulo Onze

Jovens e Idosos Demonstram a Inutilidade das Coisas (11.1–12.8)

A Necessidade de Ação (11.1-8)

É melhor trabalhar com diligência, mesmo que não se saiba o que o futuro reserva. Eclesiastes 9.1–11.6 oferece (entre outras coisas) várias declarações sobre a ignorância acerca do futuro. As palavras "não sabes" são repetidas aqui por três vezes, nos vss. 2, 5 e 6. A incerteza do futuro deveria paralisar um homem e deixá-lo inativo. Mas manter-se ativo e aparentemente produtivo é inútil, já que toda a atividade humana é vaidade. Deus é a Causa Única, e tudo quanto acontece foi determinado de antemão por Ele. Ele fez com que os esforços humanos fossem inerentemente vãos, mas não sabemos dizer por que as coisas são assim. Não devemos permitir que essa idéia nos paralise, igualmente. Desfrutemos os pequenos prazeres da vida, o *summum bonum* da existência humana, embora isso também seja apenas um falso valor. Tão-somente, saiamos e façamos o que pudermos, sem nos preocupar com grandes problemas morais e filosóficos. A vida inteira está envolta em mistérios e, até hoje, ninguém foi capaz de perscrutar esses mistérios (Eclesiastes 8.16-17). Se a vida humana tem alguns valores verdadeiros, talvez algum dia Deus tenha por bem, em sua maneira todapoderosa, permitir-nos ver isso. Entrementes, continuemos trabalhando por qualquer bem que isso envolva. Contudo, o triste e louco filósofo talvez estivesse querendo afirmar que os seres humanos não estão envolvidos em nada de valor *autêntico e duradouro. É inútil tentar corrigir a sua filosofia e transformá-lo em um* mestre ortodoxo, porque de ortodoxo ele *não tinha nada.*

11.1

Lança o teu pão sobre as águas. *Generosidade e Investimento.* A *interpretação espiritual* deste versículo é contribuir para bons empreendimentos, tanto com dinheiro como com esforço pessoal; é ser generoso para com os que padecem necessidades; é pagar salários decentes àqueles que se esfalfam no trabalho do Senhor. E então em harmonia com a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura,* a pessoa generosa receberá de volta ampla recompensa, novamente

sob a forma de dinheiro ou outras coisas valiosas, especialmente recompensas, no céu, no pós-vida. Essa é uma interpretação cristã e espiritual que não deve ser esquecida, mas o sentido original quase certamente era econômico, falando de um *sábio investimento.* As idéias principais são as seguintes:

1. O comércio marítimo, envolvendo longas viagens que podem significar grandes lucros para o comerciante disposto a arriscar-se na aventura.
2. O plantio de arroz no terreno alagado, quando a inundação do rio Nilo baixava, pois essa providência era um bom procedimento agrícola e rendia colheitas abundantes para o plantador.
3. Uma antiga máxima dos hebreus, acerca da *generosidade,* especialmente no caso dos pobres. As sementes da gentileza teriam finalmente recompensa abundante.
4. Um conselho bastante pessimista, no sentido de dar contribuições a causas de caridade e a pessoas carentes, sem muita esperança de receber de volta o que foi dado. "Lança o teu pão na superfície das águas, embora não seja provável encontrá-lo de novo". Contudo, coisas estranhas realmente sucedem, pelo que avança e sê generoso.
5. Um conselho para investir largamente, em diversas coisas, em um jogo cujo nome é dinheiro, e esperar os resultados. O vs. 2, pois, apresentaria a sabedoria dos investimentos múltiplos, por causa da segurança.
6. O Targum afiança que este versículo fala em dar aos pobres marinheiros, com o que a Vulgata Latina concorda. Mas tal interpretação é muito estreita.

A quinta possibilidade, vista à luz do vs. 2, parece ser a correta, embora certa variedade de aplicações seja instrutiva.

11.2

Reparte com sete, e ainda com oito. Quando tiveres de investir, *diversifica.* Emprega o teu dinheiro em sete ou oito (um grande número de empreendimentos) lugares. Visto que não sabes que mal te atingirá neste mundo imprevisível, é melhor que não apliques todo o teu dinheiro em uma única atividade. Põe dinheiro em um banco; compra propriedades, ouro, uma fazenda e animais domésticos; compra uma casa de praia que possas alugar a turistas durante os meses de verão; compra algumas jóias e pedras preciosas; investe em ações de uma companhia sólida.

Cf. a expressão "com sete, e ainda com oito" com Pro. 6.16; 30.7,15,16,18,19, 21-31, que fazem parte dos chamados Provérbios numéricos. Ver especificamente as notas em Pro. 30.7. Cf. também, Jó 5.19 e Amós 1.3–2.6. Esse número significa um número grande, indefinido, isto é, *muitos.*

Tempos Ruins Podem Chegar. Deus controla todas as coisas com as Suas mãos. Ele é a Causa Única, mas a experiência ensina que aquilo que Ele determinou pode ser destrutivo e não apenas beneficente. Portanto, investe o melhor que puderes, em face das *incertezas* do futuro (do ponto de vista humano). Tudo é vaidade, afinal. O dinheiro não significa muito, mas poderás usufruir *conforto.*

11.3

Estando as nuvens cheias, derramam aguaceiro sobre a terra. *Os processos naturais da natureza,* dirigidos pela Vontade Divina, continuam cumprindo seu dever. Esses processos nunca cessam; eles continuam repetindo suas tarefas determinadas. As nuvens são formadas mediante evaporação do mar; elas cobrem a superfície inteira do globo terrestre, depositando suas águas; os rios assim formados precipitam-se para os mares; a evaporação é contínua; a formação das nuvens é contínua; a chuva é contínua; a natureza obedece aos decretos divinos.

E, então, se uma árvore cair (o que também acontece por decreto divino), isso poderá parecer uma orientação arbitrária, na direção sul ou norte, mas até a direção da queda de uma árvore está determinada. Quando a árvore bater no chão, jazerá exatamente onde caiu, o que serve de outra indicação da determinação divina. É ridículo dizer que podem chegar homens para movimentar aquela árvore, isso só estragaria a analogia. O ponto do versículo é que todas as coisas foram ordenadas de antemão, e não há mero acaso. Mas já que não sabemos como as coisas ficarão, se boas ou más, ou quando acontecerão, continuemos a fazer a parte que nos cabe: trabalhar com diligência e esperar pelo melhor. Não tenhamos medo dos ventos, é preciso semear e colher tudo quanto pudermos.

Carma? Alguns estudiosos supõem que a árvore que cai e fica onde caiu seja uma declaração misteriosa acerca de como um homem inevitavelmente colhe aquilo que tiver semeado. Sua vida é como a queda de uma árvore: o que ele tiver feito levará a árvore a permanecer exatamente onde cair. A fortuna de um homem consiste em continuamente encontrar-se consigo mesmo.

11.4

Quem somente observa o vento, nunca semeará. Talvez, para alguns, a natureza não esteja cooperando como deveria, pois atrapalha a agricultura; assim, eles deixam de trabalhar quando deveriam. Não se deve esperar, da natureza, atos de perfeição. O trabalho contínuo e a espera pela cooperação da natureza são o melhor a fazer. O homem temeroso, que continua observando as nuvens e o vento, perderá sua oportunidade. Este versículo encoraja os homens a entrar em ação, a despeito das aparentes incoerências da natureza. Se você fizer o que puder, então talvez Deus abençoe seus esforços; por outra parte, Ele pode não querer abençoá-los. Mas, independentemente do que aconteça, Deus continua no controle das coisas; Ele decreta todas as regras, garante todas as colheitas, bem como todas as falhas de safra. Mas você não sabe o que ele garantiu para você, portanto continue trabalhando e esperando pelo melhor. Outro tanto se aplica a todos os empreendimentos da vida humana, e não somente às atividades agrícolas. "É inútil tentar resguardar-se de todas as falhas possíveis. Exigir certa medida de sucesso, antes de agir, seria a mesma coisa que nunca agir" (Ellicott, *in loc.*).

11.5

Assim como tu não sabes qual o caminho do vento. Encontramos, neste versículo, duas ilustrações das misteriosas operações de Deus na natureza. Considere o leitor estes pontos:

1. O autor continuou a falar sobre o *vento,* e talvez devamos compreender aqui o vento literal. Nesse caso, a primeira parte do vs. 5 simplesmente continua a falar sobre os ventos mencionados no versículo anterior.
2. Alguns estudiosos pensam que se trata de menção ao *sopro da vida* que anima o corpo do embrião que se forma no ventre da mãe. Em outras palavras, temos aqui uma repetição do ato criativo de Deus, em Gên. 2.7, quando Ele insuflou no homem o sopro da vida.
3. Ademais, alguns eruditos supõem que se trate de menção ao espírito humano, unido ao embrião, conforme este cresce. Isso se refere ao *criacionismo* como a explicação da formação do ser humano total. Mas essa idéia é forçada, no versículo, pelo pensamento cristão; ela poderia dar apoio à noção do *traducionismo,* ou seja, o mistério da concepção inclui a parte espiritual, que não é, então, atribuída a um ato direto de Deus. Em outras palavras, Deus criou o homem para reproduzir-se segundo a sua espécie, o corpo e a alma, e isso faz parte natural da procriação. Mas também é forçar, neste versículo, outra doutrina posterior.

Foram os filósofos estóicos que promoveram essa idéia, que veio a tornar-se uma das explicações do cristianismo, quanto ao complexo humano do corpo e da alma. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* os artigos chamados *Criacionismo* e *Traducionismo.* Provavelmente, a primeira destas três posições expressa a interpretação correta.

Além disso, devemos pensar em outro mistério, sobre o qual praticamente nada sabemos, ou seja, como o embrião se desenvolve no ventre materno. Atualmente, sabemos mais do que sabiam os povos antigos, mas nosso conhecimento ainda não encontrou solução para todos os mistérios da concepção. Isso não significa, contudo, que eles não ocorram, ou que os homens não devam procriar, porque isso os faria penetrar em mistérios profundos. Outro tanto se dá com todas as ações e empreendimentos humanos. Os mistérios circundam todas as coisas, mas continuamos agindo e esperando pelo melhor.

Os ossos. Os ossos, estrutura da qual depende o corpo inteiro, foram aqui usados metaforicamente para aludir ao corpo inteiro. Cf. Sal. 102.3, quanto a notas e referências. Ver também, no *Dicionário,* o artigo denominado *Osso(s).*

Tudo faz parte da obra de Deus, os resultados já foram determinados; o homem deve agir, embora para ele as coisas sejam incertas e misteriosas.

11.6

Semeia pela manhã a tua semente. Um agricultor tem de ser ativo *pela manhã e à noite,* semeando e efetuando os atos normais envolvidos na agricultura. O que o agricultor fizer pode dar certo; todas as suas esperanças podem estar de acordo com aquilo que Deus já determinou, mas também podem discordar. Seja como for, ele continua trabalhando e esperando pelo melhor. O labor humano é vão (vs. 8; Eclesiastes 1.3), mas precisamos continuar cumprindo a nossa parte, deixando todas as coisas nas mãos de Deus.

11.7

Doce é a luz, e agradável aos olhos ver o sol. A vida é aparentemente doce e agradável. Desfrutamos a luz do sol brilhando em nosso rosto e a esperança enche nosso coração. A luz do sol é, ao mesmo tempo, doce e agradável, e empresta essas qualidades à vida. Os homens gostam de viver e não antecipam todas as tristezas que poderão vir. Dias de trevas estão chegando, mas, quanto a nós, continuemos a fazer o que pudermos, esperando sempre pelo melhor. Por isso os homens costumam dizer: "É bom estar vivo para desfrutar a luz do dia" (NCV). Se isso envolve uma ilusão, é tudo quanto temos, pelo que devemos viver a vida com atitude positiva. Assim, enquanto puder, desfrute os pequenos prazeres. Esse é o falso *summum bonum* da vida. Ver notas expositivas sobre Eclesiastes 2.24-25, quanto a idéias completas.

11.8

Ainda que o homem viva muitos anos, regozije-se em todos eles. Algum dia explodirá a bolha ilusória do otimismo. As trevas substituirão a deliciosa luz da vida. Tudo deixará de existir. Haverá somente a negridão do nada, então ficará demonstrado aquilo que o triste filósofo procurava dizer o tempo todo: tudo é vaidade. Um homem pode viver muitos anos, desfrutando a luz do sol. Sua vida pode ser doce e agradável, mas o fim predestinado por Deus apagará tudo. Primeiramente, virão dias de trevas, tantos quantos foram os dias de luz. Então, o nada será levado à noite eterna (Eclesiastes 3.18-20). A mesma antiga tese será demonstrada novamente: tudo é vaidade; tudo é inútil; a vida humana não vale a pena ser vivida; os homens morrem como animais; não há pós-vida. Tal era a visão de mundo do triste, louco e mau filósofo, e é ridículo tentar fazer dele um mestre otimista ou ortodoxo. O vs. 8 mostra que o alegado *summum bonum* da vida (os pequenos prazeres da vida, vs. 7) é, realmente, um falso valor. Mas que se pode fazer a respeito disso? Fica-se impotente no meio do pessimismo geral da vida, devendo-se viver uma vida de prazeres moderados. Nada mais existirá para ser feito ou para ser esperado. Esse tipo de vida é o que representa o menor dos males. Portanto, busquemos esse tipo de vida. Cf. Eclesiastes 8.14. E tudo se reduzirá à falta de *sentido*.

11.9

Alegra-te, jovem, na tua juventude. Que podemos dizer agora aos jovens tão plenos de entusiasmo? Devemos dizer-lhes as mesmas coisas que dizemos aos homens maduros. Vocês têm a juventude, usem-na nos pequenos prazeres da vida, animem o coração com as coisas que parecem boas; cumpram o que seus olhos pedem, obtendo coisas boas e agradáveis. Mas Deus implantou no entretecido da própria existência Seus inevitáveis julgamentos contra os excessos. Por outra parte, provavelmente vocês sofrerão grandes reversões, independentemente de viverem em meio a excessos ou de maneira moderada. Contudo, se vocês quiserem tirar proveito dos pequenos prazeres da vida, isso é o melhor que poderão fazer.

Além disso, tentem tirar da mente, enquanto vocês são jovens, o fato da negridão do nada que fatalmente virá. Essa condição em breve chegará. O triste filósofo novamente enfatizou seu *lema* de vida: os prazeres moderados, com os quais um homem poderá apimentar sua vida, para aliviar um pouco suas misérias. Dou notas expositivas completas sobre esse aparente *epicurismo*, em Eclesiastes 2.24-25. A verdadeira posição do autor, entretanto, era a do niilismo: não existem valores reais e duradouros na existência humana. Portanto, temos aqui um pacote entristecedor, como sempre: *Epicurismo* (um valor falso), misturado ao *Pessimismo* (a verdade real das coisas) e ao *Niilismo* (a verdadeira avaliação da vida). Ver esses termos na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*.

O triste filósofo apresentou-nos o falso *summum bonum* da vida. Ele não tinha coisa alguma melhor para dizer, razão pela qual o disse novamente. Sua doutrina era reptiliana. Ele nunca adquiriu asas para voar acima de sua melancólica doutrina.

11.10

Afasta, pois, do teu coração o desgosto e remove da tua carne a dor. O melhor que tu, jovem, podes fazer, é viver os prazeres moderados da vida, enquanto removes de tua mente os dias negros vindouros, que serão seguidos pelo nada absoluto. Não deixes que a vexação de tua mente amargure a tua vida, pois logo tudo ficará amargo. Faze o quanto puderes para aliviar a dor física, porque, se isso sair do controle, terás a amargura de tua vida, mais brevemente do que poderia acontecer. O capítulo 12 mostra que a idade avançada, em breve, azedará a vida por meio da decrepitude; por enquanto, porém, que o jovem combata isso com seu corpo jovem. Que o jovem adie o processo do envelhecimento, tanto quanto possível. Naturalmente, tudo isso é apenas vaidade, mas é o melhor que se pode fazer. A juventude, por si só, já é uma vaidade tão grande quanto a idade avançada, embora isso não pareça tão evidente para os homens; por conseguinte, vivamos *como se* a juventude não fosse um tempo de vazio e vaidade!

A juventude. No hebraico, temos aqui a expressão "alvorecer da vida". A vida tem o seu alvorecer (a juventude), bem como a sua noite (a idade avançada). Ambas as fases são igualmente melancólicas e vãs, mas a juventude parece ser melhor que a idade provecta. Portanto, que os jovens procurem os pequenos prazeres da vida nesse contexto falsamente melhor. A palavra "juventude" (no hebraico, *shakaruth*) ocorre somente aqui, em todo o Antigo Testamento; mas uma expressão hebraica semelhante, que significa *cabelos negros*, encontra-se em Lev. 13.37 e Can. 5.11. Ter cabelos negros é universalmente considerado melhor que ter cabelos brancos (símbolo da idade avançada). De fato, ambas as fases da vida são igualmente vãs. O Targum diz: "A criancice e os dias de cabelos negros são vaidade".

Capítulo Doze

Continuamos aqui com a seção geral que diz que os jovens e os idosos demonstram a inutilidade das coisas (Eclesiastes 11.1 e 12.8). Os vss. 1-8 deste capítulo ilustram graficamente como os homens idosos cumprem seu papel no quadro da vaidade geral: seu corpo vai-se desintegrando, dói e ele sofre até que a morte o arrebata e o conduz ao pó para o qual está predestinado a retornar. Novamente é demonstrado, incansavelmente, que o ser humano veio do pó e ao pó haverá de voltar. Ver Eclesiastes 3.18-20. O *epílogo*, adicionado pelo editor piedoso (vss. 9-14), tenta terminar o livro com uma distorção ortodoxa, a fim de torná-lo mais aceitável aos leitores judeus médios. Mas o triste, louco e mau filósofo termina seu tratado em atitude de desespero, que é a maneira como ele o começou (Eclesiastes 1.3): tudo é vaidade e vexação de espírito, tudo é apenas perseguir o vento, tudo é inutilidade. Alguns intérpretes acreditam que até mesmo esta seção, vss. 1-8, tem certos toques do editor ortodoxo, o qual, periodicamente, tentou corrigir o ponto de vista pessimista do filósofo.

12.1

Lembra-te do teu Criador nos dias da tua mocidade. Antes de chegar ao estado lastimável da idade avançada, o autor sagrado recomenda aos jovens que se lembrem de seu Criador. Diversas interpretações têm sido vinculadas a este versículo:

1. Presumivelmente, com o Criador em sua consciência, o jovem agirá corretamente, guardará a legislação mosaica e viverá, dessa maneira, uma vida longa e próspera (Pro. 4.13; Deu. 4.1; 5.33; Eze. 20.1). Mas se esse for, realmente, o sentido, então é provável que este versículo seja uma glosa por parte do editor piedoso, que tentou fazer o livro de Eclesiastes conformar-se melhor à ortodoxia dos judeus.
2. Ou, então, mediante leve emenda, podemos mudar o Criador por *cisterna*, um sinônimo hebraico para *esposa* (ver Eclesiastes 9.9). Nesse caso, o triste filósofo estava novamente volvendo os olhos para o seu *lema*: viver os pequenos prazeres da vida, um dos quais é viver bem com uma boa esposa.
3. Ou talvez este versículo seja determinista: lembra-te que o teu Criador determinou de antemão todas as coisas. Portanto, vive da melhor maneira que puderes; tira vantagem da tua juventude, pois em breve chegará a noite escura da idade avançada e, então, virá o nada final. Isso nos faria retroceder a Eclesiastes 11.9-10 e formaria, segundo pensamos, uma declaração aceitável por parte do filósofo.
4. Ou, ainda, serve a Deus com o viço da tua juventude; dá o que tens de melhor para o teu Senhor; não Lhe dês as fezes da tua idade avançada; não te tornes piedoso na velhice, entregando a Deus o que tiveres de resto. Se esse é realmente o sentido do versículo, então temos aqui o editor piedoso em ação.

> *Dá de teu melhor ao Mestre,*
> *Dá da força de tua juventude.*
> *Vestido na armadura inteira da salvação,*
> *Junta-te na batalha pela verdade.*
>
> (Sra. Charles Barnard)

Essas palavras expressam um belo sentimento cristão; mas não temos certeza se é isso o que significa a passagem de Eclesiastes 12.1. Talvez a terceira das quatro posições anteriores seja a correta.

"Quando os homens se tornam virtuosos na idade avançada, eles somente fazem a Deus um sacrifício daquilo que o diabo deixou" (Alexander Pope).

12.2

Antes que se escureçam o sol, a lua e as estrelas do esplendor da tua vida. Este versículo reforça o vs. 1 deste capítulo. O sol traz o que é doce e agradável (Eclesiastes 11.7) e a luz (o dia da juventude) fica tão brilhante que enche a vida com uma falsa esperança. Além disso, há o brilho da lua e das estrelas. Todos esses corpos luminosos dão luz a este mundo tenebroso; assim, a juventude tem a sua luz, e faz-se dia ou, pelo menos, uma noite devidamente iluminada. Mas a terra inteira ficará entre trevas quando chegar a noite da idade avançada; então, haverá a noite eterna, quando a morte apagar todas as lâmpadas. E mesmo depois que as chuvas cessarem e o sol romper novamente, luminoso, as nuvens retornarão para criar outra tempestade. Isso posto, a natureza é imprevisível, e a traiçoeira juventude será suplantada pela ainda mais traiçoeira idade avançada. Portanto, o conselho do triste filósofo à juventude é: "Anda na luz da juventude, enquanto ela perdurar", pois a verdade é que não perdurará por longo tempo. Quando você for velho, olhará para trás e dirá: "Como foi que *eu* envelheci?". Você olhará para o espelho e não acreditará no que estiver vendo.

Nada prometo: os amigos se separarão!
Todos as coisas terminarão, pois todas começaram;
E a verdade e a singeleza de coração
São mortais, tal como o homem o é.

(A.E. Housman)

Todos nós nos esforçamos para sua cura,
Mas a morte é a cura de todas as enfermidades.

(Sir Thomas Burton)

Ah! Por certo nada morre,
Mas alguma coisa levanta uma lamentação.

(Lord Byron)

12.3

No dia em que tremerem os guardas da casa. A *casa é o corpo humano.* Nos sonhos e nas visões, uma *casa* com freqüência simboliza o corpo humano. Agora estamos chegando ao exame do que acontece ao corpo (casa) do homem velho. As pessoas que cuidavam da casa, para ter certeza das boas condições de saúde, tomavam precauções para preservar essas boas condições físicas. Mas quando chegavam as tempestades da idade avançada, os guardas do corpo (talvez sejam as mãos e os pés) eram derrotados e postos em fuga. Os homens fortes que tinham por incumbência proteger a casa falhavam quando soldados inimigos se aproximavam e ameaçavam a pessoa de morte. Ou talvez as ameaças partissem de elementos criminosos que invadiam a casa. Assim sendo, o corpo de um homem idoso fica sujeito aos ataques de grande variedade de inimigos que matam seus defensores.

Os *moedores da boca* eram as mulheres que supriam a casa com alimentos. Quando inimigos se aproximavam, os moedores deixavam suas tarefas e fugiam. Essas mulheres representavam as medidas tomadas para preservar a saúde do corpo, como o alimento. O alimento nutre o corpo e o mantém vivo, mas chegaria o tempo em que esse ofício nada significaria. As pessoas olhavam pelas janelas para ver o que estaria ocorrendo do lado de fora; talvez homens maus ficassem sob vigilância, ou talvez isso represente maus acontecimentos. Os moedores, pois, olham para fora, cuidando das tribulações, a fim de evitá-las. Os moedores talvez simbolizem os *olhos* dos homens, que são um dos fatores da defesa do indivíduo. Assim, também esses moedores podiam falhar, conforme o homem envelhecesse. A visão do homem falha, do mesmo modo que as demais faculdades físicas. Mas os moedores também podem ser os dentes, que se enchem de cáries e caem. Esse é um símbolo nos sonhos e nas visões de morte.

"Naquele tempo, teus braços perderão as forças; tuas fortes pernas tornar-se-ão fracas e tortas; teus dentes cairão, e já não poderás mastigar; teus olhos não mais verão com clareza" (NCV). *Símbolos possíveis:* "guardas" = mãos, braços e pernas; "homens outrora fortes" = defesas naturais do corpo; "moedores" = dentes; "teus olhos nas janelas" = olhos.

12.4

Os teus lábios, quais portas da rua. No hebraico, "portas" está no número dual, indicando "portas duplas", ou seja, portas com duas folhas. Poderiam estar em vista os maxilares ou os lábios, ou, mais provavelmente, os *ouvidos.* Os ouvidos também falham quando um homem envelhece. A surdez corta um homem do mundo externo, fato ilustrado inúmeras vezes. Moer os grãos de cereais faz um forte ruído, mas um homem quase surdo não se preocupa com isso. Quando a música está tocando na casa, o pobre homem não pode ouvi-la ou apreciá-la. Ironicamente, porém, o barulho suave dos passarinhos, que cantam ao amanhecer, o despertam e perturbam o seu sono! E assim, o homem idoso não pode descansar à vontade. Devido a muitos anos de formação de hábitos, o homem velho acorda de manhã cedo, mas para quê? Ele nada tem para fazer, exceto continuar ali, deitado, com pensamentos lúgubres. Talvez as "aves" aqui mencionadas sejam os maus presságios. Essas aves levantam suas vozes; o homem, quase surdo, as ouve muito bem. A morte já está a caminho. Cf. Sal. 102.6-7 e Sof. 2.14.

As atividades do dia, no Oriente Próximo e Médio, começavam ao amanhecer, sem relógio despertador. Os galos viviam cantando nessas horas matinais, e outro tanto faziam os pássaros. Os homens levantam-se com o ruído produzido pelas aves, e o homem idoso e doente desperta, mas não tem forças para levantar-se.

12.5

Quando também temeres o que é alto. Mais descrições sobre a lamentável idade avançada e sobre a morte. A essência da declaração é: um homem vive cheio de *temores* e ansiedades, tais como aqueles que atacam as pessoas que temem lugares elevados; ele *temerá* dar um passeio a pé, receando cair e quebrar as pernas frágeis; os cabelos tornam-se *brancos* como as flores de uma amendoeira, pois o dia de sua juventude definitivamente terminou; ele está *aleijado* e, se pode continuar andando, manqueja como se fosse um gafanhoto. Seus *desejos* o abandonam, incluindo-se o impulso sexual, e ele se torna um impotente! Essa é uma das coisas mais temidas pelos homens idosos. Então, o homem morre e isso significa o fim de tudo. Poucos amigos reúnem-se em seu funeral e ali lamentam, talvez artificialmente, a sua morte; mas a maioria dos presentes diz: "Oh, ele era apenas um homem velho, chegou o seu tempo". E amanhã, quem se lembrará dele?

Símbolos Empregados:

1. O *lugar alto* espanta muita gente (e não somente as pessoas idosas); simboliza todas as espécies de coisas que causam ansiedades e temores nos idosos.
2. A *amendoeira,* cuja castanha era um fruto muito apreciado como acepipe, agora tem somente flores brancas, simbolizando as cãs da pessoa idosa. O idoso não tem mais estômago para alimentos saborosos.
3. O *gafanhoto* é um inseto que voa muito bem, mas, se tenta caminhar, só sabe arrastar-se pelo chão. Um homem idoso é como um gafanhoto que perdeu as asas. Ele só se arrasta pelo chão, daquela maneira típica.
4. A *alcaparreira* (tradução da Septuaginta), que supostamente tinha propriedades afrodisíacas, não mais surte efeito no homem idoso. Ele se tornou impotente. Além disso, seu estômago não mais lhe permite comer como antes. De modo geral, seus *desejos* estão amortecidos ou mortos.

Casa eterna. Ou seja, o sepulcro, o lugar do silêncio eterno. Não se encontra aqui a esperança da *vida eterna* e do *lar eterno,* nos céus, embora alguns estudiosos cristianizem este versículo para significar precisamente isso. Tal idéia é completamente estranha ao sistema do triste filósofo (ver Eclesiastes 3.18-20).

12.6

Antes que se rompa o fio de prata. Mais símbolos sobre esta fútil vida terrena:

1. Um *fio de prata* pode ser usado para suspender uma taça preciosa ou outro objeto de decoração. Se esse fio se romper, então o enfeite se despedaçará no chão, tornando-se inútil. Esta parte do presente versículo tem sido tradicionalmente compreendida como o *fio de prata,* uma forma de energia que se parece com uma corrente de prata, corda fina que liga o corpo físico ao corpo espiritual e imaterial, ou alma. Essa energia tem cerca de 5 cm de espessura, parecida com filamentos de eletricidade, que formam uma espécie de cadeia. Trata-se de uma corda umbilical espiritual, e, quando esse fio se rompe, há separação final entre o corpo físico e a alma. É então que a pessoa morre. Esse fio de prata já foi visto por pessoas que têm alguma experiência fora do corpo, ou por aqueles que entram nos primeiros estágios da morte, que se chama "experiências de quase-morte". Ver na *Enciclopédia de Biblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Experiências Perto da Morte.* Ver também, no *Dicionário,* o verbete intitulado *Corda (Cordão) de Prata.* É possível que essa parte do versículo seja um reflexo de antigas experiências nas quais os homens viram essa corda ou fio de prata. Mas é indiscutível que o nosso filósofo pessimista não fazia esse tipo de aplicação da questão. Isso, entretanto, não nega a veracidade de tal experiência.
2. O vaso ou objeto ornamental que estava suspenso pelo fio de prata, quando este se rompeu, se quebrou. Talvez esta parte do versículo seja independente da outra. Um homem pode quebrar acidentalmente um vaso precioso, sem que seja dito como a coisa sucedeu. Isso simboliza a *morte.* O vaso é o homem ou seu corpo. O corpo se "parte", morre, e é o fim da história daquele homem na terra.
3. Um *pote* quebra-se acidentalmente nas mãos de uma mulher que o levara à fonte ou ao poço, e torna-se inútil. Temos aí outra figura simbólica da morte. O pote quebrado não mais contém água em seu interior. Antes, *morreu.*
4. A *roda* junto ao poço, o aparelho que era empregado para tirar água do poço, quebra-se e torna-se inútil. Por semelhante modo, o corpo de um homem, cheio de mecanismos e funções maravilhosas, desconjunta-se completamente e torna-se inútil. O homem está morto. Estabelece-se a putrefação. Talvez a roda (o sarilho), o aparelho que há à beira do poço, faça alusão ao coração.

Bebe, dança, ri e deita-te,
Ama a meia-noite agitada até o fim,
Pois amanhã morreremos.

(Dorothy Parker)

12.7

E o pó volte à terra, como o era, e o espírito volte a Deus, que o deu. Este é um dos mais citados versículos do livro de Eclesiastes, mas os intérpretes não concordam quanto ao seu significado. É claro que o corpo retorna ao pó, conforme encontramos em Eclesiastes 3.18-20. O homem é uma criatura feita de

LEMBRA-TE DO TEU CRIADOR

Lembra-te do Teu criador nos dias da tua mocidade, antes que venham os maus dias e cheguem os anos dos quais dirás: Não tenho neles prazer.

Eclesiastes 12.1

Dá ao Mestre o seu melhor.
Dá a Ele as forças da tua juventude.
Entrega à batalha toda a tua alma.
Jesus deu o exemplo: jovem, corajoso
e invencível foi Ele.
Dá a Ele a tua devoção.
Dá a Ele o melhor que tem.

Mrs. Charles Barnard

Velhice mau-humorada e a juventude não podem coabitar:
A juventude é cheia de prazer;
A velhice é cheia de ansiedades;
A juventude é como um dia de verão;
A velhice é como um dia de inverno.

Shakespeare

A JUVENTUDE

por Samuel Ullman

Uma redação sobre a juventude, escrita por um americano, prendeu a imaginação dos japoneses. Muitos industriais e empresários japoneses carregam uma cópia dessa redação em suas carteiras. A *juventude* é uma jornada espiritual e não uma questão de idade biológica.

A *juventude* não é uma época da vida, é um estado de *espírito*; não é uma questão de bochechas rosadas, lábios vermelhos e joelhos flexíveis, é uma questão de *desejo*, emoções vigorosas; é o frescor das profundas nascentes da vida.

A juventude significa a predominância temperamental da *coragem* sobre a timidez de apetite, da aventura sobre o amor às coisas fáceis. Isso, normalmente, existe mais em um homem de mais de 60 anos do que em um rapaz de 20. Ninguém envelhece meramente em *número* de anos. Envelhecemos por desertarmos os nossos *ideais.*

Os anos podem enrugar a pele, mas desistir do *entusiasmo* enruga a *alma*. Preocupação, medo e falta de autoconfiança rendem o coração e transformam a alma em poeira.

Seja 60 ou 16, em todo coração humano existe o desejo pelo desconhecido, o infalível apetite infantil que vem depois e a felicidade do *jogo da vida*. No centro de seu coração, e do meu, existe uma estação sem fio: enquanto ela receber as mensagens da beleza, da esperança, da felicidade, da coragem e da força dos homens e do *Infinito*, será sempre jovem.

Quando as antenas estiverem no chão, e quando sua alma estiver coberta com as neves do cinismo e com o gelo do pessimismo, então você estará velho, mesmo se tiver 20 anos; mas enquanto suas antenas estiverem erguidas para captar as ondas do otimismo, há esperança de que você morra jovem aos 80.

pó que ao pó retornará. A alusão é à formação do homem do pó da terra (ver Gên. 2.7). Mas um homem, formado do pó da terra, volta ao pó, do qual ele é formado (ver Gên. 3.19).

Os intérpretes não estão de acordo sobre o significado, aqui, da palavra "espírito". Consideremos os pontos abaixo:

1. Este versículo pode ter sido uma adição feita pelo editor piedoso, que agora aproveitava a oportunidade para reverter o pessimismo do triste filósofo. Se ele admitiu que o corpo é temporal e retorna ao pó, também disse que há no homem uma parte imaterial, o espírito (ou alma), que retorna a Deus por ocasião da morte, pois foi Ele quem o deu ao homem; o espírito pertence a Deus. É provável que quando o livro de Eclesiastes foi escrito, idéias gregas e orientais tivessem sido adotadas por alguns judeus: assim, esse tipo de doutrina, que durante séculos foi comum a alguns povos e sistemas, tivesse sido defendida, ao menos, por alguns judeus. A noção da existência da alma começou a penetrar no pensamento dos hebreus nos salmos e profetas, de onde tal ponto de vista não seria anacrônico, para alguns judeus.
2. Quiçá o próprio filósofo, já no final de seu tratado, tenha adotado o ponto de vista mais otimista que aquele que ocorre por ocasião da morte. Essa idéia, entretanto, é altamente improvável. Se houver aqui alguma declaração atinente à sobrevivência da alma, ela pertence ao editor piedoso, e não ao filósofo pessimista que escreveu a maior parte do livro de Eclesiastes.
3. Talvez o triste filósofo seja o autor deste versículo, mas nesse caso ele não falava em sobrevivência da alma. Deus deu ao homem o hálito animador, por ocasião da criação (ver Gên. 2.7), pelo que o homem passou a viver como um ser vivo, animado. Mas quando Deus recolhe o *hálito* do homem, o próprio homem morre, finalmente.

"... é evidente que Salomão não se referia aqui ao retorno de espíritos humanos individuais a Deus, a fim de serem julgados. Descrições similares da morte (como a dissolução do corpo e a retirada do hálito, por parte de Deus) acham-se presentes em Jó 34.14,15 e Sal. 104.29,30. Cf. também Jó 10.9" (Donald R. Glenn, *in loc.*). Em contraste, temos a observação feita por Gaius Glenn Atkins, *in loc.*: "Terra para terra, pó ao pó, por ocasião do sepultamento dos nossos mortos, um réquiem tão antigo como a própria mortalidade e, no entanto, há um resplendor final de esperança que o Koheleth (o pregador) reconheceu; uma esperança que o sepulcro não poderia conter nem a argila dissolver. Pois Deus havia soprado sobre a argila e o homem se tornara um espírito vivo, e aquilo que foi extraído do abismo incomensurável, agora, volta novamente de onde veio".

Um belo objeto serve de alegria para sempre; sua força de atração aumenta; nunca se reduzirá a nada.

(John Keats)

Tenciono chegar a Deus,
Pois é para Deus que viajo tão depressa;
Pois no peito de Deus, meu próprio lar,
Depositarei meu espírito, finalmente.

(Johannes Agricola)

Esses são sentimentos belos e verdadeiros, sem dúvida, mas, se for indagada qual dessas três interpretações é pretendida pelo presente versículo, suponho que seja a de número 3. O triste filósofo permaneceu triste até o fim. Ele não tinha asas, continuou advogando sua doutrina reptiliana. O pó assinala a história à beira do túmulo, mas há sinetes a tocar do outro lado. O triste filósofo, todavia, não os ouvia. O vs. 8 mostra que ele terminou conforme tinha começado, no mais denso pessimismo.

12.8

Vaidade de vaidade, diz o Pregador, tudo é vaidade. Este versículo é uma duplicação de Eclesiastes 1.2, onde há outras notas expositivas. O triste, louco e mau filósofo não cedeu diante da tentação para mudar sua idéia a respeito da completa futilidade da vida humana. Ele via somente o vazio, a solidão e a vaidade em toda a vida humana e seus empreendimentos. Ele assinou seu nome aqui, nos últimos versículos do livro que realmente lhe pertenciam. Um epílogo, por parte de outro autor, segue-se para tentar tornar o livro mais aceitável aos leitores judeus. Isso empresta um toque ortodoxo ao livro, mas o próprio filósofo certamente não era um mestre ortodoxo. Portanto, ele assinou seu nome, ao final, com a mesma nota de pessimismo do começo. Disse ele: "Fui eu, o filósofo, quem disse isto. E repito essa declaração: *tudo é vaidade*". Por conseguinte, se tivermos de confiar nele, devemos desistir da esperança e aceitar a tese tenebrosa de que viver não faz nenhuma diferença, no fim. Todas as coisas se reduzem ao *nada* (Eclesiastes 3.18,20). O homem não é melhor que os animais irracionais e compartilha a mesma sorte deles (Eclesiastes 3.19). Deus predeterminou tudo; isso significa que, usualmente, as coisas correm mal desde o começo, e mesmo não sendo assim, certamente correrão mal no fim (Eclesiastes 3.1-11,16). Deus é a Causa Única de tudo, e todo o mal que sobrevém a uma pessoa está em harmonia com o plano lúgubre de Deus para ela. A redenção consiste em *cessar* a existência, e não em subir para uma vida mais alta, melhor. Se houver algum valor na vida, certamente não será real e duradouro. Prazeres simples são tudo quanto nos resta; esses prazeres são o *summum bonum* da vida humana; mas, quando nos colocamos a examiná-los, verificamos que também são falsos valores (Eclesiastes 2.24-25).

O maior pecado do homem
É que ele nasceu.

(Schopenhauer)

Ver no Dicionário o verbete chamado Problema do Mal, e ver na Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia o artigo chamado Pessimismo.

Tudo é inútil. Diz o mestre: Tudo é inútil.

(NCV)

Sem sentido, sem sentido! Diz o mestre: Tudo é sem sentido.

(NIV)

Quanto a outras notas expositivas que adicionam maiores detalhes à declaração deste versículo, ver Eclesiastes 2.24-25 e também Eclesiastes 1.2.

Epílogo: O Editor Piedoso Tenta Corrigir o Livro (12.9-14)

Quase certamente, os vss. 9-14 foram escritos por um editor ortodoxo que tentou tornar o livro de Eclesiastes mais aceitável à mentalidade dos judeus. Ele acrescentou um *epílogo ortodoxo* ao livro, na tentativa de suavizar a dura mensagem que há em sua maior parte: tudo é vaidade, vazio, futilidade. Alguns estudiosos vêem um editor atuando nos vss. 9-11, e outro editor atuando nos vss. 12-14. Além disso, há em todo o livro uma nota ocasional cujo intuito é suavizar as duras declarações do triste filósofo. É impossível determinar se uma ou mais pessoas estiveram ocupadas no trabalho de correção do livro. Mas é quase certo que alguma edição ocorreu. Por que o livro de Eclesiastes foi aceito no cânon do Antigo Testamento? Ver discussão a respeito na seção VI da *Introdução: Canonicidade*. O editor queria convencer-nos que o *Koheleth* era um bom mestre em sabedoria, um profissional, contanto que ele editasse o material do autor aqui e acolá. Mas ele não pôde ocultar a verdade: o autor era um mau filósofo, não um judeu mestre em sabedoria.

12.9

O Pregador, além de sábio, ainda ensinou ao povo o conhecimento. Qualquer pessoa pode perceber que o homem, agora elogiado pelo editor, não era um verdadeiro sábio. De fato, muitas coisas por ele escritas atacam diretamente os conceitos das escolas de sabedoria. Ele era filósofo com alguma habilidade, mas um filósofo triste, louco e ruim. Sem dúvida, era um homem notável e eloqüente, de grande reputação, e certas pessoas não queriam discernir sua bela peça escrita. Assim, em vez de jogá-la fora, pareceu-lhes melhor corrigi-la um pouco para agradar os leitores judeus e dar-lhes algum conforto mental. O triste filósofo escreveu muito e, aqui e acolá, temos uma jóia de conhecimento. De modo geral, porém, ele simplesmente fez nossa teologia confortável virar de cabeça para baixo, oferecendo um tipo de conhecimento que nenhuma pessoa sã jamais apresentaria. Talvez o livro não tenha sido escrito originalmente para distribuição geral. Pode ter sido um tratado contra os mestres exageradamente sábios das escolas de sabedoria. Mas a obra saiu tão expressiva, que o editor, talvez por ordem do autor, tenha desejado entregá-la "ao povo". Mas, antes que pudesse fazer isso, o editor adicionou suas declarações ortodoxas, na esperança de que o povo não se desanimasse diante da mensagem do livro, colhendo o que lhe fosse útil. A verdade, entretanto, continuou, e apenas algumas passagens puderam agradar ao "sábio". O restante era uma filosofia não-ortodoxa, que seria mais bem ensinada em Atenas do que em Jerusalém.

12.10

Procurou o Pregador achar palavras agradáveis. O editor ortodoxo prossegue com seus elogios ao filósofo não-ortodoxo. Ele era um homem dotado de percepção e expressão, que procurou encontrar *palavras agradáveis*. Ora, isso é uma piada! A última coisa em que o triste filósofo estava interessado era agradar às pessoas. Pelo contrário, ele queria "chocá-las". Além disso, ele não escreveu com "retidão", de acordo com qualquer definição sadia. Pelo contrário, suas declarações pessimistas eram um *desafio* direto ao que os sábios costumavam dizer. Ele não era, como eles, um promotor da sabedoria que vem por intermédio da lei.

De fato, ele negava que a sabedoria fosse possível (Eclesiastes 1.12-18; a sabedoria *não tem sentido*), declarando que ela não pode ser encontrada por nenhum ser humano (Eclesiastes 8.16-17). "O Koheleth nunca sacrificou sua integridade na busca do que era agradável" (O. S. Rankin, *in loc.*).

Além disso, a busca do triste filósofo não era chegar à verdade e, sim, mostrar que a verdade *não pode ser alcançada.* Esse editor diz tantas coisas disparatadas, que nos admira ter ele realmente lido o livro que nós estamos lendo. O nosso filósofo era um *niilista:* não existem valores. E as *verdades* que os sábios buscavam eram essencialmente verdades morais, como aquelas emitidas pela lei. O triste filósofo não era um típico homem da lei, antes, era herético. A única razão pela qual ele não disse coisas piores foi que lhe faltaram idéias e, após o seu rótulo de "sem sentido", em todas as coisas, depositou sobre a mesa a sua pena. De fato, *sem sentido foi a sua assinatura.*

12.11

As palavras dos sábios são como aguilhões. Continuam aqui os elogios do editor ortodoxo ao filósofo não-ortodoxo. Ele foi classificado entre os sábios, e suas declarações foram comparadas a *aguilhões.* Até mesmo animais mudos podem ser direcionados por meio de um aguilhão. Assim, esse sábio estava sempre espetando a morte de seus estudantes, arrancando deles reações obedientes. Ele não se contentava meramente em dizer alguma coisa, queria resultados, e os estava alcançando. Dentro do contexto ortodoxo, isso significa ensinar a lei e tornar certo que os estudantes compreendessem e obedecessem às suas declarações; incluía-se o cumprimento fiel dos ritos, leis e votos regulares no templo de Jerusalém, embora isso fosse menos enfatizado no período posterior da história dos judeus, do que no princípio da história dos israelitas. O triste filósofo, entretanto, não parecia muito preocupado com tais coisas. Não obstante, essa foi a recomendação do editor piedoso.

Além disso, os ensinamentos do filósofo eram como *pregos bem fixados,* que sustentavam firmemente as coisas. O filósofo foi capaz de fixar seus ensinamentos na mente dos alunos. Ademais, foi elogiado como um *pastor,* ou seja, um pastor espiritual de seus estudantes, que seriam as ovelhas. Essa era a avaliação de apreciação predileta entre os rabinos, em favor dos bons mestres e líderes. Isso mostra que o triste filósofo, apesar do negativismo e do pessimismo, era um membro amado da comunidade judaica. É possível que aquilo que ele fazia fosse melhor que aquilo que dizia, ao passo que, no caso da maioria das pessoas, o contrário é que exprime a realidade dos fatos. Entretanto, alguns estudiosos vêem o *Pastor* como se fosse *Deus.* A Revised Standard Version, tal como a nossa versão portuguesa, inicia a palavra Pastor com um "P" maiúsculo. Ele era o manancial mesmo da sabedoria. Além disso, outros eruditos fazem as declarações do triste filósofo parecer coisas fixadas por pregos em uma coletânea. Assim, há várias idéias, mas o significado exato, de partes do presente versículo, permanece na dúvida. Quanto a Deus como Pastor, cf. Gên. 49.24; Sal. 80.1; 95.6,7. O Criador é, igualmente, o Pastor. Ele estava por trás da escola de sabedoria, inspirando ensinamentos e pastoreando estudantes, que eram as Suas ovelhas.

12.12

Demais, filho meu, atenta. Alguns vêem um *epílogo adicional,* por parte de um editor diferente, nestes versículos (vss. 12-14); mas esse trecho poderia ser o tiro final do homem piedoso, que nos forneceu comentários ao longo do livro e, nos vss. 9-10, em uma tentativa de tornar o livro do triste filósofo mais aceitável aos estudantes judeus. Alguns vinculam o vs. 12 ao material que o precede, e fazem dos vss. 13-14 a declaração final. Seja como for, o editor chamou seus leitores de *filhos,* o que faz parte do vocabulário típico das escolas de sabedoria, em que o mestre era um pai espiritual e seus alunos eram filhos espirituais. Ver sobre isso em Pro. 6.1. Poderíamos ter aqui um pai e um filho literais. Ver, porém, Pro. 2.1; 3.1 e 4.1, quanto à metáfora do pai e do filho.

Instruções acerca dos Livros:

1. *Primeiramente, temos de considerar uma simples observação: existem inú*meros livros "lá fora", disponíveis para a leitura, portanto seja um ávido leitor, leia um estoque interminável de livros; haverá muitas coisas que serão instrutivas e valiosas.
2. Ou, então, conforme dizem alguns traduções, *cuidado* com todos os livros que existem lá fora. Leia somente os livros aprovados pelas autoridades competentes. Outros poderão corromper os leitores. Se esse é realmente o sentido da afirmativa, então temos aqui um conselho deveras estranho, pois o que poderia ser menos ortodoxo que o livro do triste filósofo?

A *segunda instrução* será interpretada em harmonia com a nossa compreensão da primeira parte do versículo:

1. Para corresponder à primeira das duas idéias anteriores, devemos compreender que o estudante se cansaria de ler todos os livros disponíveis. Presumivelmente, porém, seus esforços seriam recompensados.
2. Se concordarmos com a segunda idéia anterior, então o editor estava dizendo: "Não desperdice o seu tempo lendo todos aqueles 'outros' livros não-aprovados. Leia tão-somente os livros das escolas de sabedoria, eles serão suficientes para sua edificação. Se essa é a idéia, temos um triste exemplo da *censura* antiga; mas dificilmente poderemos transformar isso na defesa de qualquer tipo de cânon primitivo do Antigo Testamento. Além disso, o editor não estava reivindicando inspiração divina para esses ou para outros livros de sabedoria; apenas os estava recomendando como de leitura proveitosa.

12.13

De tudo que se tem ouvido, a suma é: Teme a Deus. Encontramos aqui a alegada *conclusão* do livro. Mas *essa conclusão* foi preparada pelas escolas ortodoxas de sabedoria, centradas no conhecimento da lei e na sua obediência, tudo fomentado e interpretado pelas escolas de sabedoria. A conclusão do triste filósofo, contudo, vemos em Eclesiastes 12.8: "Vaidade de vaidade... tudo é vaidade". Foi assim também que esse tratado começou (ver Eclesiastes 1.2). Mas, nas escolas de sabedoria, os homens eram homens "da lei". A lei era o guia (Deu. 6.4 ss.); a *lei transmitia vida* (Pro. 4.13); a *sabedoria consistia em conhecer e* obedecer à lei; a lei tornava *distintos* a nação ou o indivíduo. Todos os deveres do indivíduo giravam em torno do conhecimento e da observância da lei. O *summum bonum* do indivíduo sábio e ortodoxo consistia em obedecer à lei. Mas o *summum bonum* do triste filósofo eram os pequenos prazeres da vida (Eclesiastes 2.24-25), e até mesmo isso ele considerava um falso valor. Os homens das escolas de sabedoria consideravam inteiramente possível a obtenção do saber, porquanto a obediência à lei era considerada a própria sabedoria. Mas o triste filósofo não pensava que a sabedoria pudesse ser obtida por homem nenhum (ver Eclesiastes 8.16-17). Os homens das escolas de sabedoria aplicavam o seu conhecimento para o bem, mas o mau filósofo pensava que ninguém era verdadeiramente bom (Eclesiastes 7.16-17). A conclusão que encontramos no vs. 13 seria boa para o *livro de Provérbios, mas, por certo, não é a conclusão a que chegou o filósofo que* escreveu Eclesiastes.

12.14

Porque Deus há de trazer a juízo todas as obras. Este versículo é, por igual modo, contrário ao que o triste filósofo pensava. Para ele, todas as coisas são absolutamente predeterminadas e tendem a manifestar-se como princípios opostos (Eclesiastes 3.1-11). Um homem bom poderia ter um mau destino, ao passo que um homem ruim poderia terminar de maneira próspera e feliz. O que determinaria tais coisas é a vontade inexorável de Deus, e não o que o próprio indivíduo faz. Ver Eclesiastes 3.16,18-20 e 9.11,12. A mensagem deste livro é a de Rom. 9.16: "... não depende de quem quer, ou de quem corre, mas de usar Deus a sua misericórdia". A afirmação das escolas de sabedoria era que um homem colhe aquilo que semeia. Mas a afirmação do louco filósofo era que um homem bom colhe o mal, ao passo que o homem ruim colhe o bem. Não obstante, ambos terminam no nada da morte, indistintamente (Eclesiastes 3.19-20; ver também Eclesiastes 8.10-14). O vs. 14 é especialmente pertinente neste contexto. Todas essas vãs condições e acontecimentos teriam inspirado o triste filósofo a apresentar o seu *summum bonum* da vida humana como os pequenos prazeres. Ver esse pensamento em Eclesiastes 2.24,25; 3.12,22; 5.17; 8.15; 9.7-10; 10.19; 11.7,9,11 e 12.1. Mas até mesmo a isso ele chamou de falso valor. O nosso filósofo era um *niilista,* não uma figura das escolas de sabedoria, e não há como reconciliar os livros de Provérbios e Eclesiastes, na filosofia básica.

Idéias-chaves do Livro de Eclesiastes. Pessimismo, niilismo, epicurismo, determinismo (ver sobre todas essas coisas na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*). Essas *não* eram as idéias-chaves do judaísmo ortodoxo, excetuando-se o "determinismo", que usualmente era diferente, porquanto não era aplicado tão *radicalmente.*

LIVROS

Não há limite para fazer livros, e o muito estudar é enfado da carne.

Eclesiastes 12.12

Nunca li um livro que não me transformou - um pouco.

John Updike

Quando vieres, traze a capa que deixei em Trôade, em casa de Carpo, e os livros, especialmente os pergaminhos.

O Apóstolo Paulo, II Timóteo 4.13

O meio mais efetivo de comunicação e o mais nobre,
A despeito de toda nossa modernidade, ainda é O LIVRO.

Russell Champlin

Aquele que mata um homem mata uma criatura racional de Deus. Mas aquele que destrói um bom livro, mata a própria razão.

Areopagítica

Um bom livro é o precioso sangue da vida de um espírito-mestre, um tesouro que versa sobre a vida além da vida.

Areopagica

Ó Deus! Que alguém pudesse ler o livro do destino!

Shakespeare

Então se abriram livros. Ainda outro livro, o livro da vida foi aberto.
E os mortos foram julgados, segundo suas obras.

Apocalipse 20.12